UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM POLÍTICAS SOCIAIS

SIMONE MACHADO DE ATHAYDE

POLÍTICAS SOCIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: TURISMO PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE ALEGRE - ES

Campos dos Goytacazes - RJ

JUNHO/2014

POLÍTICAS SOCIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: TURISMO PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE ALEGRE - ES

SIMONE MACHADO DE ATHAYDE

Dissertação de mestrado apresentado ao programa de pós-graduação em Políticas Sociais da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como exigência para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

Orientadora: Profª.Dr.ªLilianSagioCezar
Coorientador: Prof. Dr. Leandro Garcia Pinho

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO - UENF
CAMPOS DOS GOYTACAZES – RJ
JUNHO/ 2014

POLÍTICAS SOCIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: TURISMO PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE ALEGRE - ES

SIMONE MACHADO DE ATHAYDE

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências do Homem, da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, como exigência para obtenção do título de Mestre em Políticas Sociais.

Aprovado em: 30/07/2014

Comissão Examinadora

_____

Prof. Dr.Eduardo Quintana
Doutor em Educação
Universidade Federal Fluminense

_____

Prof.ª Dr.ª Maria Clareth Gonçalves Reis
Doutora em Educação
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

_____

Prof. ª Sonia Martins de Almeida Nogueira
Doutora em Educação
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

_____

Prof. Dr. Leandro Garcia Pinho
Doutor em Ciência da Religião
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

_____

Prof.ª Dr.ª Lilian Sagio Cezar
Doutora em Antropologia
Universidade Estadual Norte Fluminense Darcy Ribeiro

AGRADECIMENTOS

Leonardo Boff nos diz que é na acolhida ou na rejeição, na aliança ou na hostilidade para com o rosto do outro que se estabelecem as relações mais primárias do ser humano e se decidem as tendências de dominação ou cooperação. Assim, durante o percurso da construção deste trabalho, estabeleci verdadeiras e significativas relações com aqueles que não só diretamente contribuíram para sua realização, mas, com todos que estiveram comigo e que, nos momentos de ansiedade, fragilidades e decisões foram meus parceiros, apoiando-me de diversas formas possíveis no decorrer desse percurso.

Retomarei o diaque considero um dos momentos mais felizes da minha vida, repleto de emoções baseadas nos elementos da narrativa: O quê? Havia sido aprovada no Mestrado em Políticas Sociais; Onde? Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF; Como? Estudando e me dedicando muito. Quando? Março de 2012; Por quê? Porque era um sonho. Não imaginava que seria possível! Confesso que fiquei muito emocionada, lisonjeada.

Como bem disse Fernando Pessoa, em seu texto “Começar de Novo”:

> *“Persiga um sonho, mas não o deixe viver sozinho. Descubra-se todos os dias, deixe-se levar pelas vontades, mas não enlouqueça por elas. Procure, sempre procure o fim de uma história, seja ela qual for. Dê um sorriso para quem esqueceu como se faz isso. Acelere seus pensamentos, mas não permita que eles te consumam. Olhe para o lado, alguém precisa de você. Abasteça seu coração de fé, não a perca nunca. Mergulhe de cabeça nos seus desejos e satisfaça-os. Procure os seus caminhos, mas não magoe ninguém nessa procura. Arrependa-se, volte atrás, peça perdão! Não se acostume com o que não o faz feliz, revolte-se quando julgar necessário. Alague seu coração de esperanças, mas não deixe que ele se afogue nelas. Se achar que precisa voltar, volte! Se perceber que precisa seguir, siga! Se estiver tudo errado, comece novamente. Se estiver tudo certo, continue. Se sentir saudades, mate-as! Se perder um amor, não se perca! Se achá-lo, segure-o!”*

Eu segurei meu sonho: venci o Mestrado, graças a Deus!Carlos Drummond de Andrade baliza meu fazer:

Há um tempo que é preciso abandonar as roupas usadas... que já têm a forma do nosso corpo... e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares".

Acredito que, ao ingressar no Mestrado, tive a oportunidade de abandonar antigos formatos de "roupas" e trilharnovos caminhos.

No decorrer desses anos,fui capaz de construir, com meus colegas de turma, meus sábios professores e com todos os envolvidos em minha pesquisa de campo, não uma casa muito engraçada, que não tinha teto, que não tinha nada, como Vinícius de Moraes menciona em seu poema “A Casa”, mas, tive a oportunidade de construir um prédio de conhecimento, em que o “Último Andar”, poetizado por Cecília Meireles, proporcionou-me uma visão holística dos saberes que perpassam a linha de pesquisa escolhida para a realização deste trabalho: política, cultura e conhecimento.

Assim, agradeço,ao meu Deus, pela força, sabedoria e conquista; à minha mãe Marilza que, com palavras e atitudes, incentivou-me nas inúmeras idas e voltas a Campos - mais uma vez, obrigada, mãe! Agradeço ao meu pai, Carlos Alberto que, mesmo não estando mais entre nós, era lembrado durante os momentos de alegria e angústia que vivenciei.

Agradeço à minha filha, Anna Elisa, pela paciência, por compreender minha ausência,mesmo nos momentos em que minha presença se fazia necessária; aos meus irmãos, Cyntia e Ricardo, pelas palavras de conforto e apoio. Vocês moram no meu coração!

Agradeço à minha amiga Cláudia, grande companheira de trajetória deste Mestrado. Quantas aflições, emoções e vitórias compartilhadas!

Agradeço a Cristina Lens, a Cristiane Paris, a Maria Deuceny Lopes e a Roselane de Lima Barreira, pela amizade e por acreditarem no meu profissional. Muito obrigada!

Agradeço a Bolsa de Estudo FAPERJ, sem a qual tudo seria mais difícil; à Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF).

Um agradecimento especial a minha orientadora, Drª. Lilian Sagio Cezar, pela dedicação, empenho, compreensão e paciência em todo processo de pesquisa e em todos esses anos de muito trabalho e convivência.

Ao meu coorientador, Leandro Garcia Pinho,agradeço por confiar e acreditar em meu potencial e por ter sempre uma palavra assertiva e amiga.

Clarice Lispector revela, em uma de suas crônicas, que a felicidade aparece para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam em nossa vida, vocês, Lilian e Leandro, passaram em minha vida - não será por acaso que permanecerão.

Agradeço aos membros da banca examinadora: Prof. Drª. Lilian Sagio Cezar, Prof. Drª. Maria Clareth Gonçalves Reis, Prof. Dr. Leandro Garcia Pinho e a Prof. Drª Sonia Martins de Almeida Nogueira, por terem aceitado meu convite e por cada sugestão, apontamento e crítica pertinentes para melhoria do trabalho.

Finalmente, fica minha gratidão também aos moradores da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, em especial, ao casal Leonardo - Luzia Ventura e a Maria Laurinda Adão, pessoas de grande importância na realização deste trabalho. Obrigada por terem caminhado comigo!

A todos, meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

PARTE I – ANDANÇAS E FESTA EM MONTE ALEGRE: TRAJETÓRIA DE PESQUISA 11

1.1 Contextualização 12

1.2 Metodologia e descrição do processo de pesquisa 21

PARTE II – DOS QUILOMBOS NO BRASIL AO QUILOMBO DE MONTE ALEGRE 26

2.1 Quilombo: rebeldia e resistência à Política Pública 27

2.2 Monte Alegre 38

2.3 Turismo e Política Pública em Monte Alegre 43

PARTE III – ESCOLAS VISITAM O QUILOMBO DE MONTE ALEGRE 69

3.1 Turismo pedagógico: uma prática engajada nos estudos de CélestinFreinet 70

3.2 Turismo Étnico, Cultural e Ambiental: o percurso da visita 75

3.3 Aula-passeio: descrição e análise 84

3.4 “Raiar da Liberdade” como experiência educativa 92

CONSIDERAÇÕES FINAIS 102

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 112

POLÍTICAS SOCIAIS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: TURISMO PEDAGÓGICO NA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE ALEGRE - ES

Resumo: Esta dissertação tem como objetivo investigar dois tipos de atividades de turismo pedagógico desenvolvidos por membros da comunidade Quilombola de Monte Alegre, localizada no município de Cachoeiro do Itapemirim, ES. Questiona-seaté que ponto tais atividades de turismo pedagógico estão em consonância com o cumprimento da Lei 11.645/2008, que estabelece a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena na Educação Básica. O processo de pesquisa revelou que a comunidade quilombola está dividida a partir das matrizes religiosas, em dois subgrupos distintos: um de caráter afro-brasileiro e outro,de perfil cristão protestante. Essa divisão estabelece um intrincado processo de construção de símbolos que pautam as atividades de turismo pedagógico, conferindo-lhes distintas inflexões aos conceitos de cultura afro-brasileira e às formas de rebeldia e resistência coerentes com o próprio conceito de quilombo.

Palavras-chave: Políticas Sociais. Lei 11.645/2008. Turismo Pedagógico. Comunidade Remanescente de quilombo. Quilombo.

SOCIAL POLICIES AND AFRO-BRAZILIAN CULTURE: PEDAGOGICAL TURISM IN QUILOMBO COMMUNITY IN MONTE ALEGRE - ES

Abstract: This thesis aims to investigate two types of tourism activities teaching developed by members of the Black community in Monte Alegre, located in Cachoeiro do Itapemirim city ES. We have questioned to what extent such tourism activities are pedagogical in accordance to Law enforcement 11,645 / 2008 that established the obligation of thematic History and Culture, Afro- Brazilian and Indigenous in Basic Education. The research process revealed that the black community is divided from the religious arrays, in two distinct subgroups, a character of afro-Brazilian and other Christian protestant. This division establishes an intricate construction process of symbols that governs the pedagogical tourism training activities, giving distinct inflections to concepts of afro-Brazilian culture and the forms of rebellion and resistance comparable to the quilombo concept itself.

Keywords: Social Policies. Law 11,645 /2008. Educational Tourism. Reminiscent of a Maroon community. Quilombo.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Propriedade de Leonardo Ventura chamada “Lírio do Campo” - O Quilombo de Monte Alegre 15
Figura 2: Mapa de Monte Alegre 28
Figura 3: *Folder* de apresentação do Projeto “Comunidade Quilombola de Monte Alegre..... 36
Figura 4: Página 1 do *Folder*..... 38
Figura 5: Página 2 do *Folder*..... 42
Figura 6: Página 3 do *Folder*..... 44
Figura 7: Página 4 do *Folder*..... 48
Figura 8: Página 5 do *Folder*..... 51
Figura 9: Página 6 do *Folder*..... 54
Figura 10: Página7 do *Folder*..... 56
Figura 11: O verso da página 7 do *Folder*..... 57
Figura 12: Estudantes vivenciando a trilha na Floresta Nacional de Pacotuba 59
Figura 13: Leonardo Ventura 66
Figura 14: Maria Laurinda Adão 82

ÍNDICE DE SIGLAS

ABA – Associação Brasileira de Antropologia

ACREQMA – Associação Comunitária dos Remanescentes de Quilombo de Monte Alegre

ADCT – Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

CDA- Compra Direta de Alimentos

CNPIR – Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial

EAFA – Escola Agrotécnica Federal de Alegre

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAFIA –Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre

FCP – Fundação Cultural Palmares

FIPIR – Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde

IEMA – Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos

IN – Instrução Normativa

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INFC – Instituto Novas Fronteiras da Cooperação

IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

MinC – Minstério da Cultura

OIT – Organização Internacional do Trabalho

PBQ - Programa Brasil Quilombola

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

PNAE – Plano Nacional de Alimentação Escolar

PNPIR – Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial

SECAD – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade

SECADI – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

PARTE I

Andanças e Festa em Monte Alegre:
Trajetória de Pesquisa

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

O presente trabalho pretende dar conta de três grandes eixos temáticos a saber: Políticas Sociais, Cultura Afro-brasileira e Turismo Pedagógico. Sabe-se que eles, por si só, apresentam especificidades que não poderiam se encerrar de maneira simplista. Dessa forma, delimita-se o sentido dos mesmos como norteadores desta dissertação, engajada na Linha de Pesquisa Política, Cultura e Conhecimento. Esse enfoque objetiva discutir questões relativas ao conhecimento e a sua importância na sociedade, sinalizando as tensões da participação e da regulação nos processos de produção e de distribuição de bens sociais, culturais e políticos.

Compreende-se que a sociedade civil brasileira está cada vez mais articulada, ativa e exigente quanto àreal participação cidadã na concepção e implementação de políticas públicas, transparência, controle social, elementos fundamentais à plena cidadania. A expressão política social foi, inicialmente, usada por Marshall (1976),para ampliar o escopo da análise da cidadania, enfocando os limites, contradições e desigualdades gerados pelo mercado e não solucionados - ou superados - a partir do exercício da democracia. A partir dos escritos de Marshall, diferentes conceituações de políticas sociais e públicas passaram a nortear as pesquisas, não só a partir da análise da política como esfera do exercício do poder decisório e estatal, como, também, a partir do reconhecimento de novos sujeitos e relações atuantes na sociedade civil, por meio de organizações populares e movimentos sociais.

Para fins analíticos, o termo políticas sociais será abordado como coincidente conceito de políticas públicas, entendendo que:

> Políticas públicas são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público, sociedade e Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamento) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos. Nem sempre porém, há compatibilidade entre as intervenções e declarações de vontade e as ações desenvolvidas. Devem ser consideradas também as “não-ações”, as omissões, como formas de manifestação de políticas, pois representam opções e orientações dos que ocupam cargos(...) As políticas públicas visam responder a demandas, principalmente dos setores marginalizados da sociedade, considerados como

> vulneráveis. Essas demandas são interpretadas por aqueles que ocupam o poder, mas influenciadas por uma agenda que se cria na sociedade civil através da pressão e mobilização social. Visam ampliar e efetivar direitos de cidadania, também gestados nas lutas sociais e que passam a ser reconhecidos institucionalmente" (TEIXEIRA, 2002, p.02-03).

A implementação da Lei nº 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira no ensino fundamental e médio do país, constituiu-se em política pública voltada para a promoção da igualdade racial no Brasil. Essa política é fruto de intenso processo de pressão e luta reivindicatória desempenhada pelo Movimento Negro e por setores da academia brasileira e da educação nacional.

É importante destacarque a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008[1], altera a lei 10.639 de 2003 que, por sua vez, modificou a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996,ao estabelecer as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir, no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e **Indígena**".

> Art.1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:
> "Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.
> § 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
> § 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras." (NR)
> Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.
> Brasília, 10 de março de 2008; 187º da Independência e 120º da República.

Ainda que os textos legais referentes à Lei 10.639/2003 e 11.645/2008 exijam que, a partir de sua implementação, seja incluída, nos currículos

[1] Disponível em:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 18 de dezembro. 2013.

escolares, a abordagem da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira a partir do enfoque do protagonismo do negro e do ameríndio, verifica-se que,na prática cotidiana das escolas, há despreparo e falta de empenho em relação à abordagem cotidiana e transversal dessas temáticas.

Contribui, para esse cenário, a abordagem do tema cultura que, ao longo do último século, foi conceituado de diferentes e contraditórias maneiras. No início do século XX, a Antropologia Americana defendeu que cultura poderia ser concebida como um conjunto de traços distinguíveis entre si, constituídos por conhecimentos, crenças, leis, arte, costumes, capacidades e hábitos, que poderiam ser perdidos ou tomados de empréstimo de populações vizinhas.

Desde então, o conceito de cultura sofreu alterações profundas que permitiram compreender e respeitar as especificidades de cada uma das inúmeras culturas existentes no mundo em seu tempo, espaço e na relação dessas com as demais culturas, portanto, em pleno processo de transformação, compreendendo que isso não implica perdas ou aculturação. Segundo tal abordagem, o que define uma cultura não são seus traços constitutivos, mas sim, o estabelecimento da fronteira entre uma e outra, o que é feito pela atribuição da diferença, pelos traços diacríticos e distintivos, escolhidos por seus atores contextualmente, sendo esses traços maleáveis, flexíveis e delimitadores de identidades (CARNEIRO. C, 1986; COHN, C., 2001).

Compreende-se cultura como o conceito que “denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas, expressas em formas simbólicas por meio dos quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida” (GEERTZ 1989, p. 103).

No caso da presente pesquisa, investiga-sea especificidade da afirmação da cultura afro-brasileira realizada por quilombolas a partir de atividades de turismo pedagógico desenvolvidas para instituições - escolas e universidades - públicas e privadas. A cultura afro-brasileira, aqui, afirma-se tanto pela atividade pedagógica como pela autodefinição da comunidade enquanto comunidade remanescente de quilombo. Esse processo é reconhecido pela Fundação Palmares a partir de política pública focada nas demandas e reivindicações da

população negra em reconhecimento à privação de acesso a oportunidades iguais, mesmo após o fim da escravidão.

A Comunidade Quilombola de Monte Alegre[2] está localizada à 38Km da sede do Município de Cachoeiro de Itapemirim – ES; possui uma área de 892km², com uma população aproximada de 201.259 habitantes, segundo dados IBGE para o ano de 2009.

Num vale cortadode noroeste a sul pelo Ribeirão Floresta, afluente do Rio Itapemirim, o Quilombo Monte Alegre está cercado por vários morros. É uma comunidade rural da zona do distrito de Pacotuba, formada no final do século XIX, por volta de 1888, ano da Abolição da Escravatura no país.

A Comunidade Quilombola de Monte Alegre desenvolve, desde o ano de 2005,diferentes atividades que favorecem seu desenvolvimento econômico, dentre elas,a atividade de “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental”, coordenada por Leonardo Ventura. Essa atividade objetiva apresentar a cultura afrodescendente, bem como a área ambiental aos visitantesdo quilombo que, em sua maioria, são estudantes de escolas públicas e privadas. O valor pago por cada visitante é de R$29,00 (vinte e nove reais), tendo o visitante direito a café da manhã, apresentação cultural, caminhada pela mata adjacente ao quilombo pertencente à Floresta Nacional de Pacotuba e almoço. Durante a visita, são vendidosartesanatos feitos por algumas famílias monte-alegrenses (como, por exemplo, bonecas de panonegras) e doces (como cocada e pé-de-moleque). Tais atividades trazem visibilidade ao trabalho realizado pelos monte-alegrenses.

Dialogar sobre as visitas realizadas pelas escolas à Comunidade Quilombola de Monte Alegre, faz - me rememorar duas práticas pedagógicas: a primeira diz respeito ao trabalho que realizava com a turma do segundo ano do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano), da rede particular de ensino de Cachoeiro de Itapemirim (ES), no ano de 2007, ministrando as disciplinas do núcleo comum, quando tive a oportunidade de visitar essa comunidade com minha turma. Recordo-me de que o trabalho para a realização dessa visita não visava colocar em prática oque regia a Lei n° 10.639/2003, alterada pela Lei 11.645/2008. Fomos à comunidade de Monte Alegre simplesmente com o objetivo de cumprir um

[2] Os membros da comunidade se auto denominam “Comunidade Quilombola de Monte Alegre”, apesar de nos termos da lei o conceito ser de Comunidade Remanescente de Quilombo.

agendamento com Leonardo Ventura, efetivado pela coordenadora de ensino dessa escola.

Ao chegarmos à Monte Alegre, fomos surpreendidos com uma minuciosa explicação ministrada por Leonardo Ventura, que narrou o contexto histórico da comunidade. Segundo ele, estávamos conhecendo um quilombo que não faz parte das representações explicitadas nos livros didáticos.

Segundo Brandão (2007, p. 47), “a educação do homem existe por toda parte e, muito mais do que a escola". Sendo assim, ela "é o resultado da ação de todo o meio sociocultural sobre os seus participantes". Para ficar mais claro, nota-se que "é o exercício de viver e conviver o que educa. E a escola de qualquer tipo é apenas um lugar e um momento provisórios onde isto pode acontecer". Seguindo esse raciocínio, "é a comunidade quem responde pelo trabalho de fazer com que tudo o que pode ser vivido-e-aprendido da cultura seja ensinado com a vida – e também com a aula – ao educando”.

Hoje, passados alguns anos do primeiro contato que tive com a experiência em Monte Alegre, verifico que o trabalho baseado na implementação da Lei n° 10.639/2003, que visa à valorização da história e cultura afro-brasileira e africana, não fora realizado naquele momento. Confesso que desconhecia essa lei, bem como a coordenadora de ensino que, na época, assessorava-me.

De uma maneira informal, baseada numa educação não escolarizada, Ventura aproveita as visitas, para expor, aos estudantes, uma ideia do que foi o quilombo no passado e a importância do reconhecimento como comunidade remanescente de quilombo para os monte-alegrenses. Ele recorda os momentos financeiros difíceis e a falta de acesso às oportunidades de trabalho e de geração de renda, ocasionados pela falta de reconhecimento da importância da comunidade antes deles se tornarem quilombolas. Cheio de orgulho, conta aos estudantes sobre o trabalho feito, os prêmios ganhos e o exemplo de sucesso que o Quilombo de Monte Alegre se tornou nos últimos anos a partir da ação e do protagonismo dos membros da comunidade na articulação política.

O trabalho desenvolvido a partir do Turismo Pedagógico em Monte Alegre me impulsionou a (re) significar minha prática pedagógica, especificamente, nas aulas de que envolvem o conteúdo História. Segundo Pinho et. al (2003, p. 03):

> As mudanças no ensino de História, sem dúvida, devem ser buscadas pelo coletivo de professores e apontam para a necessidade da superação de abordagens tradicionais, ainda presentes na sala de aula do Ensino Fundamental, o que significa caminhar na direção de práticas pedagógicas que privilegiem um fazer histórico como: possibilidade de libertação de verdades cristalizadas; possibilidade de leitura diferenciada da história tradicional; uma forma de racionalidade instrumental; uma valorização das dimensões sócio-cultural, política, humanística e "emancipatória" e uma apropriação do conhecimento histórico e de seus vínculos com a realidade.

Nesse contexto específico, (re) significar minha prática pedagógica implicou proporcionar aos estudantes o acesso a experiências significativas capazes de ampliar seu acervo cultural, sua criticidade, sua autonomia, redimensionando suas formas de ser, pensar e agir na sociedade. Também deflagrou a realização e defesa desta dissertação de mestrado.

A segunda experiência pedagógica refere-se à visita que fiz com os acadêmicos do 4º período de Pedagogia, no ano de 2010, com o objetivo de vivenciar o trabalhodos temas a serem explorados na Educação Infantil, abordados no componente curricular Fundamentos e Métodos da Geografia: Organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar; Os lugares e suas paisagens; Objetos e processos de transformação; Os seres vivos e Fenômenos da natureza:

> Muitos são os temas pelos quais as crianças se interessam: pequenos animais, bichos de jardim, dinossauros, tempestades, tubarões, castelos, heróis, festas da cidade, programas de TV, notícias da atualidade, histórias de outros tempos etc. As vivências sociais, as histórias, os modos de vida, os lugares e mundo natural são para as crianças parte de um todo integrado. (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, 1998, p. 163).

É importante destacar que tal visita só foi possível, porque já sabia da existência dessa comunidade.

Tais práticas serviram de motivação para a escolhado tema desta pesquisa, pois tive a oportunidade de conhecer um quilombo que é invisível aos estudos contemplados nolivro didático adotado pela instituição a qual lecionava,bem como excluso das discussões que eram estabelecidas em sala de aula do Ensino Fundamental I.

Percebe-se que essa invisibilidade ainda perpassa as práticas de alguns profissionais da educação. Atualmente, quando tenho a chance de mencionar minha

pesquisa,no espaço acadêmico, especificamente no curso de Pedagogia, a maioria dos acadêmicos desconhece a Comunidade Quilombola de Monte Alegre e fazem a seguinte pergunta: Quilombo ainda existe?

Uma segunda atividade de turismo pedagógico investigada está relacionada à festa do “Raiar da Liberdade”, comemorada no dia 13 de maio, na comunidade de Monte Alegre, a partir da iniciativa da líder comunitária Maria Laurinda Adão. Essa açãoatrai público multifacetado - grande parte dos moradores de Monte Alegre;estudantes e professores do ensino médio e universitários; personalidades políticas locais e pesquisadores, entre outros visitantes.

Essas visitas acabaram se tornando parte da rotina de atividades extra-escolares por estarem pautadas em ações intencionais que se fazem coincidir com estratégias didático-pedagógicas de ensino. Buscou-se verificar se tais visitas aderem ao cumprimento da prerrogativa da Lei 11.645/2008 – a de proporcionar a inclusão, no currículo oficial da Rede de Ensino,do estudo da temática “História de Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena na Educação Básica”.

A trajetória da pesquisa perpassou pela investigação e descrição das atividades desenvolvidas nessa comunidade, seus rituais e festas. Investigo quais são os conteúdos abordados durante as visitas das escolasnessa espécie de “Turismo Pedagógico” e se esses são suficientes, para realizar uma educação a respeito de conteúdos da história e cultura afro-brasileira.

A pesquisa desenvolvida possui três focos de interlocução: 1- os sujeitos que habitam a comunidade quilombola de Monte Alegre, buscando compreender seu modo de ser, pensar e agir; 2 - os sujeitos que estão de fora, nesse caso, estudantes e professores que têm oportunidade de realizar “visitas” com o objetivo de conhecer essa comunidade remanescente de quilombo e, finalmente,3 – como se dá o encontro entrequilombolas, estudantes e professores durante as visitas.

De acordo com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2010, p. 07), documento elaborado pelo Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD), que traz, em seu texto, o “detalhamento de uma política educacional que reconhece a diversidade étnico-racial, em correlação com faixa etária e com situações específicas de cada nível de ensino”, pode-se constatar que “os quilombos nos remetem a vários tempos e espaços históricos, em primeiro lugar, à África do século XVII. Levam-nos, também, ao Brasil do final do século XVI e aos séculos seguintes".

Assim, "enquanto durou a escravidão institucionalizada, existiram quilombos (ou mocambos) no litoral do Norte ao Sul do país, especialmente nas áreas de plantações de cana-de-açúcar, arroz, cacau e nas armações baleeiras" (2013, p. 143-144).

Apesar da grande importância desses agrupamentos humanos que, historicamente, formaram-se no Brasil, ainda hoje, não há um conhecimento nem reconhecimento satisfatório por parte dos diferentes sistemas de ensino em relação à contribuição desses povos que marcaram nossa história de maneira significativa. Assim, vale ressaltar que ações vêm sendo tomadas no sentido de dirimir essas e outras temáticas ainda tratadas de forma errônea e incipiente em nossos currículos escolares. Reconhecemos isso em propostas como a apresentada pelo MEC (Ministério da Educação), por intermédio do Decreto Nº 7.690, de 2 de março de 2012[3]. Por esse decreto, o MEC substituiu a SECAD pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI) que, em articulação com os sistemas de ensino, implementa políticas educacionais nas áreas de alfabetização e educação de jovens e adultos, educação ambiental, educação em direitos humanos, educação especial, do campo, escolar indígena, quilombola e educação para as relações étnico-raciais. O objetivo da SECADI é contribuir para o desenvolvimento inclusivo dos sistemas de ensino, voltado à valorização das diferenças e da diversidade; à promoção da educação inclusiva, dos direitos humanos e da sustentabilidade sócio-ambiental, visando à efetivação de políticas públicas transversais e intersetoriais[4].

Pensando nesse panorama, questiono até que ponto as atividades de turismo, vivenciadas pelas escolas no quilombo de Monte Alegre, constituem uma forma de assegurar a implementaçãodo trabalho pedagógico pautado na Lei nº 11.645/2008.

O termo dessa lei é fundamental para a pesquisa aqui proposta, uma vez que é a partir da comparação entre eles e as práticas pedagógicas, desenvolvidas a partir das visitas de estudantes ao quilombo de Monte Alegre, que poderemos compreender as especificidades dessas ações. Além disso, será verificado o

[3] Aprova a Estrutura Regimental e o Quadro Demonstrativo dos Cargos em Comissão e das Funções Gratificadas do Ministério da Educação. Disponível em http://www.planalto.gov.br. Acesso em 27 de dezembro. 2013.
[4] Disponível em :http://portal.mec.gov.br.Acesso em 27 de dezembro. 2013.

alcance dessa articulação para a compreensão ampliada da História do Brasil -não como uma linha uniforme do tempo marcado por eventos importantes para a elite política, econômica, mas como uma história em que também se verifica o protagonismo do negro e do índio (mesmo que a ênfase se trate aqui no primeiro grupo) diante de processos de escravização, opressão e exclusão das esferas econômicas, políticas, religiosas e sociais.

O Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2013, p. 30) afirma que:

> Os povos e comunidades tradicionais de matriz africana são vítimas de violações de seus direitos sociais, políticos, econômicos e culturais. A garantia de seus direitos não se efetiva sem o reconhecimento de sua contribuição na construção do Brasil e a valorização da ancestralidade que estabelece vínculos identitários entre o continente africano e o Brasil. Neste sentido, a adoção de medidas de valorização da cultura, da história e da tradição africana no Brasil, a garantia de mecanismos eficazes de participação e monitoramento das políticas públicas e a implementação de instrumentos de enfretamento ao racismo institucional são fundamentais para o combate às iniquidades raciais existentes em diversos níveis sociais.

A História deve ser ensinada do ponto de vista da integração dos diversos estudos sobre as relações estabelecidas entre o presente e o passado, entre o local, o regional, o nacional e o mundial.

A presente dissertação está dividida em três partes com o objetivo de facilitar o processo de compreensão teórica e metodológica. Nesse sentido, a primeira é contemplada com a problemática e aponta as opções realizadas, para fomentar o estudo da questão que moveu a realização desse estudo.

A segunda parte refere-se a um esforço de revisão de literatura que permita uma abordagem sobre o conceito de quilombo, sobre a realidade de Monte Alegre, bem como sobre as Políticas Públicas que perpassam o espaço cultural em foco - Quilombo de Monte Alegre, numa espécie de Turismo Étnico, Cultural e Ambiental.

A terceiraestá engajada no panorama do Turismo Pedagógico realizado pelas escolas, uma prática pedagógica ancorada na perspectiva da Aula-passeio dialogada de Célestin Freinet. Adescrição e a análise das visitas estãopresente nesta parte, juntamente com a festa chamada “Raiar da Liberdade”.

1.2 METODOLOGIA E DESCRIÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA

Ao longo da pesquisa, estabeleci interlocução e proximidade com dois núcleosfamiliares da Comunidade Quilombola deMonte Alegre, o de Leonardo Ventura e o de Maria Laurinda Adão.

Leonardo Ventura é um dos líderes da comunidade,tem 50 anos de idade, é casado com Luzia Ventura, com que teve quatro filhos: Felipe, Isabela, Juliana e Sara. Ventura éformado em Turismo pelo Centro Universitário São Camilo – ES. Desde 2005, desempenha o papel de coordenador das atividades de Turismo Étnico, Cultural e Ambiental. É o responsável pela criação do grupo “Bicho do Mato”[5] da comunidade de Monte Alegre, bem como pela articulação das Políticas Públicas que fazem desse quilombo um local de apreciação por aqueles que desejam visitá-lo. Sua esposa Luzia e três dos seus quatro filhos têmformação superior. Elesauxiliam Ventura com as atividades de turismo pedagógico oferecidas por eles em Monte Alegre. Luzia,além de cuidar dos preparativos da gastronomia incorporada ao roteiro turístico nessa comunidade, é pedagoga e atua como professora na Escola Municipal de Educação Básica “Monte Alegre”, especificamente no projeto de Educação de Jovens e Adultos - EJA.

Maria Laurinda Adão é presidente da Associação de Folclore de Cachoeiro de Itapemirim, nascida na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, distrito de Pacotuba, município de Cachoeiro de Itapemirim, ES, em 03 de junho de 1943. Agricultora, parteira, coveira, é também uma das lideranças da comunidade. Bisneta do “Escravo Adão”, fundador do quilombo e irmã de José Paulo Adão, líder evangélico desde 1988, antes pai de santo do Centro Espírita Teere São Jorge da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, Maria Laurinda, atualmente, lidera esse centro. Herdou de sua mãe os tambores e a maestria do Caxambu “Santa Cruz”. Anualmente, Maria Laurinda organiza, no dia 13 de maio, a festa "Raiar da Liberdade". Festa que constitui importante evento para a comunidade e sociedade envolvente.

Essas são as duas atividades de turismo queanalisarei nesta pesquisa.De um lado, o turismo pedagógico desenvolvido por LeonardoVentura e seu núcleo

[5]Criado em setembro de 2004, o Bicho do Mato da comunidade de Monte Alegre, na zona rural de Cachoeiro de Itapemirim - ES é um grupo formado por quilombolas com a proposta de promover visitas de turistas à Monte Alegre, gerando e distribuindo renda complementar aos moradores da comunidade. Disponível em http://bichodomatoma.blogspot.com.br/. Acesso em: 16 de março. 2014.

familiar (esposa e seus filhos) a partir do projeto "Turismo Étnico, Cultural e Ambiental", atividadeque segue as demandas de calendário e conteúdos de acordo com os interesses das escolas, professores e estudantes que visitam Monte Alegre, atraídos pelo *folder*[6] de divulgação.

De outro lado, analisaremos as ações desenvolvidas por Maria Laurinda Adão na realização da festa O “Raiar da Liberdade", por considerar ser essa uma iniciativa que consegue atrair visitantes ao quilombo. Pautada no calendário festivo da comemoração do dia da assinatura da Lei Áurea, que aboliu, oficialmente,a escravatura no Brasil, essa festa reúne no mesmo espaço um grande número de pessoas pertencentes à comunidade do quilombo e visitantes provenientes dos mais distintos lugares, dentre eles, estudantes, professores e pesquisadores interessados na temática Afro-brasileira.

A partir da interlocução e proximidade com esses dois grupos familiares, pude acessar as escolas que visitaram o Quilombo Monte Alegre durante o período de maio a setembro de 2013.

A metodologia trabalhada foi de caráter etnográfico, ancorada em pesquisa qualitativa.Investir na pesquisa etnográfica é uma forma de textualizar os fenômenos socioculturais que foram, sistematicamente, observados e registrados. Dessa forma, nesse processo de construção da narrativa etnográfica, o pesquisador se relacionará com o material etnográfico constituído, prioritariamente, pelo caderno de campo (CEZAR, 2010).

Cezar (2010) ainda afirma que:

> O caderno de campo é instrumento fundamental à pesquisa antropológica enquanto empreendimento cognitivo que visa representar os processos vivenciados pelo pesquisador em sua pesquisa de campo a partir da observação participante em uma determinada comunidade específica num determinado período de tempo. É no caderno de campo que ele realiza o primeiro esforço de abstração em relação às dimensões vividas de espaço e tempo presentes no mundo visível para assim codificar, portanto, descrever e interpretar o particular contexto de imersão pelo qual os dados e informações foram obtidos. É justamente este registro que permite ao pesquisador apreender referências que muitas vezes fogem às entrevistas, pesquisas documentais e dados estatísticos (p. 02).

[6]*Folder* é uma palavra em inglês que pode significar folheto**,** brochura, *flyer*. É um documento escrito que tem uma dobra (*fold* em inglês) e tem o objetivo de apresentar informações. Em inglês, a palavra *folder*também descreve uma pasta onde é possível guardar documentos. Disponível em: http://www.significados.com.br/. Acesso em: 23 de março. 2014.

De acordo com Lakatos e Marconi (2001, p. 190), a pesquisa qualitativa apresenta uma abordagem que busca descrever e analisar a cultura, dando ênfase à compreensão “holística”, considerando a vida social como uma série de eventos interconectados, que devem ser descritos e interpretados.

Nesse tipo de pesquisa, a amostra não tem preocupação em projetar resultados para a população como um todo. O número de entrevistados, geralmente, é pequeno. As informações podem ser coletadas por intermédio de um roteiro e as opiniões dos interlocutores podem ser gravadas e, posteriormente, analisadas.

Os dados dessa pesquisa foram obtidos por meio da pesquisa de campo, com o objetivo de conseguir informações e conhecimentos acerca das atividades turísticas que perpassam a Comunidade Quilombola de Monte Alegre.

A princípio, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre o conceito de quilombo. Ela constituiu o primeiro passo como objetivo de tomar posse de trabalhos já realizados a respeito da temática, buscando um modelo teórico inicial de referência.A seguir, determinei as técnicas a serem empregadas na coleta de dados. Por último, antes da realização da coleta de dados, foi preciso estabelecer tanto as técnicas de registro desses dados como as técnicas utilizadas em sua análise posterior.

A pesquisa qualitativa foi realizada na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, visando obter informações sobre as atividades turísticas desenvolvidas na comunidade, investigando alguns dos processos de comunicação sobre a identidade quilombola durante as visitas das escolas de diferentes municípios e de Centros Universitários, nas atividades de turismo pedagógico no quilombo. Busquei verificar se essas visitas estavamarticuladas aos conteúdos da História de Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, pautados na Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.

A técnica da entrevista não-estruturada permitiu que o entrevistador tivesse liberdade, para desenvolver o diálogo em qualquer direção que considerasse adequada. As perguntas foram abertas e podiam ser respondidas dentro de uma conversação informal.Paralelamente, prepararei o caderno de campo em que descrevi as informações obtidas durante todo o processo de pesquisa.

A presente pesquisa iniciou-se em 2013, com a descrição e interpretação da comemoração do 13 de maio, uma festa realizada na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, liderada por D. Maria Laurinda. Essa festa que foi (re) intitulada “Raiar da Liberdade” pelos monte-alegrenses pertencentes à Umbanda, religião de matriz

africana, teve a visita de estudantes universitários e pesquisadores da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. É importante destacar que, além desses visitantes, essa festa contou com a apreciação de alguns estudantes locais, bem como de pessoas que não fazem parte da comunidade, mas que comungam da religião de matriz africana.

Em seguida, realizei o acompanhamento de cinco escolas que visitaram a Comunidade de Monte Alegre.

A escola da visita denominada, nesse estudo, de Aula-passeio I,é municipal e contou com a participação de dois professores (um ministraaulas de Ciências e o outro, de História) e um pedagogo. Tal visita ocorreu no dia 20 de maio de 2013 e contou com a participação de 39 estudantes que cursavam o 8º ano do Ensino Fundamental II dessa escola que está localizada num bairro residencial de classe baixa do município de Cachoeiro de Itapemirim.

A escola denominadaAula-passeio II é estadual e teve a presença também de dois professores (um de História e um Sociólogo que ministra as aulas de Sociologia) e da gestora. Ela ocorreu no dia 22 de junho de 2013 e teve a presença de 14 estudantes que cursavam o 3º ano do Ensino Médio de uma escola localizada no município de Alegre – ES.

A escola da visita relacionada à Aula-passeio IIIé municipale contou com a participação de dois professores (um de Ciências e o outro de Matemática), da coordenadora e da diretora. Essa visita aconteceu no dia 28 de junho de 2013 e teve a participação de 20 estudantes que cursam o 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II de uma escola localizada no município de Marataízes – ES.

A aula-passeio IV, foi proporcionada pela visita de uma escola municipal localizada, também, no município de Marataízes – ES. Ela contou com a participação de 30 estudantes que frequentam o 2º e 3º anos do Ensino Médio. Essa visita foi realizada no dia 29 de junho de 2013 e teve o apoio de dois professores (um Biólogo e um Engenheiro Agrônomo). Vale ressaltar que essa visita contou,também com a participação de um quilombola, representando o quilombo localizado em Graúna, região do interior desse município.

A última visita Aula-passeio,de número V, foi realizada por uma escola estadual localizada no município de Cachoeiro de Itapemirim. Ela teve a participação de 21 estudantes que cursam o 3º e 5º anos do Ensino Fundamental I dessa escola, localizada em um bairro de classe baixa do município de Cachoeiro de Itapemirim.

Eles foram acompanhados por duas professoras que ministram disciplinas do Núcleo Comum. A realização dessa aula aconteceu no dia 19 de setembro de 2013.

Assim, as visitas baseadas no contexto da Aula-passeio serviram de suporte para a análise do trabalho dos profissionais da educação que buscaram envolver seus estudantes numa aula experimental. As atividades de Turismo Étnico, Cultural e Ambiental, organizadas por Leonardo Ventura, também foram analisadas, sendo elas a base para que as visitas pudessem ser concretizadas.

PARTE II

Dos quilombos no Brasil ao Quilombo de Monte Alegre

"Monte Alegre é feita de ouro em pó.
Eu andei o mundo inteiro,
nunca achei lugar melhor."
(Jongo de Monte Alegre)

Figura 1: Propriedade de Leonardo Ventura chamada "Lírio do Campo"
Quilombo de Monte Alegre

2.1 QUILOMBO: REBELDIA E RESISTÊNCIA À POLÍTICA PÚBLICA

Abordar os conceitos de quilombo, na perspectiva de diferentes tempos, é sinônimo de revisitar a História relacionada à formação dos Quilombos no Brasil, bem como sua trajetória de existência discutida e apresentada por estudiosos como Clóvis Moura (1989), Alessandra Schmitt et. al, (2002), Hebe Mattos (2006), Ilka Boaventura Leite (2008), Glória Moura (2012) e Marcelo Moura Mello (2012).

Segundo o grupo de trabalho de Moura (2010, p.01), a expressão Quilombo deriva da palavra Kilombo, da língua Mbundo do tronco linguístico Banto[7], com significado provável de sociedade de jovens africanos guerreiros/as, Mbundo, dos Imbangala. Também a etimologia da palavra deriva do Quimbundo (Kilombo), significando 'acampamento', 'arraial', 'povoação', 'capital', 'união' e, ainda, 'exército'.

Clóvis Moura (1989) afirma que Quilombo era, segundo definição do rei de Portugal, em resposta à consulta do Conselho Ultramariano, datada de 2 de dezembro de 1740, "toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles". Diante desse contexto, no Brasil, como em outras partes da América onde existiu o escravismo, tais ajuntamentos proliferaram como sinal de protesto do negro escravo às condições de maltrato a que estavam sujeitos.

> Na Colômbia, Cuba, Haiti, Jamaica, Peru, Guianas, finalmente onde quer que a escravidão existisse, o negro *marrom*, o quilombola, portanto, aparecia como sinal de rebeldia permanente contra o sistema que o escravizava. Em Cuba, eram os *palenques*, muitos deles famosos (MOURA, 1989, p.11).

Ainda nessa perspectiva, os estudos de Leite (2008) apontam que a palavra "quilombo", segundo a etimologia banto, quer dizer acampamento guerreiro na floresta. Essa palavra foi popularizada no Brasil por intermédio da administração colonial Portuguesa baseada em leis, relatórios, atos e decretos, com o objetivo de se referir às unidades de apoio mútuo criadas pelos rebeldes que agiam contra o sistema escravista a partir de reações, organizações e lutas pelo fim da escravidão. Para essa autora, a palavra "quilombo" teve também um significado especial para os

[7]Os bantos formam um grupo étnico africano que habitam a região da África ao sul do Deserto do Saara. A maioria dos mais de 300 subgrupos étnicos é formada por agricultores, que vivem também da pesca e da caça. Estes subgrupos possuem em comum a família linguística banta. Disponível em: http://www.suapesquisa.com/afric/bantos.htm. Acesso em 22 de janeiro. 2014.

libertos, em sua trajetória, conquista e liberdade, alcançando amplas dimensões e conteúdos. Dentre todos os quilombos, o de Palmares é o mais simbólico, um movimento rebelde que se opôs à administração colonial por quase dois séculos.

Nesse primeiro momento, os quilombos eram construídos em locais distantes, montanhosos e de difícil acesso, características que lhe conferiam segurança e permitiam que seus habitantes vivessem livres e independentes. No Brasil, o quilombo marcou sua presença durante todo período escravista e existiu, praticamente, em toda a extensão do território nacional. À medida que o escravismo aparecia e se espraiava nacionalmente, a sua negação também surgia como sintoma da antinomia básica desse tipo de sociedade (MOURA, 1989, p. 13).

Há uma revisão da história social do Brasil, particularmente, do que diz respeito à importância dos quilombos na dinâmica da sociedade brasileira. Por isso, eles são dotados, nacionalmente, como afirmação da luta contra o escravismo e as condições de opressão às quais os negros foram submetidos. Saber até que ponto esse protesto, essa posição de resistência individual ou grupal, correspondia à possibilidade de um projeto de nova ordenação social é outra discussão. O fato é que, no Brasil, como nos demais países nos quais o escravismo moderno[8] existiu, a revolta do negro escravo se manifestou. Devemos dizer, para se ter uma ótica acertada do nível de resistência dos escravos, que a quilombagem foi apenas uma das formas de resistência. Outras, como o assassínio dos senhores, dos feitores, dos capitães-do-mato, o suicídio, as fugas individuais, as guerrilhas e as insurreições urbanas se alastravam por todo período. Mas, o quilombo foi a unidade básica de resistência do escravo (MOURA,1989, p. 13-14).

Schmittet. et. al (2002, p. 02) mostram que a definição de quilombo presente no Conselho Ultramarino constitui-se, basicamente, de cinco elementos: 1) a fuga; 2) uma quantidade mínima de fugidos; 3) o isolamento geográfico, em locais de difícil acesso, próximos de uma “natureza selvagem” e distantes da chamada civilização; 4) moradia habitual, referida no termo “rancho”; 5) autoconsumo e capacidade de

[8] “O escravismo moderno floresceu com a expansão do capital mercantil e foi um dos fatores da acumulação capitalista, que transformou profundamente as relações econômicas viabilizando o surgimento da produção capitalista. A escravidão moderna foi fruto do mercado” (MARTINS, J. de S. 163-164 apud Grupo de Trabalho Clóvis Moura – Questões Sociais – Regularização Fundiária. Disponível em: http://www.quilombos.pr.gov.br/. Acesso em: 08 de novembro. 2013.

reprodução, simbolizados na imagem do pilão de arroz. Ainda para Schmitt,com o apoio dos instrumentos da crítica antropológica aplicada aos documentos históricos,

> [...] se pode reinterpretar criticamente o conceito e asseverar que a situação de quilombo existe onde há autonomia, existe onde há uma produção autônoma que não passa pelo grande proprietário ou pelo senhor de escravos como mediador efetivo, embora simbolicamente tal mediação possa ser estrategicamente mantida numa reapropriação do mito do “bom senhor”, tal como se detecta hoje em algumas situações de aforamento(2002, p. 02).

Nesse sentido, as comunidades quilombolas sinalizavam condições de autonomia, de liberdade de produção, de até mesmo da existênciade um campesinato com condições de sobrevivência via produção que podia ser consumida pela família e/ ou comercializada, diante de um mercado de consumo.

Moura(1989, p. 34-35) aponta ainda que:

> Havia no quilombo uma organização política. Ele não era um simples aglomerado, amorfo, sem que seus membros tivessem papéis específicos a desempenhar. Isso não ocorria. Quando os quilombos se consideravam já estabilizados, organizavam tipos de governo que determinavam a harmonia da comunidade e eram responsáveis por ela.

Segundo Mattos (2006), os episódios de fuga ou rebeldia, muitas vezes, tinham embutido um roteiro de reivindicação e possibilidades de volta ao trabalho. A autora afirma, ainda, que foram mais comuns as revoltas abertas de africanos recém-chegados que as de escravos crioulos nascidos no Brasil. Geralmente, as concentrações de escravos fugidos, chamadas mocambos ou quilombos, se eram efetivamente peculiares, encontravam-se em estreita relação com o mundo das senzalas.

A conjunção dos episódios de fuga e rebeldiaresultou em significativo deslocamento das representações mais correntes em relação à escravidão e à abolição no país, fazendo emergir a figura do escravo como protagonista também no processo abolicionista, por meio de processos judiciais de ação de liberdade, de atos de rebeldia no dia a dia das senzalas e das fugas coletivas generalizadas na década de 1880, acontecimentos que precederam e banalizaram o ato legal da Abolição. Nesse contexto, algumas comunidades

negras rurais isoladas alcançaram certa notoriedade como possíveis descendentes de antigos quilombolas (MATTOS, 2006, p.106).

Contemporaneamente, o termo quilombo vem sendo associado à luta contra o racismo e às políticas de reconhecimento da população afro-brasileira desde a abolição do sistema escravista em 1888. Além disso, o dispositivo jurídico de reconhecimento de comunidade remanescente de quilombo vem recebendo amplo apoio de diversos setores da sociedade brasileira comprometidos com os Direitos Humanos (LEITE, 2008):

> O dispositivo constitucional inspirou diversos atos e ações de parlamentares de vários partidos políticos; recebeu apoio direto de sindicatos, da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; obteve pareceres favoráveis de juristas que integraram a Secretaria de Coordenação da Defesa dos Direitos Individuais e dos Interesses Difusos – SECODID e também da 6ª Câmara do Ministério Público Federal, conferindo com esses apoios visibilidade, e, principalmente,a popularização dos debates sobre as formas possíveis de sua regulamentação em forma de lei (LEITE, 2008, p. 969).

Considera-se, desse modo, que o termo quilombo vem ganhado uma nova forma de reconhecimento, pois as reivindicações de organizações do Movimento Negro e setores progressistas, como parte da própria reflexão sobre o Centenário da Abolição da Escravidão no País, levados à Assembléia Constituinte de 1988, favoreceram a aprovação de dispositivos constitucionais concebidos como compensação e/ou reparação à opressão histórica sofrida. A partir das reivindicações dos movimentos sociais, e como resultado de um longo processo de luta, ocorreu uma ressemantização da termologia “quilombo”, traduzindo princípios de liberdade e cidadania negados aos afrodescendentes, enquanto política pública de reconhecimento e garantidores de direitos. Ainda, segundo Leite (2008, p. 969):

> A expressão “comunidade remanescente de quilombos”, no início do processo constituinte, era pouco conhecida. Ela passou a ser vinculada no Brasil principalmente no final da década de 1980 para se referir às áreas territoriais onde passaram a viver os africanos e seus descendentes no período de transição que culminou com a abolição do regime de trabalho escravo, em 1888. Além de descrever um amplo processo de cidadania incompleto, veio também sistematizar um conjunto dos anseios por ações em políticas públicas visando reconhecer e garantir os direitos territoriais dos

> descendentes dos africanos capturados, aprisionados e escravizados pelo sistema colonial português.

Vale ressaltar que a condição de remanescente de quilombo é também definida de forma ampliada, destacando elementos de identidade e de território. Com efeito, o termo em questão indica “a situaçãopresente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos e é utilizado para designar um legado, uma herança e material que lhe confere uma referência presencial no sentido de ser e pertencer a um lugar específico” (SCHMITT et.al, 2002, p.04).

Os dispositivos legais de reconhecimento de comunidades remanescentes de quilombo são mencionados por Leite (2008) em suas discussões. O primeiro diz respeito ao quilombo como direito à terra, como também um suporte de resistência e de sustentabilidade há muito almejadas pelas diversas unidades de agregação das famílias e dos núcleos populacionais compostos majoritariamente, mas não exclusivamente, de afrodescendentes. O segundo relaciona o quilombo ao conjunto de ações em políticas públicas e ampliação de cidadania, entendidas em suas várias dimensões. Já o terceiro, perpassa pelo viés que considera o quilombo como um conjunto de ações de proteção às manifestações culturais específicas. Assim:

> Ao contrário da questão indígena, nota-se que não houve anteriormente qualquer jurisprudência que reconhecesse os negros como fazendo parte do País. Um silêncio de um século é então rompido em 1988. A população negra brasileira – sua existência e persistência – foi, naquele momento, reconhecida e reafirmada, em vez de ser subsumida na ideia de embranquecimento do País, tão propalada nas primeiras décadas do século XX pela teoria da mestiçagem, que norteou o pensamento social brasileiro e as políticas públicas ao longo de todo o século (LEITE, 2008, p. 970).

Para a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), por intermédio de um grupo de trabalho criado em 1994:

> O termo ‘quilombo’ tem assumido novos significados na literatura especializada e também para os grupos, indivíduos e organizações. Ainda que tenha um conteúdo histórico, o mesmo vem sendo ressemantizado para designar a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos do Brasil. Definições têm sido elaboradas por organizações não-governamentais, entidades confessionais e organizações autônomas dos trabalhadores, bem como pelo próprio movimento negro. ... o termo ‘remanescentes’ de quilombo’ vem sendo utilizado pelos grupos para designar um legado, uma herança cultural e material que lhes confere uma

> referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar e a um grupo específico (REALATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p.51).

O marco legal-institucional de reconhecimento jurídico das comunidades remanescentes de quilombos é o artigo 68 - Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), da Constituição Federal de 1988, que estabelece: “aos remanescentes das comunidades de quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos”.

Atualmente, toda comunidade rural habitada por grupos de afrodescendentes, cuja memória remete à relação com os escravos do passado, tem o direito de solicitar, junto à Fundação Cultural Palmares e aoINCRA, a titulação de Comunidade Quilombola, como prevê o Decreto Lei 4887/2003:

> Consideram-se remanescentes das comunidades de quilombos, para fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (DECRETO LEI 4.887/2003, Art.2º).

Para uma comunidade receber o título de comunidade quilombola, três aspectos devem ser seguidos na busca pelo reconhecimento de “remanescentes de quilombos”: (1) auto-atribuição; (2) trajetória histórica própria; (3) relações territoriais específicas.

Os estudos de Mello (2012, p. 58) apontam que estimativas extraoficiais dão conta da existência de mais de 4 mil comunidades quilombolas em todo país. Seus direitos culturais e territoriais são assegurados pela Constituição Federal de 1988, no artigo 215[9],e pelo artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

[9]Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.
§ 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.
3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à: (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)

(ADCT). Alguns estados da federação possuem legislação específica referente à regularização das terras. Na esfera federal, o INCRA é o órgão responsável por identificar, reconhecer, delimitar, demarcar e titular as terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos".

É válido destacarque o Decreto Lei 4887/2003estabelece também que a caracterização desses grupos "será atestada mediante autodefinição da própria comunidade" (art. 2°,§1º). Tal ordenamento está em conformidade com a Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho, que dispõe sobre os povos indígenas e tribais, da qual o Brasil é um dos países signitários (decreto 5.051, de 19 de abril de 2004). Cabe, à Fundação Cultural Palmares, expedir uma certidão de autorreconhecimento (ar. 3°,§4) [10] (MELLO, 2012):

> Em suas escrituras, os procedimentos operativos do INCRA foram regulamentados em distintas instruções normativas, sendo que a mais recente delas é a Instrução Normativa (IN) número 57, de 20 de outubro de 2009. A IN 57 estabelece que a definição e o estudo das terras reivindicadas serão precedidos de reuniões com as comunidades e com o Grupo Técnico Interdisciplinar (GTI) nomeado pelas superintendências regionais (art. 8º). Conforme estabelece o artigo 9º, a identificação dos limites territoriais será feita a partir de indicações das próprias comunidades, bem como a partir de estudos técnicos e científicos, inclusive relatórios antropológicos, mediante a elaboração de um relatório Técnico de Identificação e Delimitação (RTDI). TalRTDI deve ser "fundamentado em elementos objetivos, abordando informações cartográficas, fundiárias, agronômicas, ecológicas, geográficas, socioeconômicas, históricas, etnográficas e antropológicas" (art. 10º). (MELLO, 2012, p. 59).

Monte Alegre não se formou por meio de agrupamentos de negros fugidos, mas de negros já alcançados pela Lei Áurea, que tornou extinta a escravidão, em todo o território nacional, em 13 de maio de 1888.

I defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)
II produção, promoção e difusão de bens culturais; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)
III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; (Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)
IV democratização do acesso aos bens de cultura;(Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005)
V valorização da diversidade étnica e regional.(Incluído pela Emenda Constitucional nº 48, de 2005) – Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 09 de novembro. 2013.

[10] A Fundação Palmares possui regulamentação para a emissão de tais certidões (Portaria FCP n. 98/2007).

Com o conhecimento do Decreto Lei 4.887/2003, de 20 de novembro, Art. 2º[11], os líderes da comunidade de Monte Alegre, Arilson Ventura e Leonardo Marcelino Ventura, promoveram uma reunião em que se reuniram as pessoas mais idosas moradoras da localidade, portadoras de um vasto conhecimento sobre a formação da comunidade.

Com os relatos obtidos dessa reunião, foi redigido um documento no qual todos os participantes se autodefiniram negros, descendentes dos escravos responsáveis pelo início e o desenvolvimento de Monte Alegre. Esse documento foi enviado à Fundação Cultural Palmares (FCP), órgão do Ministério da Cultura para o reconhecimento da ancestralidade negra dos moradores e, assim, buscaram receber o título de Comunidade de Remanescentes de Quilombos, o que aconteceu em setembro do ano de 2005. A partir de então, a comunidade passou a ser chamada de "Comunidade Quilombola de Monte Alegre", formada por, aproximadamente, 600 habitantes, sendo 450 autodenominados quilombolas.

É a própria comunidade que se autorreconhece "remanescente de quilombo". O amparo legal é dado pela Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho, cujas determinações foram incorporadas à legislação brasileira pelo Decreto Legislativo 143/2002[12] e Decreto Nº 5.051/2004[13]. Cabe à Fundação Palmares emitir uma certidão sobre essa autodefinição. O processo para essa certificação obedece à norma específica desse órgão (Portaria da Fundação Cultural Palmares nº 98 de 26/11/2007). Para acessar a política de regularização de territórios quilombolas, as comunidades devem encaminhar uma declaração na qual se identificam enquanto comunidade remanescente de quilombo à Fundação Cultural Palmares, que expedirá uma Certidão de Autorreconhecimento[14] em nome da mesma.

---

[11] "Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto-atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida".

[12] Aprova o texto da Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho sobre os povos indígenas e tribais em países independentes. Disponível em http://www.inovacao.uema.br/imagens-noticias/files/Convencao%20169%20OIT.pdf. Acesso em 13 de dezembro. 2013.

[13] Promulga a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5051.htm/. Acesso em 13 de dezembro. 2013.

[14] Disponível em: http://www.INCRA.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas. Acesso em: 13 de dezembro. 2013.

É importante ressaltar que o decreto 4.887/2003, de 20 de novembro, regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o artigo 68, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. A partir do Decreto 4.883/03, também do dia 20 de novembro, foi transferida do Ministério da Cultura, por meio da Fundação Palmares para o INCRA, a competência para a delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações e titulações.

Em 12 de março de 2004, o Governo Federal lançou o Programa" Brasil Quilombola" (PBQ) como uma política de Estado para as áreas remanescentes de quilombos. O PBQ abrange um conjunto de ações inseridas nos diversos órgãos governamentais, com suas respectivas previsões de recursos, bem como as responsabilidades de cada órgão e prazos de execução. Dessas ações, a política de regularização fundiária é atribuição do INCRA. Assim sendo, por força do Decreto Nº 4.887, de 2003, o INCRA é o órgão competente, na esfera federal, pela titulação dos territórios quilombolas. Os Estados, o Distrito Federal e os Municípios têm competência comum e concorrente com o poder federal, para promover e executar esses procedimentos de regularização fundiária.

Para cuidar dos processos de titulação, o INCRA criou, na sua Diretoria de Ordenamento da Estrutura Fundiária, a Coordenação Geral de Regularização de Territórios (DFQ) e, nas Superintendências Regionais, os Serviços de Regularização de Territórios Quilombolas. Com base na Instrução Normativa 57, do INCRA de 20 de outubro de 2009, cabe às comunidades interessadas encaminhar, à Superintendência Regional do INCRA do seu Estado, uma solicitação de abertura de procedimentos administrativos, visando a regularização de seus territórios[15].

Mello (2012, p.35), em seus estudos, diz que "os quilombos inspiraram as reivindicações do Movimento Negro desde a primeira metade do século XX, primeiramente, com a Frente Negra Brasileira, na década de 1930, e depois com o Teatro Experimental do Negro, nas décadas de 1950-60". Segundo o autor,"após o golpe de 1964, os quilombos serviram de metáfora para organizações que lutavam contra o autoritarismo". Já em 1971, militantes do Movimento Negro,da cidade de Porto Alegre, criaram o Grupo Palmares. Esse grupo elegeu o dia 20 de novembro

[15] Disponível em: http://www.INCRA.gov.br/index.php/estrutura-fundiaria/quilombolas. Acesso em: 13 de dezembro. 2013.

(data da morte de Zumbi dos Palmares) para que a mesma fosse um contraponto ao dia 13 de maio, data oficial reconhecida como de celebração da abolição da escravidão. Seguindo essa trajetória, o autor ainda destaca que:

> Poucos anos depois, durante o primeiro congresso do recém-fundado Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, realizado em 1978, na Bahia, propôs-se que o dia 20 de novembro passasse a ser o Dia Nacional da Consciência Negra. Concomitantemente, Abdias Nascimento (1980) lançou um manifesto político-intelectual no qual propunha o “Quilombismo” – a criação de uma sociedade fundada nos valores africanos de comunitarismo, solidariedade, liberdade e comunhão fraternal. Às vésperas do centenário da abolição, o Movimento Negro denunciava sistematicamente a marginalização social imposta aos ex-escravos na pós-emancipação, salientando que a liberdade não havia sido dada, mas sim conquistada, o que desencadeou um amplo debate sobre o racismo e a vigência ou não de uma democracia racial no Brasil. Ainda na década de 1980, na esteira das grandes mobilizações contra o regime autoritário e da discussão da promulgação de uma nova Constituição, diversos encontros, seminários e congressos trataram das condições de vida da população negra no Brasil, no passado e no presente (2012, p. 35).

A inspiração desses movimentos, em Zumbi e no quilombo por ele liderado, não pode ser ignorada. Assim, é importante ressaltar que o Quilombo dePalmaresestava situado em uma das regiões mais férteis da capitania de Pernambuco, região, atualmente, pertencente ao Estado de Alagoas e foi a maior manifestação de rebeldia contra o escravismo no Brasil. Sua existência, por quase cem anos, desestabilizou regionalmente o sistema escravocrata. Paradoxalmente, não temos nenhum documento escrito pelos palmarinos que seguiam, como nos outros quilombos, a tradição africana de comunicação oral,responsável pela transmissão da memória coletiva e da consciência social entre os membros da comunidade (MOURA, 1989).

Moura (2012) descreve, em seu artigo "Quilombos contemporâneos: resistir e vencer, uma metáfora interessante"publicada pelo Sr. Eloi Ferreira de Araújo, ex-Presidente da Fundação Cultural Palmares, no jornal “O Globo”, do dia 16/10/2011, cujo objetivo foi o de demonstrar o desconhecimento da história e da existência das comunidades remanescentes de quilombos no Brasil, que a ideia que muitos têm sobre quilombo pode nos ser lembrada pela música música "Caviar", cantada por Zeca Pagodinho, que diz: “Você sabe o que é caviar? Nunca vi, nem comi, eu só ouço falar”. Em relação à questão quilombola, também se pode fazer a mesma

comparação: “Você sabe o que é um quilombo? Eu não sei, nunca vi, eu só ouço falar”. Moura (2012, p.13) argumenta que:

> No imaginário do brasileiro, o que ainda se houve falar é sobre os agrupamentos de africanos escravizados fugidos de engenhos, fazendas e minas, que tentaram reproduzir vida comunitária semelhante à da África, sua terra de origem, para fugir dos maus-tratos infligidos pelos “senhores” e seus prepostos. É o máximo estudado nos livros escolares de História do Brasil.

O quilombovem sendo contemplado por definições quefavorecem o reconhecimento do negro, no que tangeà referência ideológica, cultural e política.

> O termo qualificativo “remanescentes”apresenta ser sugestivo por si só, pois revela a expectativa de encontrar, nas comunidades atuais, formas atualizadas dos antigos quilombos, como se elas fossem estáticas no tempo. Assim, a categoria remanescentes de quilombos não se referiria às sobras do passado, nem a uma cultura congelada no tempo, mas à utilização dessa forma de identificação por coletividades em busca de reconhecimento no presente (MELLO, 2012, p.43).

Conhecer as atividades produtivas e culturas desenvolvidas por uma comunidade quilombola a partir do ponto de vista de seus integrantes constitui o objetivo do próximo tópico desta parte.

2.2 MONTE ALEGRE

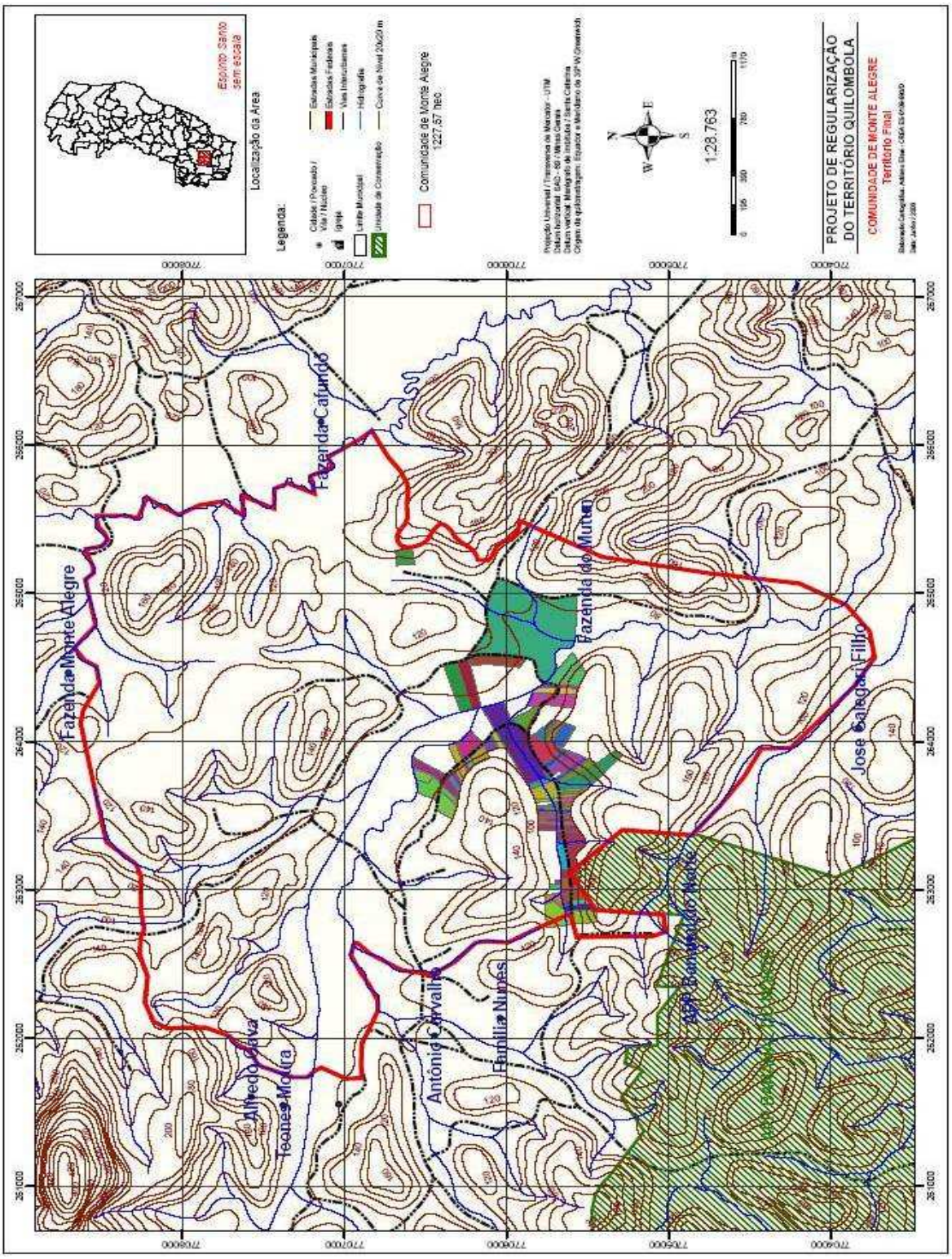


Figura 2: Mapa de Monte Alegre
Fonte: INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA– 2006

Retomando alguns aspectos já apresentados no início deste trabalho, vale sinalizar algumas características físico-sociais da Comunidade Quilombola de Monte Alegre. Ela está localizada à 38 km da sede do Município de Cachoeiro de Itapemirim – ES, num vale cortadode noroeste a sul pelo Ribeirão Floresta, afluente do Rio Itapemirim, está cercada por vários morros. É uma comunidade da zona rural do distrito de Pacotuba que foi formada no final do século XIX, por volta de 1888, ano da Abolição da Escravatura no país.

As pessoas nascidas no final do século XIX e início do século XX diziam que muitos moradores se deslocavam de lugares vizinhos e até de longe para dançar o caxambu[16] e os chamados “bailes de sala” realizados em Monte Alegre no final do dia e também aos finais de semana, em horário noturno, mesmo após um exaustivo dia de trabalho. Essas referências justificaram a origem do nome da comunidade.

De acordo com o Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre(2006, p. 135 – 136), os relatos orais de membros da comunidade dão conta de que é lugar comum a explicação do nome Monte Alegre vir dos festejos que sempre aconteceram ali, atraindo pessoas de vários locais dos arredores: bailes, caxambu, festa de finados no antigo cemitério, Folia de Reis etc. Os responsáveis pela grande alegria das festas eram os negros com suas danças, músicas e outras manifestações comemorativas. No documento enviado à Fundação Cultural Palmares (FCP) em julho de 2005, com o pedido de certificação de Monte Alegre como *Remanescente das Comunidades dos Quilombos*, consta a seguinte explicação:

> O negro [...] começou a organizar meios para expressar suas alegrias e normalmente eles praticavam uma dança denominada caxambu. Com o crescimento da comunidade e suas diversões afro-brasileiras, pessoas deslocavam-se de outras vizinhas para alegrarem-se junto aos negros. Daí surgiu o nome Monte Alegre.

“Monte” refere-se aos morros e montanhas existentes no interior e ao redor da comunidade,ela se localiza em uma região montanhosa, e “Alegre” remete às alegrias e festejos dos antigos (RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA

[16]Os cantos, as danças e os instrumentos que demarcam o ritmo, que os moradores de Monte Alegre denominamcaxambu. Entretanto, os versos cantados constituem o que os participantes chamam de jongos e os instrumentos, que são dois tambores (um grande e um pequeno), chamados de caxambu e nominam o conjunto ritual. (RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p.271 – 272).

COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p. 136).

Segundo Filho (2011, p. 51), no tempo do cativeiro, exaustos e necessitados de lazer depois de um dia de trabalho, os negros brincavam às escondidas, fazendo ironia aos fazendeiros em fortes batidas nas caixas preparadas para a festa. Buscavam nas letras debochadas, um alento, para extravasar a revolta contra os maus tratos que lhes eram impostos durante o dia. Criativos e festeiros, “brincavam”, muitas vezes, até o amanhecer, quando retornavam do trabalho.

Dada a notícia da abolição oficial e definitiva da escravidão, muitos negros juntaram-se nas ruas a comemorar, dançando, cantando e tocando seus caixotes. A partir dessa data, o **caxambu** tornou-se uma constante nas madrugadas – os caixotes foram substituídos por tambores (ALMEIDA; HAUTEQUESTT2011, p. 51).

“Princesa foi simbora,
Escreveu no papelão.
Quem quisé comê
Trabalha com suas mãos”

(Ponto[17] cantado pelo grupo de Caxambu Santa Cruz de Monte Alegre)

O Quilombo de Monte Alegre possui uma igreja católica dedicada à Nossa Senhora Aparecida, localizada no centro da comunidade. Possui também duas igrejas evangélicas; uma Assembleia de Deus, comandada pelo presbítero Paulo Adão, um ex-pai de santo, que se converteu em 1988; e a igreja Assembleia de Deus Primitiva, cujos seguidores eram da igreja Deus é Amor, em que Ediel Adão, irmão consanguíneo de Paulo Adão e Maria Laurinda Adão, é o presbítero. A comunidade possui também um Centro Espírita, chamado São Jorge, liderado por Maria Laurinda Adão (RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p. 295-296).

Na comunidade, foi instalada uma Escola Municipal de Educação Básica denominada “Monte Alegre”, um salão destinado às diferentes atividades

[17]Versos cifrados com características próprias. SILVA, Gama Rita. De jongos e caxambus: ancestralidade, poder da palavra e novas demandas. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v.3, n.1, p. 137-53, 2006.

desenvolvidas pelos membros da comunidade, localizado no centro do quilombo, e um campo de futebol.

De acordo com esse relatório, Monte Alegre apresenta-se como um caso caracterizado pelas diversidades religiosas e culturais, provenientes de matrizes africanas e cristãs e, ao mesmo tempo, como uma “comunidade negra” do meio rural em que lideranças procuram construí-la e fortalecê-la como uma unidade política denominada “comunidade quilombola”(RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p. 45).

Sua história iniciou-se em meados do século XIX com o surgimento de três importantes fazendas no interior do município de Cachoeiro de Itapemirim – ES. Ao longo de suas existências, essas fazendas se constituíram referência na produção agropecuária e, hoje, também se destacam pela preservação dos recursos naturais existentes em seu interior. A fazenda “Boa Esperança”, também conhecida como fazenda “Cafundó”, sempre foi destaque na criação de gado leiteiro. A fazenda “Barra do Mutum” foi pioneira no cultivo da cana-de-açúcar, que era utilizada para a produção artesanal da tradicional aguardente comercializada com o nome de Cachaça Moça. Já a fazenda “Monte Alegre” destacava-se pela produção de algodão para fins comerciais, tendo sido considerada, inclusive, uma das maiores produtoras do século XX. O trabalho diário nestas propriedades sempre foi dinâmico e envolvia a mão de obra de muitos negros, filhos e netos de africanos e também de europeus pobres.

O nascimento dessa comunidade coincide com o fim da escravidão. Raquel Verediano, escrava na fazenda “Barra do Mutum”, veio morar na Fazenda “Monte Alegre”, onde seu filho, Leonardo Verediano, comprou a pequena gleba na qual hoje existe o quilombo. Depois de 1888, a matriarca Raquel Verediano deixa a fazenda “Barra do Mutum”, acompanhada de seus filhos, Leonardo, Daniel e Venceslau e vai morar em Monte Alegre, onde LeonardoVerediano, posteriormente, compra uma pequena área de terra. Melburges, filha de Raquel, ficou na fazenda” Mutum”, onde se casou com Sebastião Pinto Tosta. Manoel Ventura e seus sobrinhos, José e Marcelino Ventura, oriundos de Campos (RJ), trabalharam na fazenda Boa Esperança, depois, vieram para Monte Alegre,onde compraram, em tempos diferentes, pequenas áreas de terra. Apesar do longo tempo de moradia na comunidade, seus membros, em geral parentes entre si (família Ventura e família

Adão), não possuíam nenhum tipo de documentação que garantisse a posse de terra.

2.3 TURISMO E POLÍTICA PÚBLICA EM MONTE ALEGRE

As visitas e atividades de Turismo Pedagógico, desenvolvidas por integrantes da comunidade remanescente do quilombo de Monte Alegre, fogem dos padrões que perpassam o processo de construção do conhecimento formal das escolas, baseado, muitas vezes, nos livros didáticos que, em sua maioria, dialogam com a História do Negro na vertente da opressão e do sofrimento, caracterizando-o como mero coadjuvante da História do Brasil e não como ator que contribuiu para a formação do povo brasileiro.

Os professores, ao levarem suas turmas nas visitas e atividades de turismo pedagógico nesse quilombo, podem levantar questionamentos sobre a importância do quilombo na História da população negra do Brasil, ontem e hoje. Essa é também uma das prerrogativas da Lei n º 11.645, de 10 de marçode 2008, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir, no currículo oficial da Rede de Ensino, a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena, com conteúdosque vão além dos muros da escola.

No caso da Comunidade Quilombola de Monte Alegre,notamos que alguns dos seus membroscomeçaram a desenvolver atividades turísticas ambientais, culturais e gastronômicas. Esse trabalho começou no ano de 2005, sendo, posteriormente, ampliado com a chegada de uma representante do Ministério do Turismo. Atividades essas que se incorporaram, como vamos ver mais à frente, a atividades, ou aulas-passeio, que passam a fazer parte de atividades de algumas escolas da região.

Voltando à trajetória da organização das visitas, segundo Leonardo Ventura, líder da comunidade e organizador dessas visitas desde 2005:

> A nomenclatura Turismo Étnico, Cultural e Ambiental veio através de uma moça de Brasília[18] que veio desenvolver um projeto de turismo aqui, na verdade ela veio pra dá uma estrutura naquilo que a gente estava fazendo. Na minha concepção de turismólogo bastava a gente colocar que a gente estaria praticando o Ecoturismo. O turismo tem assim várias segmentos e o Ecoturismo é um turismo que você pratica junto a natureza procurando preservar todo patrimônio histórico daquele local onde você está praticando e valorizando as comunidades locais. Quando ela apresentou o projeto em Brasília,

[18] A jornalista Rosilã Jacques Pereira é coordenadora do Projeto - http://comunidadequilomboladem ontealegre-es.blogspot.com.br/

> ela apresentou com esse nome: Turismo étnico, cultural e ambiental. Pra mim, isso não precisava, é apenas um prosseguimento que ela fez. Ela buscou recurso para ser aplicado no trabalho que a gente desenvolvia, ela conseguiu 280.000,00 mil reais no Ministério do Turismo e isso foi aplicado aqui para fazer roupas que caracterizavam o grupo da dança, capacitação em dança. Vieram vários professores de dança e outros professores ensinar pratos típicos. O dinheiro também foi investido no folder e esse dinheiro foi investido nisso e esse projeto ela denominou de Turismo étnico, cultural e ambiental. Eu não concordei com a nomenclatura, foi um nome que ela praticamente criou. No turismo não tem esse nome, não tem necessidade de ser usado, basta você colocar turismo étnico ou ecoturismo, esses dois segmentos encontramos o conceito dele, eu não concordei, mas ela chegou com uma coisa pronta, o que importava era o que ela queria trazer: recurso. Nós começamos a prática do turismo em 2005, começamos com recurso próprio, o que recebíamos da visita íamos investindo: área onde é o restaurante, pequenos equipamentos como radinho para comunicação dentro da floresta. Em 2008 foi quando ela chegou para as capacitações: gastronomia, confecções das indumentárias" (ENTREVISTA LEONARDO VENTURA – 02/01/2014).

Em 2008, foi implementado o Projeto denominado "Comunidade Quilombola de Monte Alegre", coordenado pelo Instituto Novas Fronteiras da Cooperação – INFAC – em parceria com o Ministério do Turismo, sob a coordenação da jornalista e consultora Rosilã Jacques Pereira.

Pode-se dizer, então, que se iniciou o trabalho de seleção de elementos julgados representativos da história e cultura monte-alegrense, com o objetivo de impulsionar a transformação do quilombo num destino turístico. Diante desse contexto, foi elaborado um*folder* que deu visibilidade à Comunidade de Monte Alegre em Brasília, bem como às atividades oferecidas por esse quilombo a todos que desejam visitá-lo. O *folder*(re) significou e promoveu as atividades turísticas praticadas por Ventura,dando enfoque ao turismo étnico, cultural e ao ecoturismo.

A análise do *folder* nos ajuda a compreender quais foram os elementos selecionados tanto para promoção como para o roteiro turístico elaborado a partir da iniciativa do Ministério do Turismo. Para proceder tal análise, considerei os estudos deJoly (1996, p. 68), que afirma:

> Considerando a imagem como uma mensagem visual compreendida entre expressão e comunicação, a conduta analítica deve, de fato, levar em conta a função dessa mensagem, seu horizonte de expectativa e seus diversos tipos de contexto. Desse modo, terá definido o contexto no qual relativiza suas ferramentas intrínsecas e

> irá se apegar a distingui-las entre si. Como a imagem, a análise assumirá seu lugar de expressão e comunicação.

Admito que as imagens que constituem o *folder* potencializam a comunicação das atividades que envolvem e expressam o “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental” que acontece na Comunidade Quilombola de Monte Alegre. Justifico o esforço metodológico de descrever e analisar tal peça publicitária, na busca pela compreensão das mensagens ali veiculadas.

Tais informações se fazem relevantes para pesquisa, pois veiculam o resultado de uma política pública voltada à promoção do turismo como alternativa econômica para a geração de renda de algumas famílias dessa população quilombola.

A partir da comparação entre essa peça publicitária e as atividades de turismo desenvolvidas hoje na comunidade, pretende-se compreender a trajetória da implantação dessa política e, concomitantemente, as especificidades dessasatividades em relação às representações que a comunidade faz de si ecomo as comunica para seus visitantes, em especial, das voltadas para os estudantes da região.

Ao todo, o *folder* é composto por sete páginas, que mesclam fotografias, textos e cores a fim de divulgar essa iniciativa chamada “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental”. Nota-se que as imagens apresentadas na capa desse *folder* aguçam a curiosidade do leitor. O *layout* gráfico, composto por seis fotografias arranjadas em formato de círculos representam os atores e as atividades que “giram” em torno do “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental”, em um lugar ainda não revelado e, ao mesmo tempo, pronto para ser descoberto pelo leitor, quando este manusear as próximas páginas dispostas nas abas: Apresentação, Trilhas, Danças, Teatro, Gastronomia, Artesanato, Lazer e Descanso.

CAPA DO*FOLDER*

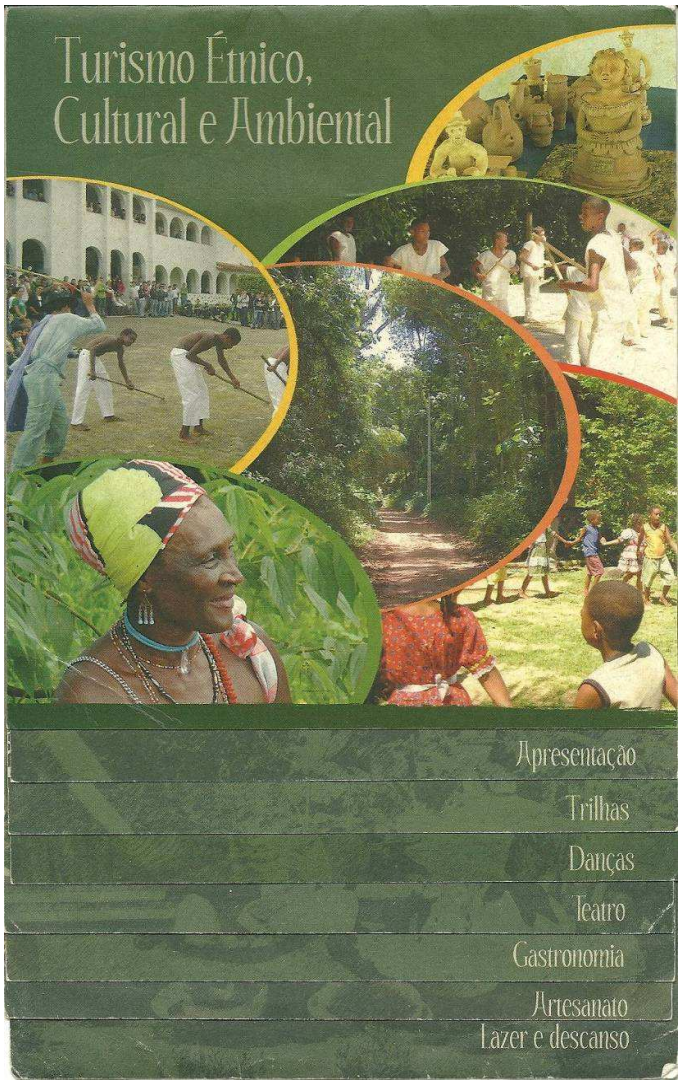


Figura 3: *Folder* de apresentação do Projeto "Comunidade Quilombola de Monte Alegre

Como forma de representar o turismo étnico, temos fotografias de alguns sujeitos monte-alegrenses representados na figura do mais velho, das crianças e dos adolescentes, engajados nas atividades turísticas que desenvolvem no percurso da visita. Chama atenção a fotografia de D. Maria Laurinda, mestra do Caxambu e mãe de santo do Centro Espírita Teere São Jorge, localizado na Comunidade. Sua imagem representa uma metáfora dos saberes da Comunidade Quilombola de Monte Alegre que poderiam ser apresentados durante a visita. Ela é uma liderança cultural da comunidade apesar de não fazer parte das apresentações culturais que ocorrem durante as visitas. Somente a dança, do Caxambu é apresentada pelas crianças e adolescentes que cantam alguns pontos:

“Sai de casa minha mãe me encomendou (4x)
brinca direito menina na roda desse tambor”. (4x)

“Plantei café ô gente nasceu guiné (4x)
tem homem sem vergonha que não trata da mulher”. (4x)

“Me dá licença pra olhar seu corpo inteiro (4x)
pra ver se tem a marca do cativeiro”.

“Princesa foi se embora, escreveu no papelão (4x)
quem quiser comer trabalha com sua mão”. (4x)

“Sai de casa minha mãe encomendou
pra tratar os outros bem sim senhora, sim senhor”. (4x)

“Cortei o pau não pude carregar (4x)
no meio tem marimbondo e na ponta tem manangá” (4x)

“Eu vim aqui que mandaram me chamar (4x)
Vou deixar recordação para o povo que aqui está”. (4x)

No que tange à apresentação do Caxambu realizada pelas crianças e adolescentes, Brandão (1982), por intermédio de suas pesquisas, afirma-se:

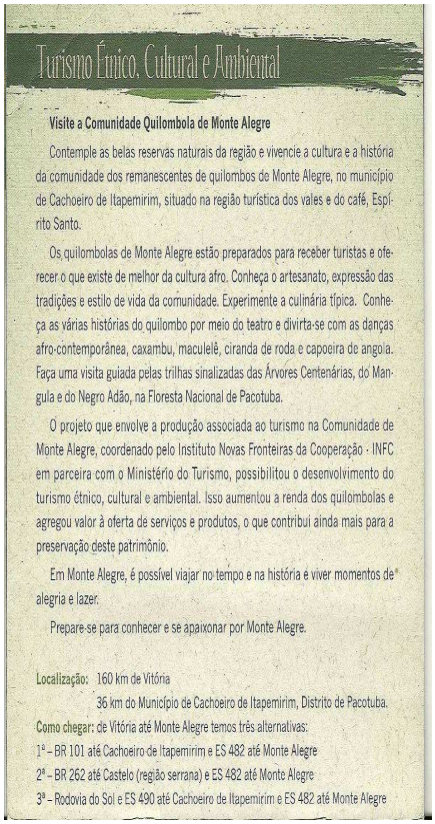
> As crianças e os adolescentes aprendem convivendo com a situação em que se faz aquilo que acabam sabendo. Aprendem fazendo, vivendo a situação da prática do artesanato, do auto ou do folguedo. Do trabalho cultural (p. 47).

Chama a nossa atenção o fato da imagem de Dona Maria Laurinda aparecer representada na capa desse *folder*, mesmo ela não fazendo parte do panorama de apresentações que envolvem as atividades do “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental”. Segundo Leonardo Ventura, as atividades culturais realizadas no percurso da visita são o teatro, as danças e a venda do artesanato.

O teatro é representado na imagem superior do *folder* tendo como destaque, a peça chamada “Abolição”. À direita, ainda na parte superior, é possível visualizar a dança denominada Maculelê. Logo abaixo, a dança de nome Samba de Roda. Ambas atividades são realizadas pelos monte-alegrenses.

O artesanato é representado pela menor imagem localizada na parte superior do folder, contendo peças produzidas com argila por uma quilombola que já não reside mais em Monte Alegre. De acordo com Ventura, somente ela tinha afinidade com essa prática de artesanato,isso explica a descontinuidade de sua produção.

No centro do círculo, é possível visualizar a imagem de uma das partes da Floresta Nacional de Pacotuba, local onde os visitantes fazem o percurso da trilha, conhecendo a fauna e a flora dessa floresta. É a atividade turística com maior tempo de visitação, uma hora e 30minutos aproximadamente, sendo esse tempo voltado ao turismo ambiental.



Turismo Étnico, Cultural e Ambiental

Visite a Comunidade Quilombola de Monte Alegre

Contemple as belas reservas naturais da região e vivencie a cultura e a história da comunidade dos remanescentes de quilombos de Monte Alegre, no município de Cachoeiro de Itapemirim, situado na região turística dos vales e do café, Espírito Santo.

Os quilombolas de Monte Alegre estão preparados para receber turistas e oferecer o que existe de melhor da cultura afro. Conheça o artesanato, expressão das tradições e estilo de vida da comunidade. Experimente a culinária típica. Conheça as várias histórias do quilombo por meio do teatro e divirta-se com as danças afro-contemporânea, caxambu, maculelê, ciranda de roda e capoeira de angola. Faça uma visita guiada pelas trilhas sinalizadas das Árvores Centenárias, do Mangula e do Negro Adão, na Floresta Nacional de Pacotuba.

O projeto que envolve a produção associada ao turismo na Comunidade de Monte Alegre, coordenado pelo Instituto Novas Fronteiras da Cooperação - INFC em parceira com o Ministério do Turismo, possibilitou o desenvolvimento do turismo étnico, cultural e ambiental. Isso aumentou a renda dos quilombolas e agregou valor à oferta de serviços e produtos, o que contribui ainda mais para a preservação deste patrimônio.

Em Monte Alegre, é possível viajar no tempo e na história e viver momentos de alegria e lazer.

Prepare-se para conhecer e se apaixonar por Monte Alegre.

Localização: 160 km de Vitória
36 km do Município de Cachoeiro de Itapemirim, Distrito de Pacotuba.
Como chegar: de Vitória até Monte Alegre temos três alternativas:
1ª – BR 101 até Cachoeiro de Itapemirim e ES 482 até Monte Alegre
2ª – BR 262 até Castelo (região serrana) e ES 482 até Monte Alegre
3ª – Rodovia do Sol e ES 490 até Cachoeiro de Itapemirim e ES 482 até Monte Alegre

Figura 4: Página 1 do *Folder*

O verde é a cor que predomina no folder juntamente com a imagem de plantas representadas na técnica chamada marca d' água. Isso reitera a mensagem que associa o Quilombo de Monte Alegre à natureza.Diante das mensagens apresentadas na capa do *folder*, Monte Alegre apresenta um acervo de atividades que estão à espera dos visitantes.

No início da página 1, mostrada anteriormente, a nomenclatura "Turismo Étnico, Cultural e Ambiental" é destacada mais uma vez como forma de frisar a comunicação das atividades desenvolvidas pelos quilombolas durante a visita.

O texto apresentado convida o leitor a ser um visitante dessa comunidade, uma vez que quilombolas monte-alegrenses estão preparados para recebê-los, bem como, para apresentar o que existe de melhor da cultura afro-brasileira regional. O

turista terá oportunidade de:apreciar o artesanato, expressão das tradições e estilo de vida da comunidade; experimentar a culinária típica afrodescendente; conhecer as várias histórias do quilombo por intermédio de apresentação teatral; divertir-se com as danças afro-contemporâneas que reinterpretam o caxambu, o maculelê, a ciranda de roda e a capoeira de angola. Terá oportunidade também de caminhar pelastrilhas das Árvores Centenárias, do Mangula e do Negro Adão que há na Floresta Nacional de Pacotuba.

É válido ressaltar que as atividades mencionadas acima sofreram alterações. O artesanato, que antes tinha como matéria-prima a argila, hoje foi substituído pela confecção de “bonecas negras” produzidas com retalhos de tecidos. Segundo Ventura, a pessoa que fazia o artesanato em argila, como apresenta a capa do *folder*, não reside mais na comunidade: “Agora temos uma outra pessoa que faz o artesanato. Ela não utiliza argila, mas retalhos de tecidos, para confeccionar as bonecas negras”. Essas bonecas não ficam expostas durante as visitas. São produzidas por encomenda. Ficam expostos, durante as visitas, os doces, preparados por D. Gerusa (cocada e pé-de-moleque,para serem vendidos.

No que diz respeito à culinária típica, hoje é servido somente o angu de banana verde com bacalhau, um prato que traz a história dos negros no período da escravidão. De acordo com os relatos de Ventura, “os mais velhos e sábios negros saboreavam a iguaria feita pelas avós ainda em situação de escravidão. Contam que as mulheres afrodescendentes secavam os peixes pescados às escondidas e os guardavam nas senzalas. Os negros, que trabalhavam nas lavouras, colhiam as bananas ainda verdes necessárias à iguaria. As maduras eram levadas para a Casa Grande.”

É importante destacar que, no início da implementação das atividades turísticas, eram servidos outros pratos típicos como o xinxim de galinha, péla-égua, mamão verde refogado, frigideira de carne-seca, moqueca, frango com urucum, angu de abóbora, frango caipira com quiabo[19].

Os teatros não são mais apresentados. Da dança, a que permaneceu foi o Caxambu realizada por crianças e jovens da comunidade. A trilha é realizada com caráter técnico-científico, tendo o apoio de Leonardo Ventura, turismólogo, e de seus filhos Sara,bióloga, e Felipe, estudante do curso de História.

[19] Hoje esses pratos foram substituídos por comidas tidas como mais acessíveis ao paladar de crianças e adolescentes.

O texto do *folder* segue informando que as atividades desenvolvidas pelos quilombolas no "Turismo Étnico, Cultural e Ambiental", foram coordenadas pelo Instituto Novas Fronteiras da Cooperação – INFC[20] em parceria com o Ministério do Turismo[21], apontando a presença de políticas públicas em Monte Alegre. Tais políticas chegaram em Monte Alegre em janeiro do ano de 2008[22] com o objetivo de fomentar o aperfeiçoamento das atividades turísticas que já aconteciam desde 2005, coordenadas por Leonardo.

Ainda segundo o texto, vale a pena conhecer o Quilombo de Monte Alegre, pois, por intermédio dele, o visitante terá oportunidade de viajar no tempo e na história ao vivenciar a prática do turismo cultural organizada por quilombolas monte-alegrenses.

Para melhor compreensão do leitor, o texto traz ainda orientações específicas de como trilhar, o caminho para conhecer Monte Alegre. É fácil chegar nesse quilombo! Frase que resume os itens "Localização" e "Como chegar", oferecidos no final da página do *folder*.

A 1ª página apresenta o mapa da Região Sul do Estado do Espírito Santo, sinalizando o local onde fica localizado Monte Alegre, com o intuito de facilitar a chegada do turista. Compondo a mensagem, são oferecidas quatro fotografias, em que são representadas duas crianças, um homem e uma mulher, todos negros, com expressão sorridente, dando a entender que se trata de moradores de Monte Alegre.

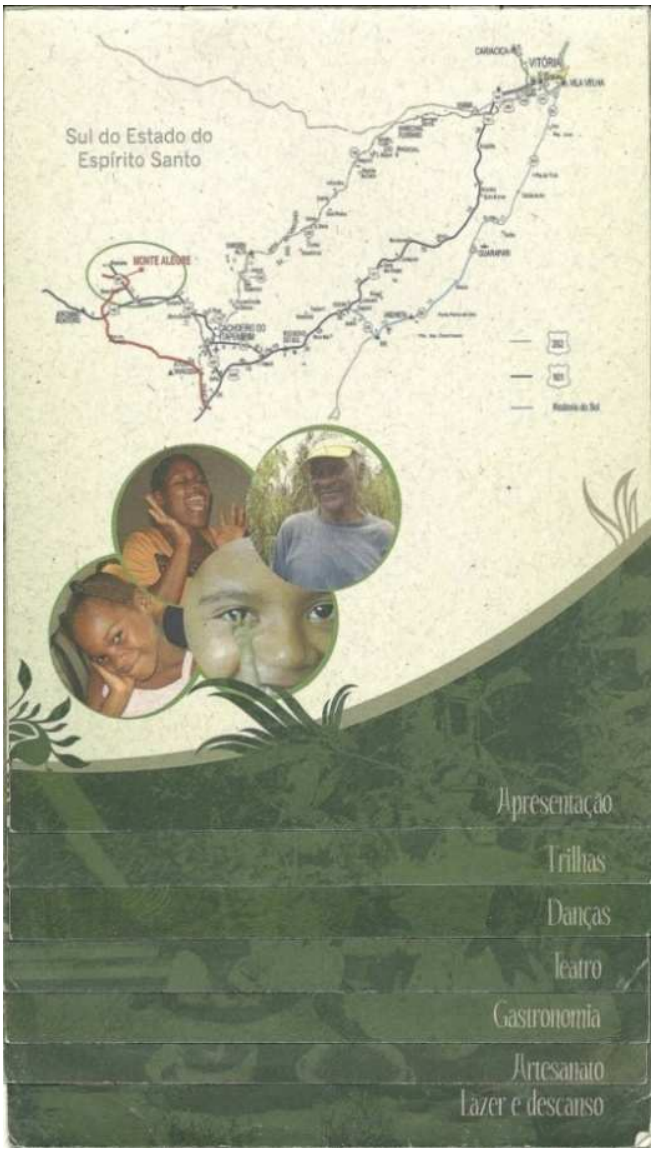
---

[20]O Instituto Novas Fronteiras da Cooperação - INFC é uma organização não governamental originária do Projeto PNUD BRA 97/015 (1990-99), constituída na forma de sociedade civil sem fins lucrativos com sede em Brasília/DF e atividades em todo o território nacional, desde 1999 dedicada, prioritariamente a estruturação e implementação de projetos sociais e econômicos, governamentais e privados. Disponível em: http://www.infc.org.br/. Acesso em: 17 de janeiro. 2014.

[21] Desenvolver o turismo como uma atividade econômica sustentável, com papel relevante na geração de empregos e divisas, proporcionando a inclusão social. O Ministério do Turismo inova na condução de políticas públicas com um modelo de gestão descentralizado, orientado pelo pensamento estratégico. Em sua estrutura organizacional está a **Secretaria Nacional de Políticas do Turismo**, que assume o papel de executar a política nacional para o setor, orientada pelas diretrizes do **Conselho Nacional do Turismo**. Além disso, é responsável pela promoção interna e zela pela qualidade da prestação do serviço turístico brasileiro. Para subsidiar a formulação dos planos, programas e ações destinados ao fortalecimento do turismo nacional há **Secretaria Nacional de Programas de Desenvolvimento do Turismo**. O órgão possui atribuição de promover o desenvolvimento da infraestrutura e a melhoria da qualidade dos serviços prestados. A **Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo)**, criada em 18 de novembro de 1966 como Empresa Brasileira de Turismo, tinha o objetivo de fomentar a atividade turística ao viabilizar condições para geração de emprego, renda e desenvolvimento em todo país. Desde janeiro de 2003, com a Instituição do Ministério do Turismo, a atuação da Embratur concentra-se na promoção, no marketing e no apoio à comercialização dos produtos, serviços e destinos turísticos brasileiros no exterior. Disponível em:http://www.turismo.gov.br/turismo. Acesso em: 17 de janeiro. 2014.

[22] Disponível em: http://www.turismo.gov.br/turismo/noticias/. Acesso em: 18 de janeiro. 2014.

Nas imagens dos quatro círculos, há a representação de três gerações. Na primeira, temos um homem, possivelmente quilombola, de idade mais avançada, provável portador da memória de Monte Alegre, das experiências, dos saberes e da importância de sua figura para os mais jovens. Ao seu lado, uma figura feminina, representando a força de vida dos jovens monte-alegrenses. Já os dois círculos localizados abaixo dos primeiros mostram a imagem de duas crianças, uma expressando a simpatia, o aconchego, qualidades que possivelmente poderão ser encontrados em Monte Alegre. A outra olha diretamente o leitor do *folder*, criando proximidade e expectativa com esse possível visitante, sobre o que poderá ser encontrado e apreciado por ele em Monte Alegre.



Assim, os sujeitos representados são exemplos de gerações que fazem parte do Quilombo de Monte Alegre, um lugar não muito grande, como sinaliza o mapa, mas composto por gerações que convidam o leitor a participar das atividades que envolvem esse turismo.

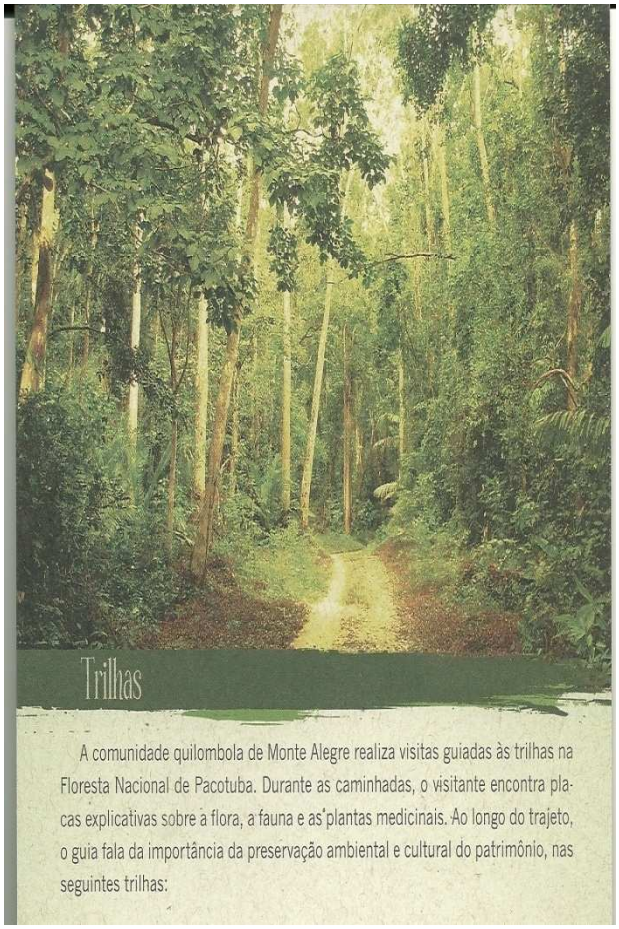
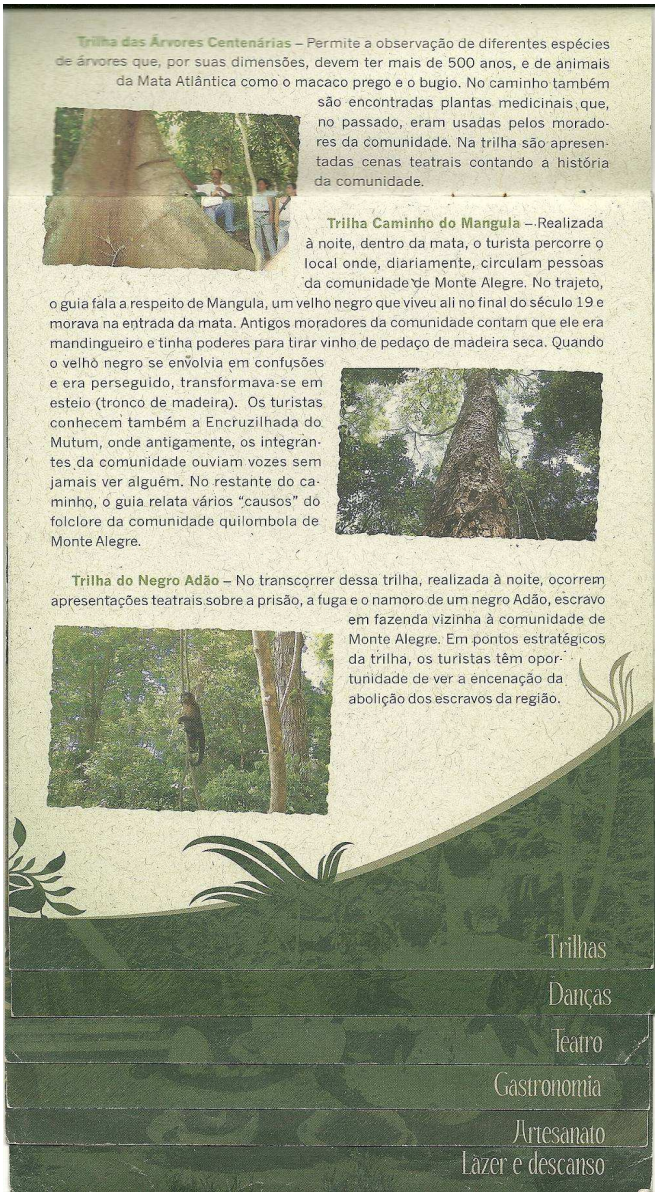


Figura 5: Página 2 do *Folder*

Na página 2 do *folder*, o leitor tem a visão de que a trilha é uma das atividades realizadas pelos visitantes na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, numa sequência de outras quevirão, como revelam os enunciados apresentados abaixo das imagens destacadas na capa do *folder*.

A imagem da Floresta Nacional de Pacotuba aponta o caminho a ser percorrido pelos visitantes na perspectiva de encontrar informações sobre a flora e a fauna, como afirma o texto abaixo dessa imagem, que representa um local que não oferece perigo, pois expressa uma forma segura de fazer uma trilha.

Na sequência, são apresentada as atividades que envolvem o passeio em meio às Árvores Centenárias, do Mangula e do Negro Adão, na Floresta Nacional de Pacotuba.



A imagem que acompanha o texto **Trilha das Árvores Centenárias** ilustra seu contexto. Já a imagem do texto **Trilha Caminho do Mangula**, ilustra a narrativa do velho Mangula: "Quando o velho negro se envolvia em confusões e era perseguido, transformava-se em esteio (tronco de madeira)". Uma história que tem uma forte ligação com as tradições afro-brasileiras, suas histórias de valentia, de uso de poderes mágicos e feitiços contra o branco.

Atualmente, no cotidiano das visitas, percebe-se que o percurso dessa trilha não é oferecido por Leonardo Ventura. Os visitantes não retornam à noite para fazê-

lo, bem como não há um estímulo ao pernoite. A história do velho Mangula não é narrada, nem mesmo durante as visitas que acontecem durante o dia, talvez seja por questões que envolvem a religiosidade, pois Leonardo Ventura e sua família são evangélicos.

O texto que trata da **Trilha do Negro Adão** afirma que ela também poderia ser realizada à noite, acompanhada de apresentações teatrais, porém, atualmente, na prática, não acontecem. Do mesmo modo,o teatro foi programado, porém, não é mais executado. O que realmente ocorre é a narrativa das histórias dessa trilha, sendo contada antes dos visitantes realizarem a caminhada.

Diante desse contexto, percebe-se que Leonardo, com o passar do tempo, (re) significou as atividades turísticas elaboradas pela equipe técnica do projeto coordenado pelo Instituto Novas Fronteiras da Cooperação – INFC em parceria com o Ministério do Turismo e voltou a realizar as atividades de Ecoturismo, dando alguma relevância a pontos específicos da cultura e culinária do quilombo.

Danças

Caxambu – O projeto proporcionou a valorização do caxambu, uma das mais autênticas manifestações populares da comunidade de origem africana. Abordou a origem, fundamentos e técnicas para fabricação de instrumentos de percussão. O Caxambu de Monte Alegre, que tem como mestra Maria Laurinda Adão – ícone da cultura negra no país – recebeu o título de patrimônio cultural e histórico pelo Instituto de Patrimônio Histórico Nacional (IPHAN).

O Caxambu é uma dança, normalmente realizada, à noite, diante da fogueira, em que os participantes, homens ou mulheres, se colocam em roda. No centro, a mestre Laurinda, improvisando saltos, voltelos, passos miúdos e balanceios, puxa a cantoria denominada jongo. As letras são tradicionais, entremeadas de improvisações referentes a acontecimentos ou fatos circunstanciais. À medida que a dança evolui, outros participantes passam a ocupar o centro da roda. Os ritmos são rápidos, fortes e vigorosos nas batidas dadas em dois tambores feitos de tronco de árvore e cavados a fogo, denominados tambor ou caxambu. Hoje, Monte Alegre conta com o grupo de Caxambu Mirim, composto por crianças e jovens que executam a dança e cantam jongo.

Figura 6: Página 3 do *Folder*

A página 3 do *folder* chama atenção para as danças que ocorrem durante as visitas, porém, agora, acompanhadas de imagens que representam como elas acontecem.

Nas três primeiras imagens que compõem a parte superior dessa página, temos o Samba de Roda, a Dança afro-contemporânea e, em seguida, o Caxambu, atualmente, apresentado pelas crianças e adolescentes da Comunidade de Monte Alegre não pertencentes à religião evangélica.

Apesar do texto mencionar a figura de D. Maria Laurinda como mestra do Caxambu, ela não faz parte do cenário que envolve o cotidiano das visitas. Portanto, os visitantes chegam para fazer o Turismo Cultural, mas, em nenhum momento, encontram ou conversam com Dona Maria Laurinda.

É importante ressaltar que o Samba de Roda nem sempre é realizado durante as visitas. De acordo com minhas observações, ele é apresentado para os estudantes que frequentam o Ensino Médio, Técnico e Superior, ou seja, para os estudantes mais velhos. Nessa dança, os visitantes são convidados a participar entrando e dançando na roda, embalados ao som do tambor, das palmas e do seguinte canto[23]:

Ô Simone cadê você, cadê você, cadê você,
Ô Simone cadê você, cadê você, cadê você.
Mexe, mexe Simone que o povo quer te vê,
mexe, mexe Simone que o povo quer te vê.

Cada componente que faz parte da roda é convidado a dançar. Quando todos já estiverem dançado, o Samba de Roda chega ao final, acompanhado dos versos:

Adeus, adeus, boa viagem eu vou me embora,
Fique com Deus boa viagem eu vou me embora.

Nas três imagens da parte inferior dessa página, temos representados a Capoeira Angola e o Maculelê, sendo apresentado por um grupo de monte-alegrenses, e, mais uma vez, a Dança afro-brasileira. Essas apresentações já não fazem mais parte do roteiro turístico cultural.

[23] Aqui transcrevo a música conforme cantaram para mim, chamando meu nome.

Para melhor entendimento do leitor, a página 3 destaca o contexto da dança Caxambu apresentado no texto anexo às imagens. Segundo ele, na comunidade, há um grupo de Caxambu mirim, composto por crianças e adolescentes que, sob a coordenação de Leonardo Ventura, apresenta essa dança, cantando alguns pontos do Caxambu. Esses pontos são os mesmos cantados por D. Maria Laurinda em suas festas, em especial, a denominada "Raiar da Liberdade"[24]. Vale ressaltar que todas essas danças têm a presença do tambor[25].

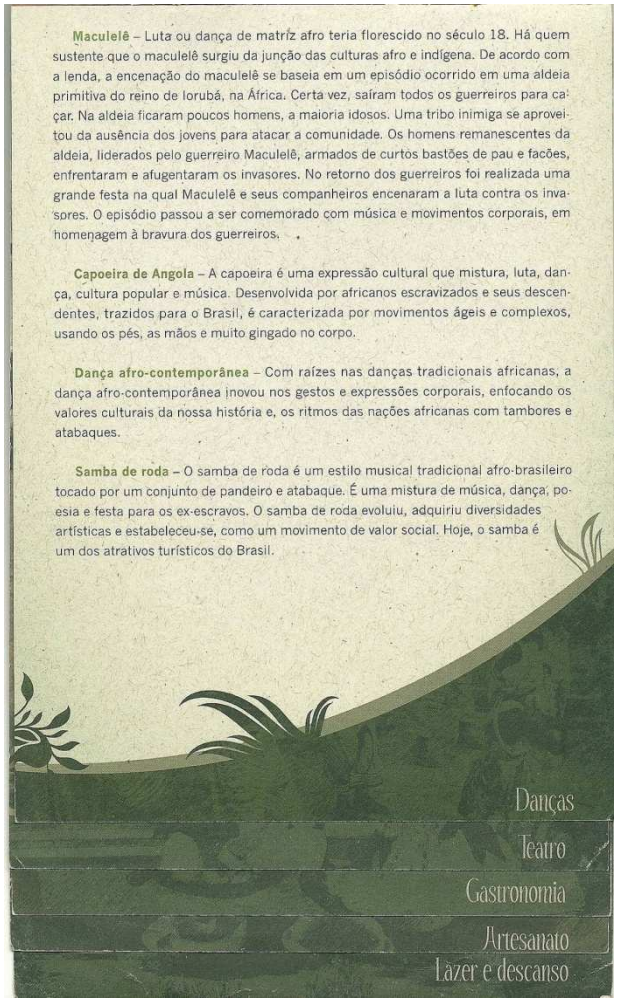
Princesa foi simbora,
Escreveu no papelão.
Quem quisé comê
Trabalha com suas mãos"
Passei na ponte, a ponte estremeceu
Passei na ponte, a ponte estremeceu.
Não sou mais de que ninguém,
Ninguém é mais do que eu.

(Pontos cantados pelo grupo de Caxambu Santa Cruz de Monte Alegre)

Dando continuidade ao contexto da análise da página 3 do *folder*, percebe-se a descrição da origem do Maculelê, da Capoeira de Angola, da Dança afro-contemporânea e do Samba de Roda, cujas imagens foram representadas no início dessa página. Assim, a comunicação visual encantará o leitor antes da comunicação gráfica. Dessa forma, os interessados em fazer a visitação ao Quilombo de Monte Alegre estarão informados que ali é um lugar que tem história, para contar e que essas informações serão transformadas em conhecimento a partir do momento que forem sendo vivenciadas. Para Brandão (2007, p.07):

> Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações.

[24] Comemoração do dia 13 de maio.
[25] Algumas congregações evangélicas proíbem toda ação associada ao uso do tambor por identificar nesse instrumento elemento da religiosidade afro-brasileira, considerada como "feitiço", "bruxaria" ou "macumba" (SILVA, 2005, p. 13).



Maculelê – Luta ou dança de matriz afro teria florescido no século 18. Há quem sustente que o maculelê surgiu da junção das culturas afro e indígena. De acordo com a lenda, a encenação do maculelê se baseia em um episódio ocorrido em uma aldeia primitiva do reino de Iorubá, na África. Certa vez, saíram todos os guerreiros para caçar. Na aldeia ficaram poucos homens, a maioria idosos. Uma tribo inimiga se aproveitou da ausência dos jovens para atacar a comunidade. Os homens remanescentes da aldeia, liderados pelo guerreiro Maculelê, armados de curtos bastões de pau e facões, enfrentaram e afugentaram os invasores. No retorno dos guerreiros foi realizada uma grande festa na qual Maculelê e seus companheiros encenaram a luta contra os invasores. O episódio passou a ser comemorado com música e movimentos corporais, em homenagem à bravura dos guerreiros.

Capoeira de Angola – A capoeira é uma expressão cultural que mistura, luta, dança, cultura popular e música. Desenvolvida por africanos escravizados e seus descendentes, trazidos para o Brasil, é caracterizada por movimentos ágeis e complexos, usando os pés, as mãos e muito gingado no corpo.

Dança afro-contemporânea – Com raízes nas danças tradicionais africanas, a dança afro-contemporânea inovou nos gestos e expressões corporais, enfocando os valores culturais da nossa história e, os ritmos das nações africanas com tambores e atabaques.

Samba de roda – O samba de roda é um estilo musical tradicional afro-brasileiro tocado por um conjunto de pandeiro e atabaque. É uma mistura de música, dança, poesia e festa para os ex-escravos. O samba de roda evoluiu, adquiriu diversidades artísticas e estabeleceu-se, como um movimento de valor social. Hoje, o samba é um dos atrativos turísticos do Brasil.

Danças
Teatro
Gastronomia
Artesanato
Lazer e descanso

Atualmente, no decorrer das visitas coordenadas por Leonardo, somente a dança Caxambu e o Samba de Roda fazem parte das atividades desenvolvidas. É válido ressaltar que o Samba de Roda nem sempre é apresentado, pois depende da disponibilidade do tempo das escolas, pois, ao efetivarem o agendamento com Ventura, as escolas têm preferência para que a visita aconteça no horário de aula dos estudantes (matutino – 7h às 11h30 ou vespertino – 13h às 17h30). Assim sendo, o horário fica restrito para a apreciação das atividades ofertadas no decorrer da visita: café da manhã; almoço; café da manhã e almoço; apresentação cultural (caxambu, samba de roda ou caxambu e samba de roda) e trilha. Nas visitas que acompanhei, algumas escolas organizam com seus estudantes o lanche para a realização do café da manhã, saboreando apenas o almoço preparado e servido pela esposa de Leonardo, Luzia Ventura. Já em outras visitas, os estudantes saboreavam apenas o lanche servido por Luzia no café da manhã, deixando para almoçar em casa. Também, presenciei estudantes saboreando o café da manhã e o almoço preparado por Luzia.

Quando a visita é realizada aos sábados ou aos domingos, o Samba de Roda acontece com mais frequência,pois seus integrantes (quilombolas monte-alegrenses) têm uma maior disponibilidade de tempo devido ao fato de não terem de se preparar para ir à escola e, assim, além de apresentarem o Caxambu, apresentam também a Dança afro-contemporânea e o Samba de Roda.

No que diz respeito aos estudantes que frequentam a escola no turno noturno, as visitas são agendadas para acontecerem no turno diurno.

Teatro

Escravo Adão - Adão era escravo na vizinha fazenda Boa Esperança. Acorrentado, à noite, ao tronco devido a sua insubordinação, Adão fugia da fazenda a cavalo para se encontrar com os abolicionistas e namorar as escravas na senzala de outra fazenda. Antes do amanhecer, ele voltava ao tronco. Negro Adão deixou descendentes em Monte Alegre que, hoje, vêem seu passado e sua história valorizados.

Abolição – A cena transcorre dentro da trilha Árvores Centenárias e retrata os maus tratos das sinhazinhas com os filhos bastardos e suas mucamas. Por meio do teatro, é mostrado como os escravos, que trabalhavam nos cafezais das fazendas vizinhas à Monte Alegre, mudaram de vida com o fim da escravatura.

Pau da Mentira – Contar causos e casos que fazem rir também faz parte dessa comunidade. As noites de Monte Alegre são e eram muito divertidas. Pessoas se reuniam para ouvir rádionovelas e, enquanto essas não começavam, todos contavam suas façanhas do cotidiano. Eram histórias de arrepiar e de fazer gargalhar. Vale a pena conferir o rádio que "fala", ouvir o lobisomem e saber da bala que dividida matou duas onças ao mesmo tempo.

Enterro da Escrava Rufina – Rufina foi uma bela negra escravizada que teve os restos mortais enterrados no cemitério quilombola de Monte Alegre. Mas não se trata apenas de uma triste história. O enterro era um momento de encontro das pessoas, em que causos eram contados e casos de toda sorte revelados. Até os dias de hoje, os enterros da comunidade são marcados por essa singularidade.

Figura 07: Página 4 do *Folder*

A página 4 traz a imagem de uma das cenas do teatro chamado "Abolição", sendo representado na figura das jovens monte-alegrenses. Para melhor compreensão do leitor, após essa imagem, é apresentado um texto descritivo sobre a história de cada teatro programado, para acontecer no transcorrer das visitas.

Durante a pesquisa, pude verificar que a história do Escravo Adão já não é mais encenada, porém, narrada por Ventura antes dos visitantes (estudantes) prestigiarem o Caxambu e percorrerem o caminho da trilha.

O contexto que envolve o texto Pau da Mentira, que tem ligação com os saberes africanos e o Enterro da Escrava Rufina, também já não é encenado pelos monte-alegrenses e nem narrados durante a visita. Percebe-se que são narrativas que se perdem diante da dinâmica atual das visitas,perpassada pelo ecoturismo (trilha pela Floresta Nacional de Pacotuba), pela apresentação cultural do Caxambu, Samba de Roda e da Dança afro-contemporânea.

É importante destacar que D. Maria Laurinda cuida pessoalmente de cavar as sepulturas no caso da morte de membros de Monte Alegre, o que se articula ao fato dela ser mãe de santo; pode indicar, também,sua preocupação em relação aos ancestrais e ao preparo das almas. De acordo com o livro “Todas as Faces de Maria”, a organizadora e contadora de histórias, Maria Elvira Tavares Costa (2012, p. 22),aponta:

> Ela vai ajudar no parto e ela vai processar a morte! Para mim, talvez, uma das cenas mais lindas que eu vi de Maria Laurinda foi o sepultamento da Mãe Velha. Acho que foi uma das coisas mais fortes que eu vi na minha vida. Eu perguntei prá ela: - Mãe, você vai sepultar o corpo da sua mãe? Ela disse: - Ora, meu Deus! Se eu faço isso com todas as pessoas; se eu cuido de todas as pessoas, nessa hora, por que eu não vou cuidar da minha mãe? E ela esteve lá, de pé, com a enxada dela, depositando o corpo da mãe, de volta prá Mãe Terra Uma das coisas mais lindas que eu vi na minha vida!

Ainda na página 4 desse *folder,* é possível visualizar a imagem que representa a história chamada Pau da Mentira. Nota-se, na imagem, a figura de um rádio exposto no corpo de um monte-alegrense já adulto acompanhado de alguns jovens. Ele estaria narrando, para as novas gerações, os “causos” e “casos” da Comunidade de Monte Alegre.

Logo abaixo, temos uma imagem representando uma das cenas do teatro denominado “Abolição”, encenada no espaço próximo ao campo de futebol de Monte Alegre.

Gastronomia

Saborear os melhores pratos da gastronomia africana está incorporado ao roteiro turístico de Monte Alegre. Doces, compotas e pratos como o xinxim de galinha, péla égua, mamão verde refogado, frigideira de carne-seca, moqueca, frango com urucum, angu de abóbora, frango caipira com quiabo, entre tantos outros, fazem parte fazem parte de um variado e delicioso cardápio.

Entre todos os pratos, o famoso angu de banana verde com peixe seco é um dos principais pratos típicos de Monte Alegre e se destaca pela sua história. Há quem diga que sua origem é italiana. Outros garantem que os mais velhos e sábios negros saboreavam a iguaria feita pelas avós ainda em situação de escravidão. Contam que as mulheres afro-descendentes secavam os peixes pescados às escondidas e os guardavam nas senzalas. Os negros, que trabalhavam nas lavouras, colhiam as bananas ainda verdes necessárias à iguaria. As maduras eram levadas para a Casa Grande.

Figura 08: Página 5 do *Folder*

As imagens apresentadas na página 5 destacam, de uma forma bem atrativa, a variedade de alimentos que são servidos no almoço de Monte Alegre.

A figura da panela de ferro contendo a feijoada, que não é citada no texto logo abaixo das imagens, ocupa o lugar de um dos pratos a serem servidos, acompanhada pelo tabuleiro repleto de fatias de laranja exposto sobre a folha de banana. Esse cenário vem revelar a simplicidade dos monte-alegrenses, bem como reforçar que a Comunidade de Monte Alegre tem história. Logo ao lado, temos representado o fogão à lenha, anunciando que os alimentos são cozidos nele, o que tende a deixá-los mais saborosos.

Hoje os alimentos não são cozidos nesse fogão de lenha e, sim, no fogão convencional que fica na cozinha localizada em anexo ao espaço onde está o fogão de lenha e onde também é servido o almoço, espaço que Leonardo Ventura denominou de “Zenzala”.

Após preparados, os alimentos são levados para o fogão à lenha aceso por Luzia Ventura, esposa de Leonardo, com o objetivo de mantê-los aquecidos durante o almoço.

Abaixo da imagem em destaque, é apresentado um texto informativo, contendo, em seu primeiro parágrafo, informações sobre a diversidade de pratos que são servidos na Comunidade Quilombola de Monte Alegre. Os doces, como a cocada e o pé de moleque são vendidos por D. Geruza, evangélica, uma monte-alegrense de “mão cheia”, que trabalha também na produção e venda dos doces para os visitantes, ao valor de um real.

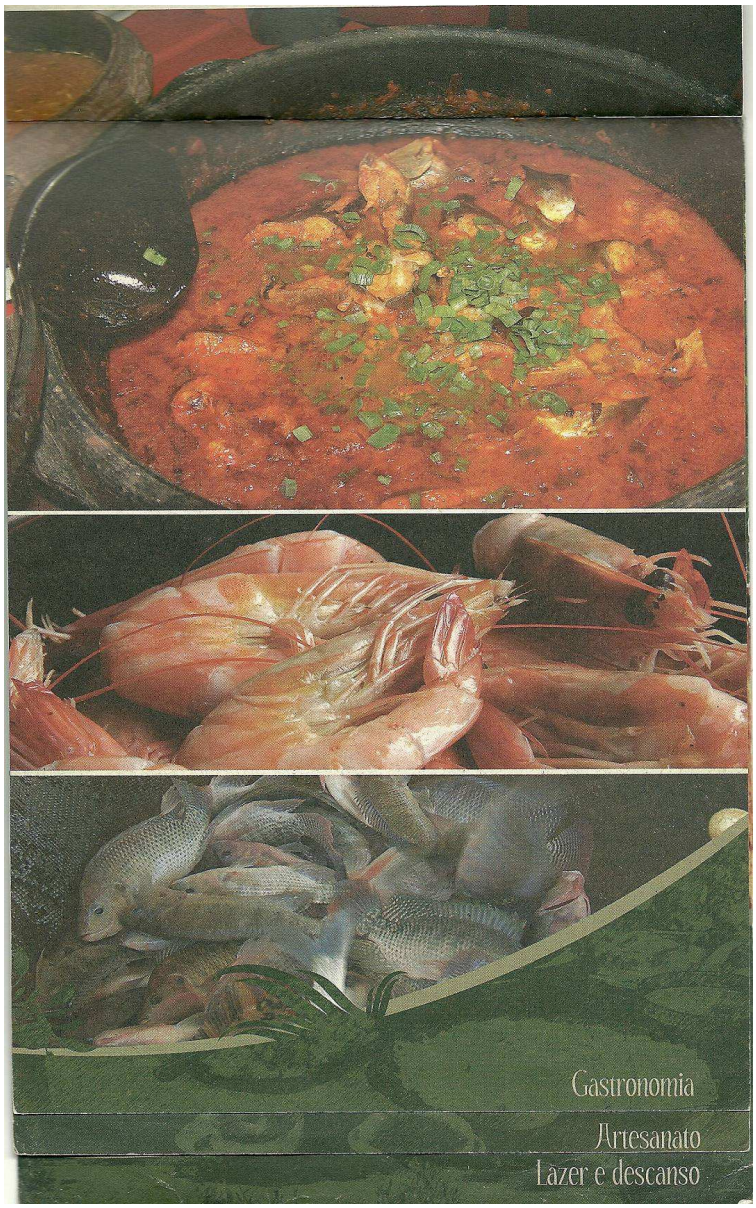
As compotas já não fazem parte desse cardápio. Assim, como o xinxim de galinha[26], a péla égua[27], o mamão verde refogado, a frigideira de carne seca, a moqueca, o frango com urucum, o angu de abóbora e o frango caipira com quiabo. Tais pratos são mencionados no *folder*, mas, foram substituídos pelo macarrão, angu de milho, arroz, frango desfiado, mandioca frita, abóbora com carne seca, farofa, batata frita, salada, molho de cebola e o famoso angu de banana verde que, de acordo com o segundo parágrafo, é um prato típico de Monte Alegre. Uma (re) significação feita por Ventura, segundo ele motivada pelo gosto dos estudantes que participam das visitas à Monte Alegre.

No segundo parágrafo dessa página, o leitor tem oportunidade de conhecer a história de mais um prato chamado angu de banana verde com peixe seco (piabinha para os antigos monte-alegrenses), hoje servido com o peixe de nome “bacalhau”.

---

[26]Guisado de galinha com diversos temperos e camarões secos moídos, a que se junta azeite-de-dendê. Disponível em: http://www.dicio.com.br/ Acesso em: 04 de março. 2014.

[27]Canjiquinha ou “Péla Égua” – Cozido suculento, com costelinha de porco e quirera de milho. Na Canjiquinha, esse milho – triturado grosseiramente até ficar um farelo que não passe por uma peneira – tem seu sabor aprimorado pelas costelinhas de porco, contribuição das cozinheiras escravas: herança africana. Servida em prato fundo, acompanhada de couve picada bem fina, refogada, com pimenta, a canjiquinha é um prato popular e assíduo frequentador das casas mineiras, mas não encontrado com facilidade em restaurantes mineiros. Parece haver um preconceito quanto a esse prato... talvez, por ser muito barato, à base de milho... comida de animais. Péla égua: Nome popular dado ao prato. Conta-se a história que o nome surgiu com os tropeiros, que comiam a Canjiquinha - que é comida quente - e soltavam flatulências quentes montados em cima da égua em que se transportavam. Disponível em: http://www.alimentares.com/gemm/sudeste.asp. Acesso em: 04 de março.2014.

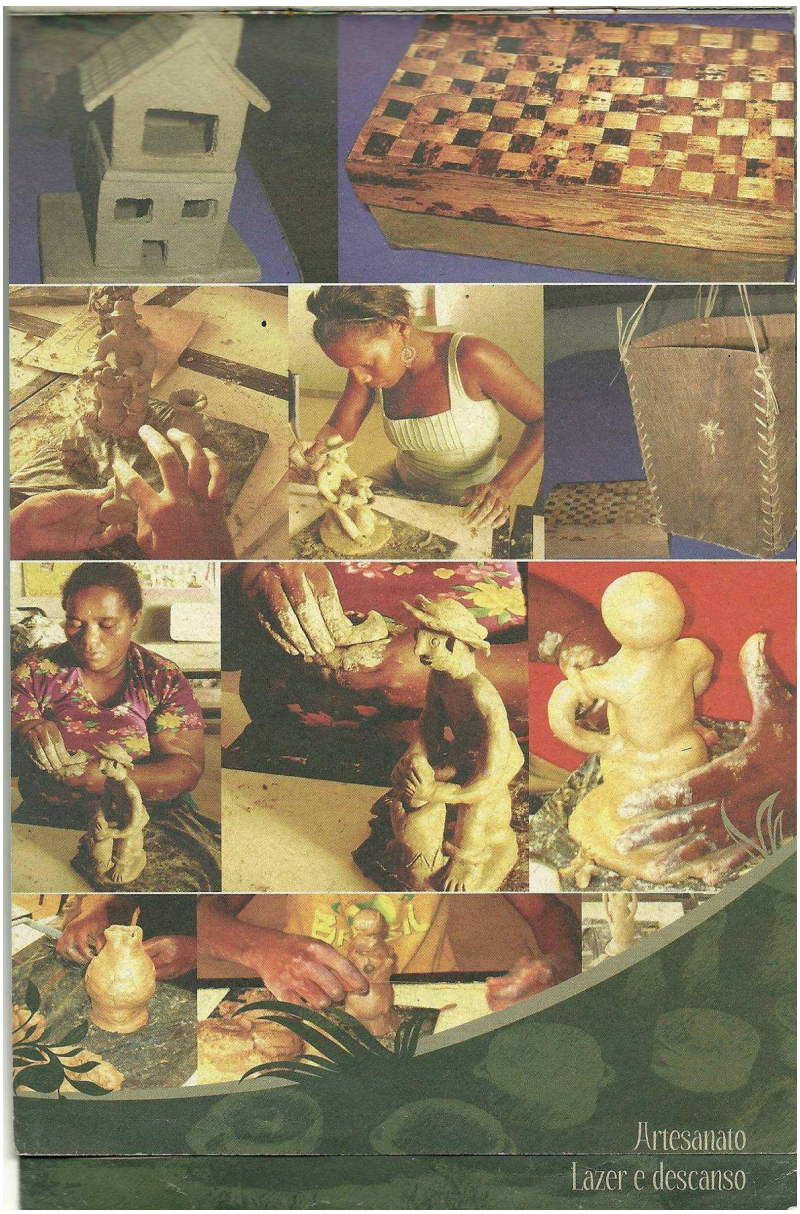


De acordo com essa página, a moqueca[28] é o prato em destaque desta gastronomia. As imagens que representam o camarão e o peixe ocupam o lugar de

[28]A moqueca (termo utilizado no Brasil) é um cozido de peixe e outros frutos do mar com diferentes temperos. Tradicional item da culinária capixaba e baiana, apresentando variações na paraense. Originalmente esse prato é uma variação de pratos tipicamente indígena da costeira do ES e BA. Um olhar mais atento sobre a iguaria percebe as distinções: na moqueca capixaba não entra dendê – clara influência africana na culinária baiana– ou leite de coco; nem pimentão como costumam usar os cariocas. A receita local ganhou fama nestes tempos de culto ao corpo, exatamente por ser mais leve do ponto de vista calórico. Na receita típica capixaba, a cor vem da tintura de urucum, o azeite é doce, o tomate precisa estar bem maduro,a cebola branca o e alho devem ser bem cortados e o coentro picado, salpicado em doses bem generosas. A moldura perfeita fica por conta da panela de barro, feita pelas paneleiras de Goiabeiras (um bairro da cidade de Vitória, ES), senhoras que moldam, queimam e as tingem com cascas tiradas do manguezal. Assim, está garantido o sabor inigualável na preparação do prato. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Moqueca. Acesso em 18 de fevereiro. 2014.

representação dos ingredientes utilizados no preparo da moqueca revelada na imagem destacada na segunda parte dessa página.

Figura 09: Página 6 do *Folder*



As imagens apresentadas na página 6 do *folder*dão destaque ao artesanato produzido pelos quilombolas a partir de oficinas proporcionadas pelos instrutores do Projeto de Turismo Étnico, Cultural e Ambiental.

De acordo com as informações do texto, a matéria-prima utilizada no processo de construção dos objetos é extraída da Floresta Nacional de Pacotuba, localizada próxima à comunidade.

Figura 10: Página 7 do *Folder*

“Lazer e o descanso” é o título que caracteriza a última página do *folder* em análise, considerada também a página 7. A primeira imagem representa o aconchego, o local de descanso, a harmonia com o ambiente, como menciona o texto dessa página. São características atribuídas à Comunidade Quilombola de Monte Alegre, que poderão ser encontradas e vivenciadas pelas pessoas durante a visita. A casa da imagem em destaque, denominada por Leonardo de “Zenzala”, foi construída por ele no espaço de sua propriedade, onde os visitantes têm oportunidade de saborear o café da manhã, almoçar e escutar as histórias narradas por Leonardo sobre o Histórico de Monte Alegre.

Ainda nessa página, é possível visualizar a beleza da flora e fauna encontrada na comunidade, em especial, no momento que os visitantes vivenciam a atividade da trilha.

Figura 11: O verso da página 7 do*Folder*

O verso da página 7 desse *folder* é composto pelos patrocinadores, como EAFA (Escola Agrotécnica Federal de Alegre)[29], a Floresta Nacional de Pacotuba[30], a Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, a Prefeitura Municipal de Alegre, a Prefeitura Municipal de Castelo, o Centro Universitário São Camilo – Espírito Santo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Alegre – FAFIA, Bicho do Mato[31] – Ecoturismo e Meio Ambiente, Incaper – Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural, a Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura[32] e Pesca, o INFC - Instituto Novas Fronteiras da Cooperação e o Ministério do Turismo. Em seguida, é explicitado o número do telefone celular de Leonardo (28) 9917-0842, forma pela qual os interessados devem estabelecer contato para visitar a Comunidade Quilombola de Monte Alegre.

[29] Agora Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) – Campus de Alegre. Escola Agrotécnica Federal de Alegre. Disponível em: http://www.ebah.com.br/eafa. Acesso em: 16 de março. 2014.

[30]Está localizada no estado de Espírito Santo na região sudeste do Brasil. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Floresta_Nacional_de_Pacotuba. Acesso em: 16 de março. 2014.

[31] Criado em setembro de 2004, o Bicho do Mato da comunidade de Monte Alegre, na zona rural de Cachoeiro de Itapemirim- ES é um grupo formado por quilombolas com a proposta de promover visitas de turistas à Monte Alegre, gerando e distribuindo renda complementar aos moradores da comunidade. Disponível em http://bichodomatoma.blogspot.com.br/. Acesso em: 16 de março. 2014.

[32]Aquicultura é o cultivo de organismos cujo ciclo de vida em condições naturais se dá total ou parcialmente em meio aquático. Assim como o homem aprendeu a criar aves, suínos e bovinos, bem como a plantar milho e trigo, também aprendeu a cultivar pescado. Desta forma, assegurou produtos para o consumo com mais controle e regularidade. A aquicultura é praticada pelo ser humano há milhares de anos. Existem registros de que os chineses já tinham conhecimentos sobre estas técnicas há muitos séculos e de que os egípcios criavam a tilápia há cerca de quatro mil anos. Aqui a cultura pode ser tanto continental (água doce) como marinha (água salgada), esta chamada de maricultura. Disponível em: http://www.mpa.gov.br/ Acesso em 16 de março.

Parte III

Escolas visitam o Quilombo de Monte Alegre

A educação não é uma fórmula de escola,
mas sim uma obra de vida.
(Célestin Freinet)

Figura 12: Fotografia dos estudantes na trilha da Floresta Nacional de Pacotuba

3.1 TURISMO PEDAGÓGICO: UMA PRÁTICA ENGAJADA NOS ESTUDOS DE CÉLESTIN FREINET

É necessário a aventura da vida..."
Célestin Freinet (1996, p 46)

O educador Célestin Freinet, por ter lutado na Primeira Guerra Mundial em 1914, teve seus pulmões afetados pelos gases tóxicos do campo de batalha. Apesar dessas mazelas geradas pela guerra, em 1920,Freinet começou a lecionar na aldeia de Le Bar-sur-Loup, no sul da França,onde pôs em prática e sistematizou experiências pedagógicas inovadoras como a "aula-passeio", "a produção de textos livres" e o "livro da vida"[33].

Freinet (1995) foi um grande pedagogo que propôs, no início do século XX, uma prática pedagógica voltada para o interesse dos estudantes, para a experimentação, a comunicação, cooperação, afetividade e a valorização do ambiente externo, posicionando-se contra o ensino tradicional. Para ele:

> A experiência obriga-nos a uma maior humildade. Ela nos mostra que, salvo algumas raras exceções, a escola nunca está na vanguarda do progresso social. Ela pode estar em teoria – o que nunca basta –, mas na prática, sua plenitude está por demais condicionada pelo ambiente familiar, social e político, para que possa desprender-se dele no sentido de uma hipotética libertação autônoma. Ao contrário, a escola segue, sempre com um atraso mais ou menos lamentável, as conquistas sociais. Cabe a nós reduzir esse atraso, o que já será uma vitória apreciável (FREINET, 1995, p. 14 -15).

Em 1956, liderou a vitoriosa campanha que propõe o limite máximo de 25 alunos por classe. No ano seguinte, seus seguidores fundaram a Federação Internacional dos Movimentos da Escola Moderna (FIRMEM), que hoje reúne educadores de cerca de 40 países.

O Movimento da Escola Moderna é uma associação de professores e demais profissionais da educação que tem por base a pedagogia de vários pensadores da educação, entre eles Freinet, que desenvolveu um método natural de aprendizagem

[33] Hoje mais conhecido como Portfólio que de acordo com Shores; Grace, (2001) é um instrumento utilizado na realização do processo de registro – documentação das atividades realizadas pelos alunos. Um instrumento que encoraja a reflexão, já que eles participam de seu processo de montagem. Estimula as crianças a construírem hipóteses, testemunharem, argumentarem sobre determinado conhecimento, que, registrados de uma forma mais sistemática, mostrará um processo de continuidade na construção das aprendizagens.

durante seu trabalho como docente. De acordo com essa proposta, o objetivo é centrar-se na formação contínua dos professores, que atua num modelo de autoformação cooperada, organizado em grupos de trabalho cooperativo, que refletem sobre suas práticas e partilham experiências, bem como instrumentos de trabalho.

Para esse autor, a organização de uma “aula-passeio” deve estar pautada num planejamento que estabelece uma conexão com os conteúdos abordados, discutidos em sala de aula. É a partir da experiência fora e dentro da sala de aula que a construção de sentido e significado para os estudantes será processada. Assim, a escola pode construir uma ponte entre conteúdos e o contexto social, interagindo com o ambiente social e político, o que permite uma maior compreensão do conhecimento sendo construído em sala. Nas palavras dele:

> A escola, assim penetrada por uma nova vida à imagem do ambiente, deverá, pois, adaptar não apenas seus locais, seus programas e seus horários, mas também seu instrumental trabalho e suas técnicas às conquistas essenciais do progresso de nossa época. Não devemos acomodar-nos por mais tempo com uma escola que tem cem anos de atraso, com seu verbalismo, seus manuais, seus manuscritos, o gaguejo de suas lições, a recitação de seus resumos, a caligrafia de seus modelos. No século do reinado inconteste da imprensa, da imagem, fixa e animada, dos discos, do rádio, da máquina de escrever, da fotografia, da câmara, do telefone, do trem, do automóvel e do avião! (FREINET, 1995, p.12-13).

Em seu livro “Pedagogia do Bom Senso” (1996, p.44), Freinet compara, por meio de metáforas, o educador ao criador/tratador de animais:

> *Lamento os criadores – que chamamos hoje de tratadores – e os seus animais encerrados em estábulos de onde só saem para o matadouro.*
> *Porém, não sofrem! Sua manjedoura está sempre abundantemente abastecida de uma imponente massa de capim e de feno, porque é preciso quantidade para encher bem a pança, não é mesmo?*
> *Se alguns animais, ainda não suficientemente domesticados, recusam-se a engolir a respectiva porção, são empanturrados com sal ou massa de sementes... Têm de comer o que lhes é dado! Não cabe a eles escolher, ora bolas!*
> *Se a digestão for difícil, a ciência indicará um produto maravilhoso que, diluído em água, evitará todos os problemas. Com efeito, os animais dão muito leite, mas, ao fim de três anos, definham e morrem esgotados.*

> *Não tenho nenhuma dessas preocupações. Levo os meus animais para as pastagens mais ricas. Têm fome, o que é natural; e escolhem, o que também é natural. Adquirem um pêlo brilhante e boa carne, o que é igualmente normal. Basta-se garantir-lhes pastos e segurança.*
> *Lamento os educadores que são apenas tratadores e pretendem tratar metódica e cientificamente os alunos, encerrados em salas onde, felizmente, permanecem apenas algumas horas por dia.*
> *A sua grande preocupação é fazer engolir a massa de conhecimento que irá encher cabeças ingurgitadas até a indigestão e a náusea. A arte deles é a de empanturramento e condicionamento, e também da medicação suscetível de tomar assimilável as noções ingeridas.*
> *Conserve nos seus alunos o apetite natural. Deixe-os escolher os alimentos no meio rico e propício que você lhe prepara. Então, você será um educador.*

A ideia de fazer valer uma prática educativa, que tem como objetivo cultivar a curiosidade dos estudantes visando torná-los sujeitos pensantesé, segundo o autor, a maneira dos educadores estimularem a capacidade de construção de conhecimento de nossos estudantes levando em consideração suas experiências, inquietações e seus desejos.

É mais cômodo ser um educador tratador, o que implica uma prática pedagógica baseada apenas no discurso teórico que não promove vivências e que está distante do contexto em que o estudante está inserido. Ainda, segundo o autor:

> Infeliz educação a que pretende, pela explicação teórica, fazer crer aos indivíduos que podem ter acesso ao conhecimento pelo conhecimento e não pela experiência. Produziria apenas doentes do corpo do espírito, falsos intelectuais inadaptados, homens incompletos e impotentes (FREINET,1996, p. 42).

Assim, as aulas-passeio têm o objetivo de promover um ambiente onde as relações sociais, econômicas e culturais são interativas, deixando caracterizar essa atividade como uma forma de lazer e turismo aplicado à educação. A prática dessas aulas identificadas por Freinet podem também ser vistas como uma possibilidade de "ponte" entre a pedagogia e o turismo, o que chamamos, atualmente, de turismo pedagógico, propiciando a conversão e reconversão do olhar nos envolvidos. Seguindo essa análise do pensamento de Freinet, pode-se notar que:

> [...] as viagens incluem aprendizagem que contemplam os quatro pilares da educação contemporânea: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser. Nas viagens, as habilidades dos alunos podem ser estimuladas e desenvolvidas em pelo menos três momentos: o do planejamento, o da viagem em si e do retorno. Nestes, os indivíduos desenvolvem a capacidade de organização, iniciativa e participação; observação, respeito e coleta de dados; e por último, a sistematização de conhecimentos (BONFIM, 2010, p. 124).

Em seus estudos, Bonfim (2010, p.121) afirma que as principais evidências da realização de viagem de crivo educacional datam do século XVIII, iniciadas por jovens aristocratas ingleses aos principais centros culturais da Europa, com o objetivo de aperfeiçoar seus estudos, para seguir e consolidar uma carreira profissional. Dessa forma, a prática dessa viagem surgiu como privilégio das classes sociais mais favorecidas, caracterizada como uma atividade apenas da elite. Atualmente, pode-se dizer que o turismo é uma atividade popular, uma vez que conquistas sociais contribuíram para seu desenvolvimento. Entre essas conquistas, podem ser citadas: a diminuição da jornada de trabalho, salários fixos, férias remuneradas, participação feminina no orçamento doméstico, entre outras.

O turismo pedagógico compartilha com a ideia de uma educação diferenciada, voltada aos interesses de um mundo melhor, da busca pela qualidade de vida e da conservação de bens e recursos naturais, culturais e ambientais (BONFIM, 2010, p.122-123).

Por outro lado, no que tange à discussão pedagógica aqui suscitada, as ideias de Freinet são basilares para a construção dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), principalmente, nos pontos condizentes à apresentação dos temas transversais e ética, em seus quatro princípios que orientam a construção da política pública que norteia e educação escolar no Brasil. São eles:

> 1. “*Dignidade da pessoa humana* – Implica respeito aos direitos humanos, repúdio à discriminação de qualquer tipo, acesso a condições de vida digna, respeito mútuo nas relações interpessoais, públicas e privadas.
> 2. *Igualdade de direitos* – Refere-se à necessidade de garantir a todos a mesma dignidade e possibilidade de exercício de cidadania. Para tanto há que se considerar o princípio da equidade, isto é, que existem diferenças (étnicas, culturais, regionais, de gênero, etárias, religiosas, etc.) e desigualdades (socioeconômicas) que necessitam ser levadas em conta para que a igualdade seja efetivamente alcançada.

> 3. *Participação* – Como princípio democrático, traz a noção de cidadania ativa, isto é, da complementaridade entre a representação política tradicional e a participação popular no espaço público, compreendendo que não se trata de uma sociedade homogênea e sim marcada por diferenças de classe, étnicas, religiosas, etc.
> 4. *Co*-responsabilidade pela vida social – Implica partilhar com os poderes públicos e diferentes grupos sociais, organizados ou não, a responsabilidade pelos destinos da vida coletiva. É, nesse sentido, responsabilidade de todos a construção e a ampliação da democracia no Brasil" (1997, p. 22 – 23).

Assim, a aula-passeio pode ser planejada pelo professor tendo como base os princípios mencionados acima, para que, dessa forma, o conhecimento construído tenha sentido na vida de nossos educandos, pois a experimentação, as vivências são premissas que perpassam o aprendizado com significado.

Ao chegar em Monte Alegre, os visitantes têm oportunidade de experimentar as atividades de "Turismo étnico, cultural e ambiental" (nos termos assim definidos pelo organizador e coordenador dessas atividades) desenvolvida por Leonardo e pelos monte alegrenses engajados nesse turismo.

No decorrer do ano letivo, escolas de Educação Básica, do Ensino Técnico e de Centro Universitário da cidade de Cachoeiro e de seu entorno têm oportunidade de agendar tais visitas.

3.2 TURISMO ÉTNICO, CULTURAL E AMBIENTAL: O PERCURSO DA VISITA

> Não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a sua única prática e o professor profissional não é o seu único praticante.
>
> Carlos Rodrigues Brandão (2007, p.09)

Figura 13: Fotografia de Leonardo Ventura.

Quando chegam ao Quilombo de Monte Alegre, os estudantes são acolhidos por Leonardo. Em seguida, são convidados para uma visita a sua “propriedade” chamada “Lírio do Campo”[34], para saborear o café da manhã preparado por sua esposa, Luzia Ventura. Frutas, como mamão e banana; bolo de diferentes sabores - chocolate e coco; torradas com patê; rosca doce; mandioca frita; pão com manteiga; leite e café são os alimentos servidos.

Após o café, o primeiro momento da visita é marcado com um diálogo realizado por Leonardo Ventura em que narra o surgimento do Quilombo de Monte Alegre.

Segundo Leonardo, os relatos de pessoas mais idosas de Monte Alegre, portadores do conhecimento da comunidade (os griôs)[35], narram que houve o caso de um fazendeiro efetuar a doação de uma parte da terra para a filha que tiveracom uma escrava, como forma de garantir o futuro da filha bastarda. Assim, Monte Alegre não teria se formado por meio de agrupamentos de negros fugidos, mas de negros já alcançados pela Lei Áurea, que tornou extinta a escravidão em todo o território nacional em 13 de maio de 1888, que foram recebendo terra deixada como herança pelos ancestrais.

Após descrever o contexto histórico de formação da comunidade de Monte Alegre, Leonardo aborda o trabalho da Associação Comunitária dos Remanescentes de Quilombo de Monte Alegre – ACREQMA - que tem como objetivo fomentar a agricultura familiar como alternativa econômica para os quilombolas monte-alegrenses. Atualmente, 24 famílias são beneficiadas com o trabalho da Horticultura Agroecológica e Agroindústria familiar[36]. Diante dessa informação, Leonardo menciona que ainda existem famílias que preferem trabalhar na colheita do café do tipo Conilon, numa fazenda próxima às terras quilombolas. Em seguida, ele

---

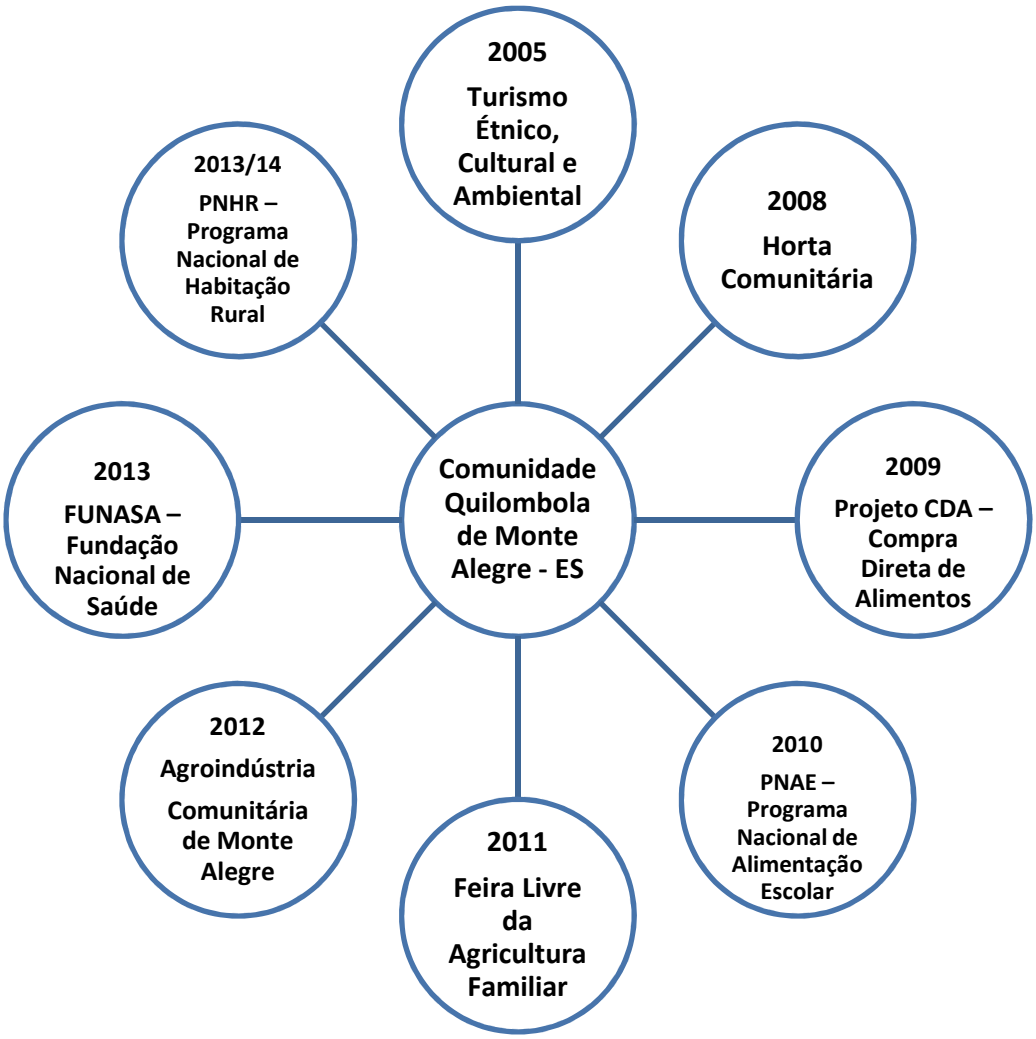
[34]O primeiro passo, para despertarmos o amor em nossos corações é vermos a nós mesmos de forma amorosa, fora disso a salvação é impossível. "Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham, nem fiam. Eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles" (Mt 6:28-29). Disponível em http://somostodosum.ig.com.br/clube/artigos.asp?id=18320. Acesso em 19 de dezembro. 2013.

[35] Contador de história, músico/poeta popular, importante agente da cultura. Chega a assumir a função de noticiador. Disponível em http://www.achando.info/grio. Acesso em 20 de dezembro de 2014.

[36]Foi construída e equipada com recursos do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar - Pronaf Capixaba, no valor de R$ 210 mil e inaugurada em 2012. Os empreendimentos já fornecem produtos para a alimentação escolar e comercializam nas Feiras da Agricultura Familiar e no comércio local. Disponível em: www.bcb.gov.br/. Acesso em 22 de maio. 2014.

apresenta o certificado que recebeu do Prêmio Conhecer – valorizando quem faz a diferença na comunidade, patrocinado pela Vale do Rio Doce[37].

POLÍTICAS PÚBLICAS DESENVOLVIDAS EM MONTE ALEGRE



Leonardo, em sua fala, enfatiza que os alimentos ali produzidos são vendidos na Feira Livre da Agricultura Familiar de Cachoeiro de Itapemirim no Pavilhão de Eventos da Ilha da Luz. Esses produtos são adquiridos através do tíquete-feira, pagos aos servidores concursados da Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim que ganham até mil reais por mês. O valor do tíquete é R$ 10,00 por

[37]A Vale é uma das maiores mineradoras do mundo. Brasileira, criada para a exploração das minas de ferro na região de Itabira, no estado de Minas Gerais em 1942 no governo Getúlio Vargas, a Vale é hoje uma empresa privada, de capital aberto, com sede no Rio de Janeiro. Disponível em :http://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_Vale_do_Rio_Doce. Acesso em 06 de julho. 2013.

semana. No final de cada mês, esse tíquete é convertido em dinheiro para os produtores.

Em seguida, menciona a visita da Associação de Certificação de Produtos Orgânicos do Espírito Santo, chamada “Chão Vivo"[38], uma sociedade civil, sem fins lucrativos,que orienta suas atividades para a certificação orgânica de produtos *in natura*, semiprocessados ou industrializados, de modo a garantir a qualidade da produção, preservação do ecossistema e a qualidade de vida para todos.

Leonardo explica para todos quefazem a visita o trabalho relacionado ao Projeto Corredores Ecológicos[39], que possibilita a transição de animaisdaFloresta Nacional de Pacotuba, na qual, posteriormente, é realizadaa caminhada pela trilha, para a Reserva Particular do Patrimônio Natural Cafundó, de propriedade da família Nascimento e parte da fazenda Boa Esperança.Apresenta também o livro chamado“Primeiro Guia de Aves da Comunidade Quilombola de Monte Alegre”, uma realização do Projeto Corredores Ecológicos, Grupo Bicho do Mato – Ecoturismo e Meio Ambiente e do IEMA – Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. “Este guia contém 76 espécies retratadas”, diz Ventura. Segundo ele, as fotos foram tiradas pelo seu primo/filho Darlen Ventura[40] e pelo seu filho Felipe Ventura.

Logo após, os estudantes são direcionados ao campo de futebol da comunidade com o objetivo de assistir a apresentação do Caxambu, uma dança criada por negros africanos e brasileiros, realizada por algumas crianças e adolescentes da comunidade.

Ao término desse primeiro momento da visita,os estudantes são convidados a fazer uma caminhada pela trilha na Floresta Nacional de Pacotuba. Conforme o número de visitantes, faz-se necessário formar mais de um grupo.

Descrevoo percurso da visita que ocorreu no dia 29 de junho de 2013, a aula-passeio IV, quando foi necessário formar dois grupos; um guiado por Leonardo

---

[38] Disponível em: http://www.chaovivo.com.br/. Acesso em 06 de julho. 2013.

[39] Corredores Ecológicos são áreas que possuem ecossistemas florestais biologicamente prioritários e viáveis para a conservação da biodiversidade na Amazônia e na Mata Atlântica, compostos por conjuntos de unidades de conservação, terras indígenas e áreas de interstício. Sua função é a efetiva proteção da natureza, reduzindo ou prevenindo a fragmentação de florestas existentes, por meio da conexão entre diferentes modalidades de áreas protegidas e outros espaços com diferentes usos do solo. Disponível em http://www.mma.gov.br/index.php/areas-protegidas/programas-e-projetos/item/73. Acesso em 06 de julho. 2013.

[40]Darlen Ventura é um adolescente monte alegrense primo de Leonardo. Abandonado pela família começou a frequentar a casa de Leonardo. Com o passar do tempo, fez dela sua morada passando assim, ser um membro da família. (Fonte: Leonardo Ventura).

Ventura e o outro por sua filha, a bióloga Sara Ventura. Tive oportunidade de acompanhar a trilha guiada por Sara que, logo no início de seu trabalho, pediu que fizéssemos uma fila indiana. Vale ressaltar que, na ausência da guia turística Sara, é Felipe Ventura, seu irmão, estudante do curso de História, quem realiza o percurso da trilha juntamente com os visitantes.

Em fila indiana e com a atenção voltada para as explicaçõesde Sara, os estudantes iam sendo apresentados ao acervo natural da Floresta Nacional de Pacotuba. Essa apresentação é constituída de dezesseis paradas explicativas.

Na *primeira* delas, Sara aponta a Figueira Estranguladora, árvore do tipo parasita. A *segunda* é marcada por uma parada próxima ànascente de nome Perene. Sua água chega até o Rio Itapemirim[41].

A *terceira* parada acontece diante da árvore chamada Pelada que tem, aproximadamente, 200 anos. Suas raízes são tabulares, achatadas, servindo como escoras dessa grande árvore. Segundo Sara, os índios a utilizaram para fazer canoas. Ela pergunta aos estudantes: “Com quantos paus se faz uma canoa”? repetindo o ditado popular. Os estudantes respondem: três, quatro, cinco etc. Ninguém acertou! Segundo nossa guia a canoa é feita com um pau, ou seja, com apenas uma raiz tabular fornecida por essa árvore, a Pelada. Momento de muitos risos!

Em frente à árvore de nome Brejaúba, ocorreu a *quarta* parada da trilha. Nela, foi possível encontrar uma grande teia de aranha. O Jequitibá ilustrou a *quinta parada* juntamente com sua semente que, segundo Sara, foi utilizada pelos escravos como cachimbo. A *sexta* foi contemplada com a apresentação da árvore que abriga os esquilos. Com a *sétima* parada da trilha, foi possível visualizar um Jequitibá caído, já em estado de decomposição, sendo fonte de alimentos para formigas, besouros e outros animais, pois contém nutrientes.

Em seguida, fomos surpreendidos com a *oitava* parada. Era uma árvore chamada Copaíba, cujo caule fornece um óleo que serve como anestésico que “só pode ser extraído na lua cheia”, diz nossa guia turística Sara.

Helicónia foi a planta que marcou a *nona* parada da trilha. Ao redor de sua bela flor, o beija-flor realiza a dança do acasalamento. A árvore do “Diabo” ilustrou a

[41]O Rio Itapemirim é um rio que nasce do município de Lajinha, no estado de Minas Gerais, no Brasil e que deságua no Oceano Atlântico, na altura de Marataízes, no Espírito Santo, no Brasil. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Itapemirim).

décima apresentação dessa trilha. De acordo com Sara, ela é traiçoeira, porque apresenta espinhos venenosos de difícil visibilidade, que contém uma toxina que mata célula por célula, levando o homem a amputar um membro do corpo.

Logo adiante, foi–nos apresentada a árvore de nome “Oitissica”, cujo chá, feito da casca de seu caule, é utilizado no tratamento da diabetes. Essa foi a *décima primeira* parada da trilha. A *décima segunda* foi ilustrada pela apresentação de uma Bromélia que nasceu no alto de uma grande árvore, momento em que todos tentavam visualizá-la. A*décima terceira* foi marcada pelo encontro com uma Peroba, árvore que aparenta mais de 200 anos. Segundo Sara, essa árvore de madeira nobre só dá semente de dez em dez anos.

Na *décima quarta* parada, os estudantes vivenciaram o balançar num grande e grosso cipó. Momento de euforia!

Logo após, participaram da *décima quinta e* penúltima parada: viram uma grande árvore chamada Bandarra. E, por último, na *décima sexta* parada, tiveram a oportunidade de conhecer a árvore de nome Pau d’Alho que exala um cheiro semelhante ao do alho, por isso, a denominação.

Durante o percurso da trilha, não se poderia deixar de notar o envolvimento dos estudantes manifestado por perguntas referentes ao que estavam vivenciando, bem como o envolvimento dos professores, que as respondiam juntamente com Ventura. Assim, é possível perceber que o processo de construção do conhecimento vem sendo praticado além dos muros da escola, o que contribui para um aprendizado que proporciona a cada estudante o aperfeiçoamento no que diz respeito ao desenvolvimento social, afetivo, emocional, cognitivo e intelectual. Assim, “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tomamos (FREIRE, 2001, p. 88).

Ao término da trilha, os estudantes foram almoçar no espaço externo do terreno que pertence a Leonardo Ventura, denominado por ele de “Zenzala”. Esse espaço fica localizado próximo a sua casa e indica uma divisão informal das terras da comunidade deixadas como heranças pelos ancestrais, o que foge ao padrão coletivo de uso e relação com o solo/território que é esperado e reconhecido numa comunidade remanescente de quilombo. Esse espaço fica em frente do lago artificial feito por Ventura e seus familiares para a criação de tilápia.

A "Zenzala" é um espaço coberto por telha colonial, tendo como anexos uma cozinha e um local onde são vendidos os refrigerantes durante o almoço dos

visitantes. Neste, é encontrada uma mesa grande de madeira maciça, bancos também de madeira maciça, mesas (forradas com tecidos coloridos que têm a estampafloral) e cadeiras de plásticos. Ali se encontra o fogão a lenha que tem a função de manter os alimentos aquecidos durante o almoço, um filtro em pleno funcionamento próximo a um rádio antigo, objetos também antigos como balança, ferro de passar roupa, uma máquina de moer carne ou café, um bule e uma chaleira, ambos feitos em ferro eexpostos em um pequeno muro construído de tijolinho à vista.

Próximos a esse espaço de nome “Zenzala”, são encontrados banheiros para a “Comadre” e para o “Compadre”. Cada um contém essas nomenclaturas escritas em uma placa de madeira e são adequados para a recepção dos turistas. Cada banheiro foi construído com barro, tijolo a partir da técnica do pau-a-pique, tendo o teto coberto de telha colonial.É importante destacar que não há rede de esgoto na comunidade. A FUNASA[42] está com um projeto para ser implementado no ano de2013.

Próxima ao banheiro, há uma grande panela de barro pintada de preto que foi adaptada para ser a pia a ser utilizada pelos visitantes.

Durante o almoço foram servidos macarrão, angu de milho, arroz,mandioca frita, abóbora com carne seca, farofa, batata frita, frango desfiado, feijoada e o famoso angu de banana verde servido com bacalhau que, segundo Ventura, era consumido pelos escravos da região juntamente com um peixe de água doce chamado piabinha.

Após o almoço, são vendidos doces como cocada e pé-de-moleque preparados por uma família quilombola que vive dessa renda complementar.

Recordo-me de uma das minhas observações, especificamente, a do dia 20/05/2013, com os estudantes do 8° ano de uma esco la municipal de Cachoeiro de Itapemirim, quando tive oportunidade de questioná-los, ao término do percurso da visita, em uma roda de conversa, se o Quilombo de Monte Alegre era o “quilombo” que imaginavam. Eles responderam que imaginavam encontrar um quilombo semelhante ao que estudaram: “com negros vestidos com aquelas roupas, tronco e mais outras coisas”.

[42] Fundação Nacional de Saúde.

Nesse sentido, pudemos perceber claramente o sentido do que diz Freire (1976, p.09):

> Os livros em verdade refletem o enfretamento de seus autores com o mundo. Expressam este enfrentamento. E ainda quando os autores fujam da realidade concreta estarão expressando a sua maneira deformada de enfrentá-la. Estudar é também e sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. Desta forma, quem estuda não deve perder nenhuma oportunidade, em suas relações com os outros, com a realidade, para assumir uma postura curiosa.

Durante a visita, notou-se a ausência de um trabalho que deveria ser realizado por parte dos professores que diz respeito à implementação da Lei nº 11.645/2008 que instituiu a obrigatoriedade do ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira e Indígena, pois foi nos questionamentos realizados pelos estudantes ficou claro tal ausência, muitos não sabiam nem o porquede estarem ali. Para Cury (2002):

> “As Leis acendem uma luz importante, mas elas não são todas as luzes. O importante é que um ponto luminoso ajuda a seguir o caminho (p.8)”

Trabalhar a essência dessa Lei é fomentar discussões baseadas nas especificidades históricas e culturais desses povos.

Percebe-se, ainda, esse trabalho não é uma realidade nas salas de aula de algumas escolas, mas talvez, uma realidade da educação não escolarizada (aquela que se faz além do muro das escolas). Nesse caso, durantea visita, como forma de aula-passeio, que proporcionou uma visibilidade sobre um “quilombo”,oportunizando, aos estudantes, a apresentação de uma comunidade quilombola da atualidade, com suas características específicas.

O Turismo Étnico, Cultural e Ambiental que acontece em Monte Alegre é uma das possibilidades de sustentabilidade dos monte- alegrenses que, acompanhada do trabalho da Horticultura Agroecológica, da Agroindústria familiar e do Serviço Cama – Café, faz dessa comunidade um quilombo, capaz de apresentar, aos seus visitantes, a valorização do negro no contexto social, dando-lhe oportunidade de expressar sua criatividade, sua forma de produção e sua respeitada forma de interagir com os recursos naturais.

Cabe ressaltar, aqui, o Eixo 3que tem como título - **Inclusão Social e Desenvolvimento Sustentável**, registrado no capítulo 3 do I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2013, p. 40), que afirma:

> A superação da vulnerabilidade socioeconômica dos povos e comunidades tradicionais de matriz africana passa pelo desenvolvimento sustentável, inclusão produtiva e valorização das práticas tradicionais de alimentação e de saúde. As ações a serem desenvolvidas baseiam-se no princípio do uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida.

Descrever e analisar o percurso da visita à Comunidade Quilombola de Monte Alegre é uma maneira dedialogar sobre as atividades de turismo pedagógico, organizadas pelo líder comunitário monte-alegrense Leonardo Ventura. O processo de encontro entre os quilombolas e os estudantes, durante o percurso da visita, constitui expressão e meio dos monte-alegrenses se afirmarem quilombolas, uma vez que é a partir dessa atividade de turismo pedagógico que a sua história ecultura da comunidade são apresentadas. Nesse processo, os estudantes podem entrar em contato com uma comunidade atuante, um"quilombo vivo", longe dos padrões ainda apresentados por alguns livros didáticos, (re)significando o conhecimento daqueles que ainda pensam encontrar nas comunidades atuaisa organização social dos antigos quilombos, como se elas fossem estáticas no tempo, contextualizadas apenas no período da escravatura (MELLO, 2012, p.43).

3.3 AULAS - PASSEIO: DESCRIÇÃO E ANÁLISE

De acordo com os professores da Aula-passeio I[43], o motivo que impulsionou a visita foi o de apenas conhecer uma comunidade quilombola, em especial, a de Monte Alegre.

> "Ouvimos falar dela, assim resolvemos agendar uma visita para conhecê-la!" (Professores)

Durante essa visita, foi possível estabelecer um diálogo com alguns estudantes, questionando-os o motivo da visita:

> "Sei lá!" (Estudante 1)

> "Não lembro se o professor falou alguma coisa". (Estudante 2)

> "O professor falou que é para a gente saber um pouco da História". (Estudante 3)

> "Aprender um pouco mais da cultura dos escravos". (Estudante 4)

> "Não estamos estudando Ciências. Talvez depois vamos estudar". Resposta dada após a realização da trilha. (Estudante 5)

> "Pensei que eu fosse encontrar os negros vestidos com aquelas roupas, tronco e mais outras coisas". (Estudante 6)

Diante dessas falas, é possível perceber a ausência de uma prática educativa planejada, contextualizada, capaz de estabelecer uma ponte entre as discussões efetivadas na sala de aula com o contexto social, uma prática educativa ausente também no trabalho referente à implementação da Lei nº 11.645/2008.

[43] Ver página 14.

É possível perceber, na fala do Estudante 6, o silenciamento do estudo no que diz respeito à luta do negro no Brasil, bem como a sua contribuição nas áreas social, econômica e política da História do Brasil. Sua história de opressão ainda é mais latente do que ahistória de suas conquistas.

A visita da escola estadual, localizada no município de Alegre – ES (Aula-passeio II,) teve a presença de dois professores (o de História e o de Sociologia) e da gestora pedagógica. De acordo com eles, o objetivo da visita estava pautado no conhecimento de um quilombo que foge dos padrões apresentados pelos livros didáticos e que tem um trabalho fundamentado no desenvolvimento de Políticas Públicas em favor do crescimento da comunidade.

> “Quando fazíamos Faculdade viemos conhecer essa comunidade. Agora, estamos voltando com nossos alunos. O Quilombo de Monte Alegre tem muito a nos ensinar porque tem um trabalho incrível desenvolvido por Leonardo”. (Professores)

Perante a fala dos professores mencionada,é importante destacar que Leonardo Ventura, durante o momento inicial da visita, menciona que alguns estudantes, que têm a oportunidade de visitar a Comunidade Quilombola de Monte Alegre,retornam mais tarde na condição de professores juntamente com sua turma.

Os 14 estudantes, que cursam o 3º ano do Ensino Médio dessa escola, aproveitaram a manhã do dia 22/06/2013, para experimentar o “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental” oferecido pela Comunidade Quilombola de Monte Alegre.

Após o café da manhã, os professores, com Leonardo, deram uma aula sobre o “Trabalho Escravo no Brasil”, o “Eurocentrismo”, o “Movimento Quilombola” e a "Não passividade do negro” - momento de grande atenção por parte dos estudantes. Após esse significativo momento, foi a vez da apresentação culturaldo caxambu e do samba de roda.

Das cinco escolas que acompanhei, essa foi a única contemplada com o samba de roda em que todos foram chamados, para dançar embalados ao som do tambor, das palmas e do seguinte canto:

> Ô Geraldo[44] cadê você, cadê você, cadê você,
> Ô Geraldo cadê você, cadê você, cadê você.
> Mexe, mexe Geraldo que o povo quer te vê,
> mexe, mexe Geraldo que o povo quer te vê.

Na observação participante que realizei com os estudantes após o percurso da trilha, perguntei sobre o que estavam achando da visita e alguns respondiam:

> "Tudo é muito bom!" (Estudante 1)
>
> "Estou aprendendo muito mais aqui do que na sala". (Estudante 2)
>
> "Muita coisa que vi na trilha tem na minha roça". (Estudante 3)
>
> "Aprender sobre os negros é aprender sobre a História do Brasil!" (Estudante 4)
>
> "Esse quilombo não é igual que eu aprendi um tempo atrás". (Estudante 5)
>
> "Aqui é bem limpinho." (Estudante 6)
>
> "Quanta coisa estou aprendendo. Valeu apena acordar tão cedo para vir até aqui". [risos]
> (Estudante 7)

As falam revelam que os estudantes estão vivenciando, de forma significativa, os conteúdos trabalhados em sala de aula que perpassam pelo viés da inserção da 11.645/2008 e que o esforço faz parte do processo de construção do conhecimento.

O Estudante 2 afirma que conseguiu aprender mais coisasin loco que na sala de aula. Compreendemos que, para os alunos,a experimentação é importante, pois oferece uma dinâmica à prática educativa distinta da cotidiana,

[44] Nome do professor de História. Como descrito na página 44, até eu entrei na roda!

cujo objetivo é tornar as aulas significativas, pois a vivência aproxima o abstrato do real.

O Estudante 3 aproxima a vivência de sua roça com a experimentação realizada no caminho percorrido durante a caminhada pela trilha e visita à horta comunitária do quilombo. Nessa experiência desenvolvida a partir do turismo pedagógico, as barreiras entre os muros e a rigidez espacial da escola puderam ser borrados, permitindo a aproximação entre essa prática educativa e o contexto social mais amplo de onde provêm seus alunos. Esse estudante estabeleceu uma ponte identitária entre a mobilização comunitária, empenho e dedicação dos quilombolas para a construção e manutenção de sua horta comunitária e aexperiência cotidiana da roça feita na casa de seus familiares. Esses saberes ligados ao cotidiano camponês, muitas vezes discriminado por ser visto como algo distante dos valores da modernidade, encarado como mero processo de subsistência econômica ligado a valores de humildade e simplicidade, foi ressignificado a partir da fala de Leonardo aos alunos. Os saberes dos homens do campo são práticas historicamente apartadas do cotidiano escolar, uma vez que seu princípio organizador está pautado no mundo citadino. Na escola, a regulação do tempo e do espaço seguem as divisões e ritmo das indústrias; os conteúdos trabalhados em sala de aula são divididos, metaforizando a linha de produção em série; a escolha dos temas abordados privilegia os saberes técnicos. Em sentido oposto, a visita ao Quilombo de Monte Alegre proporcionou a integração entre saberes aparentemente díspares, voltados para a prática econômica que permite a sustentabilidade dessa comunidade que, coincidentemente, é a mesma desenvolvida pela agricultura familiar, responsável pela produção da maior parte dos alimentos que abastecem a mesa do brasileiro.

A fala do Estudante 6“ Aqui é bem limpinho” chama a atenção pela lacuna de sentidos existentes entre o jogo daquilo que se espera encontrar num quilombo, ou seja, uma ideia pré-concebida sobre o que seria a vida de uma comunidade negra e aquilo que foi possibilitado, ao aluno, vivenciar a partir da aula passeio. Nesse interstício, transparece o preconceito velado ao negro e a tudo que lhe é atribuído. Segundo a afirmativa do Estudante 6, a visita ao quilombo surpreende, pois expõe um local antes desconhecido na prática, mas cuja ideia preexistente apontava para uma comunidade de negros, local

sinônimo de “sujo”, “pobre”, “feio”. Esse estigma é comum na sociedade brasileira,em que símbolos da modernidade e do bem-viver são expostos nos mais diferentes meios, apontando que somente o branco teria a possibilidade de ser "limpo", "rico" e "bonito". Quebrar estereótipos que atribuem ao negro brasileiro um caráter que o inferioriza e, ao mesmo tempo, o culpa por estar preso aos grilhões da pobreza constitui meta a ser destacada nesse tipo de turismo pedagógico.

Na observação participante do dia 28/06/2013m realizada na Aula-passeio III juntamente com uma escola municipal do município de Marataízes – ES, verificamos que a mesma contou com a participação de dois professores (um de Ciências e o outro de Matemática), da coordenadora e diretora da escola. Pode-se perceber que o objetivo da visita perpassava o conhecimento das atividades técnicas desenvolvidas pela comunidade, voltadas para a agro-ecologia.

Essa escola teve a participação de 20 estudantes que cursam o 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. De acordo com a equipe escolar, nem todos os alunosvieram. Alguns familiares não deixaram suas crianças participar da aula por motivo religioso e outros não tinham como pagar por essa visita.

No que diz respeito ao motivo religioso mencionado, é possível notar que as religiões de matrizes africanas não são bem vistas pela sociedade que ainda tem uma visão depreciativa e preconceituosa, da qual o índio e o negro seguem sendo alvo (SILVA, 2005, p. 99). Portanto, a falta de conhecimento, tanto do professor quanto da família, sobre estas religiões resulta em atitudes preconceituosas. A escola, por sua vez, tem um importante papel no que tange a ações pedagógicas voltadas a essa temática, sendo capaz de estabelecer um intercâmbio entre escola e família com o objetivo de promover o respeito.

Durante a apresentação relacionada ao contexto histórico de Monte Alegre, houve muita conversa por parte dos estudantes. Dispersavam-se com facilidade diante das atividades ofertadas no decorrer da vista, fato que levou os professores a chamarem a atenção de forma contínua da turma.

No decorrer da visita, alguns estudantes comentavam:

> “Tudo é muito diferente do que aprendi na escola”. (Estudante 1)

> “Quando eu estiver fazendo o Ensino Médio, vou trabalhar com a construção de uma horta comunitária igual a que Leonardo falou.” (Estudante 2)
>
> “Nunca vi um quilombo assim. É bem legal isso tudo!”. (Estudante 3)
>
> “A trilha foi a parte mais legal desse passeio”. (Estudante 4)
>
> “Eu não vi os macaquinhos que o professor falou que iríamos ver”. (Estudante 5)

Mais uma vez, as falas dos alunos revelam a ausência do trabalho da equipe pedagógica e docente da escola na tratativa dos temas relativos à Lei nº 11.645/2008. Apesar disso, todos ficaram impressionados com que estavam vivenciando. O Estudante 2 teve o exemplo da horta comunitária como um projeto a ser desenvolvido por ele. Já o Estudante 5 não foi para casa frustrado, pois quando estava indo embora com seu grupo, conseguiu avistar de dentro do ônibus os macaquinhos enfatizados pelo professor.

A IV Aula-passeio, que acompanhei no dia 29/06/2013, foi proporcionada pela visita de uma escola municipal localizada também no município de Marataízes – ES e contou com a participação de 30 estudantes que frequentam o 2º e 3º anos do Ensino Médio. Essa aula teve o apoio de dois professores (um Biólogo e um Engenheiro Agrônomo) e contou com a participação de um quilombola, representando o quilombo localizado em Graúna, região do interior daquele município.

De acordo com os professores, o objetivo da visita foi trabalhar o Meio Ambiente; Sensibilidade Ecológica; Corredores Ecológicos; Fauna e Flora; Cultura e Artes dos quilombos (enquanto comunidade formada por grupo de descendentes africanos). Ainda de acordo comeles, os estudantes deveriam produzir, em dupla, um relatório a ser entregue no final da aula de campo. O que me chamou atenção foi o fato de que os estudantes, em momento algum da visita, estarem registrando em seus cadernos o que estavam vivenciando, o que poderia impactar o processo de construção desse relatório.

No percurso da visita, os estudantes ficaram surpresos com tudo que viram e experimentaram. Pode-se perceber que foi um grupo muito engajado no objetivo proposto pelos professores.

“Nunca vi uma comunidade quilombola”. (Estudante 1)

“Conhecer tudo isso é muito bom!”. (Estudante 2)

Essas duas falas afirmam a importância da escola trabalhar na perspectiva da observação e da experimentação. Essa escola vem desmitificar o que ainda se ouve falar sobre o conceito histórico de quilombo enquanto agrupamentos de africanos escravizados fugidos de engenhos, que tentaram reproduzir vida comunitária semelhante à da África (MOURA, 2012, p. 13). É nesse sentido que a apresentação de Leonardo sobre os aspectos sociais, culturais; as atividades econômicas; as políticas públicas acessadas; os prêmios atribuídos à comunidade no âmbito do cotidiano desse quilombo são extremamente importantes.

A última visita que acompanhei foi a Aula-passeio de número V, realizada no dia 19/09/2013, por uma escola estadual localizada no município de Cachoeiro de Itapemirim. Ela teve a participação de duas professoras que ministram disciplinas do Núcleo Comum e de 21 estudantes que cursam o 3º e 5º ano do Ensino Fundamental I, acompanhados, também, pela mãe de um dos alunos.

Para as professoras, o objetivo da visita foi finalizar o Projeto da História da Boneca Preta chamada “Abayomi”[45] que está sendo desenvolvido na escola. O nome dessa boneca significa aquela que traz felicidade. Sua origem está relacionada ao processo de escravização, pois, em viagens muito difíceis, longas e cansativas para o Brasil, nos navios negreiros, as mulheres rasgavam a barra da saia com as próprias mãos e confeccionavam essa boneca para suas crianças brincarem com o objetivo de acalentá-las, pois choravam assustadas de fome e porque viam a dor e o desespero dos adultos. De acordo com uma das professoras: "Nem todos vieram, uns porque os pais não deixaram, já outros porque são bagunceiros. Fizeram muita bagunça e receberam o castigo de não poder conhecer uma comunidade quilombola".

Tendo como destaque a fala da professora mencionada acima, é perceptível o exercício da prática educativa voltada para punição, entre os alunos que ainda não conseguem se “adaptar” às normas da escola são privados de alguns momentos em

[45] Disponível em: http://ideiasgraciosas.blogspot.com.br/2012/11/bonecas-abayomi.html. Acesso em: 27 de maio. 2014.

que o conhecimento é construído, nesse caso, o da aula-passeio na Comunidade Quilombola de Monte Alegre. Freire (1996, p. 164-165) afirma que:

> Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura reacionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual.

Na observação participante dessa aula, tive oportunidade de questionar as crianças sobre o que estavam achando da visita:

> “Bem legal! Que pena que meus outros colegas não vieram”. (Estudante 1)
>
> “Tudo é muito diferente do que aprendi na escola”. (Estudante 2)
>
> “Ah! Gostei muito de passear na floresta”. Quero voltar”! (Estudante 3)
>
> “Viemos aqui para ver as coisas”. (Estudante 4)
>
> “Para conhecer o afro”. Perguntei: O que é afro? E ela respondeu: “Não sei”. (Estudante 5)
>
> “A dança (o caxambu) que eles apresentaram é o “funk” deles”. [risos]. (Estudante 6)

De acordo com as falas dos estudantes, foi possível perceber a sensibilidade afetiva da Estudante 1, quando se queixou da ausência de seus colegas que não puderam estar presente nessa aula-passeio. Percebe-se, também, a fragilidade dos professores em implementar o trabalho da Lei 10.639/2003.

O Estudante 6 fez a comparação da dança “caxambu” com o “funk”, forma que ele encontrou de aproximar o contexto social ao qual está inserido com a realidade dos monte alegrenses, ou seja, eles também apresentam danças que envolvem o balançar do corpo, coreografias criadas e ensaiadas como acontece no “funk”.

3.4 “RAIAR DA LIBERDADE” COMO EXPERIÊNCIA EDUCATIVA

“A gente tem que levantar a fogueira com a lenha que a gente tem.”
Maria Laurinda Adão

Figura 14: Fotografia de Maria Laurinda Adão

Como já dito anteriormente, há outro evento que traz,a Monte Alegre, pessoas que não residem no local e que também foi observado nesta pesquisa. Os 125 anos de abolição da escravatura foram comemorados na Comunidade Quilombola de Monte Alegre, no dia 13 de maio de 2013, pela líder comunitária Maria Laurinda Adão, com uma grande festa denominada “Raiar da Liberdade”. Essa festa foi realizada ao redor de uma grande fogueira, quando a comunidade e seus visitantes se reuniram, para dançar, comer feijoada, assistir ao caxambu e receber bênçãos da Folia de Reis.

Maria Laurinda é bisneta do “Escravo Adão”, fundador do quilombo e herdou, de sua mãe, os tambores e a maestria do Caxambu “Santa Cruz”.

Hoje, o jongo/caxambu é certificado pelo IPHAN[46] como Patrimônio Cultural de Natureza Imaterial do Povo Brasileiro.

> Os relatos em torno do surgimento do jongo-caxambu são apresentados pelos monte alegrenses em duas versões: 1) A primeira diz que o jongo-caxambu já existia antes do fim da escravidão, pois Adão em suas fugas para a Serra da Boa Conserva frequentava e organizava bailes de caxambu com outros escravos. Adão, como relata Seu Totô, foi um dos "*jongueiros mais antigo de Monte Alegre*". Ele cantava, dançava e batia tambor, *"mas não era dono de caxambu"*. Corrobora ainda com a versão de que o jongo-caxambu é anterior ao fim da escravidão, um relato feito pelo mesmo entrevistado, que diz que sua avó Emília (escravizada nas proximidades de Vargem Alegre, em Cachoeiro de Itapemirim), ao se casar com Verício Oliveira, escravizado na Fazenda Bananal do Norte, próximo à Monte Alegre, levou consigo como presente de casamento, um caxambu, isto é, um tambor. Totô o entrevistado, nasceu em 1910, sendo que sua mãe Etelvina foi escrava, o que significa que o casamento de sua avó paterna foi antes da assinatura da Lei Áurea em 13/05/1888 e que o caxambu foi introduzido na região de Monte Alegre antes desta data. 2) A segunda versão afirma que o jongo-caxambu surgiu com o fim da escravidão, quando os escravizados inventaram versos musicais denominados *"jongos"* e *"bateram caixas"* de madeira para comemorar *"a vitória da liberdade"*(...)" (RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE, 2006, p. 274).

De acordo com Dona Maria Laurinda, em entrevista realizada pela equipe da elaboração do Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre (2006, p. 274), o caxambu:

> "[...] foi uma brincadeira que começou quando raiou a liberdade. Foi assim: o rei pediu que juntasse a lenha, mas não falou o que ia fazer. Aí quando deu meio dia, ele levantou uma bandeira, mas foi a filha dele que pediu. Ela disse que se ele não acabasse com a escravidão, ele também ia pra forca. Então ele não foi bobo. Aí ele pegou e marcou o 13 (treze) de maio. Ele mandou que o pessoal juntasse a lenha, panhasse um caixote... (substituído posteriormente pelo tambor). Aí todo mundo está lá trabalhando, mas não ta sabendo o que ia acontecer. Quando deu meio dia, diz que ele gritou

[46]Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. É uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura, responsável por preservar a diversidade das contribuições dos diferentes elementos que compõem a sociedade brasileira e seus ecossistemas. Esta responsabilidade implica em preservar, divulgar e fiscalizar os bens culturais brasileiros, bem como assegurar a permanência e usufruto desses bens para a atual e as futuras gerações. Disponível em: www.iphan.gov.br. Acesso: 17 de julho. 2013.

> que tinha raiado a liberdade. Aí quem tava capinando jogou sua enxada pra lá, quem tava roçando largou sua foice. As mulheres, naquele tempo, as mulheres carregava água no cantil, as mulheres tamparam o cantil de morro abaixo e veio correndo pra saber o que era né? Ai quando chegou e ficou sabendo, uma delas cantou assim: 'A rainha foi embora e escreveu num papelão (bis). Quem quiser comer, trabalhe com suas mãos (bis). Aí teve uma outra mulher que cantou: 'Sinhá já varri essa cozinha, agora não varro mais. Já varri essa cozinha, agora não varro mais'.

Para Silva (2006, p. 138), "o jongo é uma celebração negra praticada na região Sudeste. Geralmente é praticada em roda, tendo ao centro um solista ou um par dançando. Sua formação instrumental varia de acordo com a localidade em que é praticado. É acompanhado, tradicionalmente, por instrumentos de percussão, embora alguns grupos usem também harmonia desde o final do século passado – uma introdução que pode estar ligada à adaptação da festa para inserção no ramo do espetáculo. A formação e a denominação dos tambores variam de região para região. Ainda para essa autora, as mais comuns designações entre as descrições da festa são tambu ou caxambu (tambores graves) e candongueiro (tambor agudo)".

Descrever e interpretar a festa do "Raiar da Liberdade" constitui um momento de grande importância na trajetória da minha pesquisa, pois tive oportunidade de vivenciar as nuances dessa festa tão esperada por Maria Laurinda e seus apreciadores, que teve início às 16h30min. No caminho para o local da festa, já no território quilombola, encontrei Luiz e Richale, duas crianças que estavam com o uniforme da Escola Municipal de Educação Básica "Monte Alegre" e que foram apreciá-la juntamente com seus familiares. Perguntei por que ainda estavam vestidos com o uniforme e eles responderam que saíram mais cedo da escola, para acompanhar a festa. Isso evidenciou, para mim, um pouco do significado da festa para as crianças locais que frequentam essa escola.

Próximo à Igreja Nossa Senhora Aparecida e à Escola Municipal de Educação Básica "Monte Alegre", há um grande terrenoe um salão destinado às diferentes atividades desenvolvidas pelos membros da comunidade. Nesse terreno, foi construída uma grande fogueira, pelo Sr. José Paulo Adão, irmão de Maria Laurinda.

Ela chegou às 17h, para verificar a organização. Percebeu que, no salão, não havia lâmpadas. Assim sendo, meu irmão Ricardo Machado, que me acompanhava nesse dia, prontificou-se a comprar as lâmpadas numa mercearia localizada próxima à Comunidade e doá-las para Festa.

Com a ajuda do pesquisador Genildo Coelho Hautequestt Filho, D. Laurinda comprou os refrigerantes e os ingredientes da feijoada, que foi servida ao término da apresentação do Caxambu. Seus amigos e sua filha Sandra fizeram uma parte da feijoada na cozinha da Escola Municipal de Educação Básica “Monte Alegre”, a outra parte foi feita na casa de sua filha.

Além da comemoração do 13 de maio, havia o lançamento do livro “Todas as Faces de Maria”, que aconteceu antes da apresentação do Caxambu. Idealizado pelo pesquisador Genildo Coelho Hautequestt Filho, o livro conta a história de vida de Maria Laurinda que com muito orgulho assinava seu nome em cada livro que ia sendo vendido. Esse foi momento de grande satisfação para ela, pois acabara de aprender a ler e a escrever na EJA[47]. Olivro foi resultado de uma conquista: “Agora eu entendo as letras”, diz ela toda empolgada. Assim, pode-se notar claramente o que afirma Freire (1983, p.72), para o qual:

> [...] a alfabetização é mais que o simples domínio mecânico de técnicas para escrever e ler. Com efeito, ela é o domínio dessas técnicas em termos conscientes. É entender o que se lê e escrever o que se entende. É comunicar-se graficamente. É uma incorporação. Implica não em uma memorização mecânica das sentenças, das palavras, das sílabas, desvinculadas de um universo existencial – coisas mortas ou semimortas, mas uma atitude de criação e recriação. Implica uma autoformação da qual pode resultar uma postura atuante do homem sobre seu contexto. Isto faz com que o papel do educador seja fundamentalmente dialogar com o analfabeto sobre situações concretas, oferecendo-lhe simplesmente os meios com os quais possa se alfabetizar.

Nota-se que o livro “Todas as Faces de Maria” é para ela, para seus visitantes e para alguns monte-alegrenses, um objeto de grande apreciação. Vale ressaltar que alguns membros da comunidade ainda não aceitam Maria Laurinda como liderança local devido a sua religião, por ela ser “mãe de santo” do terreiro de umbanda Teere de São Jorge. Silva (2005, p.13) nos aponta:

> [...] os cultos afro-brasileiros, por serem religiões de transe, de sacrifício animal e de culto aos espíritos (portanto, distanciados do modelo oficial de religiosidade dominante em nossa sociedade), têm sido associados a certos estereótipos como “magia negra” (por apresentarem geralmente uma ética que não se baseia na visão dualista do bem e do mal estabelecida pelas religiões cristãs), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc.

[47] Educação de Jovens e Adultos - Modalidade de ensino ofertada pela Escola de Monte Alegre.

Por ser uma liderança da religião de matriz africana na comunidade, Maria Laurinda participa de muitos eventos proporcionados pela Secretaria Municipal de Cultura de Cachoeiro de Itapemirim. Assim, recebe muitos livros de matriz africana elaborados por diferentes instituições brasileiras e, até mesmo, por instituições de outros países, como aconteceu quando foi visitar a África. Toda vez que recebe esses livros, ela doa alguns exemplares à biblioteca da Escola de Monte Alegre,os demais ela expõe em sua biblioteca, um acervo cultural que fica localizado atrás de seu Centro Espírita. Sua biblioteca é pouco frequentada pelos estudantes dessa escola pelo fato de alguns deles serem evangélicos, gerando, assim, um grande conflito, pois seus familiares não permitem que seus filhosa visitem e até frequentem, mesmo sabendo da existência de um trabalho voltado para os fazeres pedagógicos.

Diante do exposto, constata-se que o preconceito em relação às religiões de matriz africana é um cenário que ainda está presente na sociedade. Oliveira et.al (2013, p. 10) relata que:

> [...] a superação do preconceito religioso também demanda o aprofundamento do estudo sobre a História e a Cultura Afro-brasileira de modo a promover a desmitificação e a propiciar uma reflexão coletiva sobre o papel do negro na sociedade brasileira e o papel da escola na construção de uma educação antirracista.

A fim de contribuir para uma melhor compreensão das religiões afro-brasileiras, destaco os estudos de Milton Santos (apud FELINTO, 2012, p. 11) que, ao abordar essa temática, evidencia que “os diversos povos africanos desembarcados no Brasil para trabalhar nos engenhos de produção de açúcar, nas lavouras de café, fumo, algodão, nas monas de extração de ouro etc., trouxeram consigo seus costumes, línguas, valores, deuses e crenças. Diante das contingências que viriam daí por diante, foram obrigados a negociar com os poderes dominantes (Igreja e senhores de escravos) e a dialogar com as culturas indígenas da nova terra. Forçados à diáspora migratória, que os conduziu ao desconhecido Novo Mundo, encontraram, ainda assim, estratégias para aproximar suas divindades e reelaborar seus mitos, ritos e sistemas religiosos. Candomblé, umbanda, xangô pernambucano, batuque gaúcho, tambor de mina maranhense, os cultos afro-ameríndios assemelhados do norte e nordeste (*jurema, toré, catimbó, babassuê e pajelalança*) são religiões resultantes desses diálogos. Além das tradições culturais

africanas, tais religiões também incorporaram, em graus variáveis, elementos católicos, espíritas, aspectos das cosmologias indígenas, misticismo oriental e neo-esotérico. É importante assinalar que misturas, identificações e intercâmbios são frequentes nas religiões afro-brasileiras e constituintes delas. Não só as africanas, mas todas as religiões são instituições dinâmicas que se transformam de acordo com as circunstâncias socioculturais advindas de fora. Se fossem incapazes de rever ou mesmo abandonar o passado, elas poderiam desaparecer completamente, deixando, quando muito, um mero vestígio histórico e arqueológico".

Voltando ao evento principal desta análise, vale destacar que me ausentei da observação focada nos preparativos da Festa do Caxambu, para cumprimentar Leonardo Ventura que, apesar de ser evangélico, estava presente no final da festa do "Raiar da Liberdade". Ao chegar a sua casa, a uns 200 metros do espaço que aconteceu a festa, fui recepcionada com muito carinho por ele e pela sua filha Sara. Leonardo me levou até sua esposa Luzia e falou que eu ficaria, para jantar juntamente com o professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), que viera acompanhado de sua família, para pesquisar a Festa do Caxambu Santa Cruz, ficando hospedado na casa ao lado: serviço "cama-café", estruturado por Leonardo Ventura como forma de turismo. Fomos até essa casa antes do jantar. Ele queria muito que eu a conhecesse.

Falei que não poderia demorar, mas Leonardo disse que a festa não tinha hora para começar, mesmo estando agendada para às 18h. Fui percebendo que ele não dava importância para a Festa "Raiar da Liberdade", organizada por D. Maria Laurinda. Assim, fazia de tudo para que eu não saísse de sua casa. Apresentou o certificado que recebera do "Prêmio Conhecer – Valorizando quem faz a diferença na comunidade, patrocinado pela Vale do Rio Doce[48] e o "Primeiro Guia de Aves da Comunidade Quilombola de Monte Alegre",patrocinado pelas instituições Projeto Corredores Ecológicos, Bicho do Mato e pelo IEMA – Instituto Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos. Segundo ele, as fotos do livro foram tiradas pelo seu sobrinho Darlen Ventura e pelo seu filho Felipe Ventura. O livro foi lançado pela Secretaria de Cultura de Cachoeiro de Itapemirim, não tendo fins lucrativos.

[48]A Vale é uma das maiores mineradoras do mundo. Brasileira, criada para a exploração das minas de ferro na região de Itabira, no estado de Minas Gerais em 1942 no governo Getúlio Vargas, a Vale é hoje uma empresa privada, de capital aberto, com sede no Rio de Janeiro. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Vale_S.A.Acesso: em 17 de julho. 2013.

No decorrer da conversa, Leonardo Ventura sugeriu que as pesquisas deveriam perpassar o agroturismo[49] da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, como forma de apresentar, à sociedade e às outras comunidades, as possibilidades das famílias quilombolas terem seu próprio negócio, deixando, assim, de trabalhar na roça para enriquecer os fazendeiros do entorno.Segundo ele, “Todos preferem a religiosidade e não sabem o que fazemos para sobreviver”.

Pode-se dizer que a Comunidade está envolvida com diferentes atividades que favorecem seu desenvolvimento econômico: o “Turismo Étnico, Cultural e Ambiental”.

Leonardo fez questão que eu jantasse, insistiu muito. Talvez essa insistência fossepara que eu desse mais atenção a ele e não à D. Maria Laurinda, que era a "dona da festa". Jantei rapidamente acompanhada pelo pesquisador da UFES, sua família e com alguns membros da família Ventura. Arroz, feijão, angu, macarrão, linguiça e aipim com carne de porco, foram os alimentos servidos nesse jantar. Após o jantar, voltei ao local da festa juntamente com o pesquisador e sua família. Ventura ficou para ir depois.

Ao chegar no local da festa, a fogueira já estava acesa e o Caxambu Santa Cruz liderado por Maria Laurinda já havia começado. Parecia vivenciar o que Freire (1983, p.30-31) dissera:

> O homem enche de cultura os espaços geográficos e históricos. Cultura é tudo o que é criado pelo homem. Tanto uma poesia como uma frase de saudação. A cultura consiste em recriar e não repetir. O homem pode fazê-lo porque tem uma consciência capaz de captar o mundo e transformá-lo.

Representantes do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e do Movimento Negro de Cachoeiro de Itapemirim prestigiaram o Caxambu Santa Cruz e a festa do “Raiar da Liberdade”.

Destaco, a seguir,alguns pontos de Caxambu tocados nesse dia:

“Princesa foi-se embora,
escreveu no papelão
Quem quiser comer
Trabalha com as suas mãos”

[49]Modalidade de turismo que consiste ger. em visitas realizadas a propriedades rurais, sob a orientação de um guia. Disponível: http://aulete.uol.com.br/agroturismo. Acesso em: 08 de janeiro. 2013.

“Passei na ponte, a ponte estremeceu
Passei na ponte, a ponte estremeceu.
Não sou mais de que ninguém,
Ninguém é mais do que eu.”

“Aê, Aê, Aê,
Pai e Filho e Espírito Santo
Pai e Filho e Espírito Santo
Na hora de Deus, amém!”

Após a apresentação, os membros da comunidade e convidados saborearam a famosa feijoada que fora servida no salão.

Em seguida, fomos saudados pela Folia de Reis Mirim de Burarama, região próxima à Monte Alegre e, logo após, foi a vez da cantoriada Folia de Reis composta somente por homens adultos. Momento em que Leonardo e sua esposa Luzia chegaram.O “Raiar da Liberdade” terminou às 24h e contou com um número significativo de estudantes.

Segundo Maria Laurinda, a apresentação da Folia de Reis faz parte de sua festa, pois é um momento de encontro entre aqueles que se respeitam:

> A Folia de Reis é uma tradição católica italiana que chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses e se espalhou por todo o país – em especial na região sudeste, onde podemos encontrar o maior número de grupos em atividades. Tem por missão contar, a partir dos relatos bíblicos, a história do Deus menino: desde as profecias do Antigo Testamento, o nascimento da manjedoura de Belém, a visita dos Três Reis Magos, a fuga para o Egito até as futuras provações que culminarão na morte pela cruz. Com características totalmente religiosa e católica, a folia de reis é bem recebida pela Igreja que reconhece a simbologia do folguedo. No entanto, a manifestação também foi acolhida pelas religiões de matrizes africanas como a **umbanda** e o **candomblé** (FILHO, 2011, p.83).

O “Raiar da Liberdade” é sinônimo de comemoração de liberdade de expressão, de visibilidade, de saberes e fazeres, de alegria de poder colocar em prática os princípios das religiões de matriz. Assim sendo, é uma festa que vai além de uma representação "romântica" da comemoração dos 125 anos de abolição da escravatura, em que o negro é lembrado no tronco, sendo açoitado e, em seguida, libertando-se das correntes. De acordo com Maria Laurinda, o “Raiar da Liberdade” é comemorado desde o 13 de maio de 1888.

Por ser comemorada, impreterivelmente, no dia 13 de maio, a festa "O Raiar da Liberdade" segue o calendário fixo de datas tidas como importantes para uma

parcela significativa da população negra no Brasil[50]. O dia 13 de maio foi, ao longo de um século, a única data comemorativa a marcar na memória da população brasileira o fim do regime escravista que perdurou quase quatro séculos. Esse sistema impôs a violência do tráfico atlântico, alijou e relegou a população negra da liberdade e do acesso às "letras".

As consequências da escravidão ainda perduram e carecem ser melhor compreendidas e, muitas vezes, superadas. É com esse intuito que Maria Laurinda organiza a festa "Raiar da Liberdade", a partir de princípios simbólicos ligados aos instrumentos musicais, à fogueira, à comida, às vestimentas, ao canto, dança e sonoridade que se remetem a uma África ancestral. A festa ainda possibilita que os mais velhos, por meio dos “pontos” cantados e dançados, das comidas, da religiosidade presente na festa, transmitam alguns dos conhecimentos sobre os aspectos mais funestos da escravidão - (re)lembrados para, assim, serem combatidos.

Segundo o Relatório Técnico de Identificação da Comunidade Remanescente de Quilombos de Monte Alegre (2006, p. 280), a *“roda de caxambu”* pode ser apresentada em qualquer data, mas, de acordo com Maria Laurinda, na data 13 (treze) de maio, ela não pode deixar de acontecer, porque é uma forma de não esquecer “o tempo da escravidão, o sofrimento dos seus ancestrais e o dia em que *“raiou a liberdade”.*

É importante destacar que o “Raiar da Liberdade” é uma festa apreciada não só pelos monte alegrenses (crianças e adultos) e por aqueles praticantes de religião de matriz africana, mas também por estudantes, em especial, os que frequentam o Ensino Médio, Curso Superior e pesquisadores que têm oportunidade de vivenciar um aprendizado baseado na experimentação. Essa estratégia é condizentecom os preceitos defendidos por Freire que afirma que, para ensinar, para conhecer, para intervir, faz-se necessário entender a prática educativa como um exercício constante em favor da produção e do desenvolvimento da autonomia de educadores e educandos (FREIRE, 1996). Assim:

[50] Muito comum no passado, sendo até nome de rua em quase toda cidade brasileira, a comemoração do 13 de maio hoje vem acontecendo junto às manifestações que expressam algum tipo de religiosidade de ascendência africana como as Congadas, as Missas Congas, Missas Afro etc. Em contraposição à comemoração ao 13 de maio o Movimento Negro reivindica desde 1988 a adoção do 20 de Novembro, dia do assassinato de Zumbi dos Palmares, líder da maior rebelião quilombola ocorrida no Brasil, como feriado comemorativo ao dia da Consciência Negra

> Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse o rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual (p. 47).

É importante destacar que, para os estudantes, apreciar o “Raiar da Liberdade” é a prática de uma aula-passeio, pois estabelece relações sociais, econômicas e culturais, o que permite caracterizar essa atividade como uma forma de lazer e turismo aplicados na educação (BONFIM, 2010, p. 124).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> [...] ensinar não é transferir conhecimento – não apenas precisa de ser apreendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser – ontológica, política, ética, epistemológica, pedagógica, mas também precisa de ser constantemente testemunhado, vivido (FREIRE, 1996, p. 52)
> .

Diante da citação de Freire, os conhecimentos adquiridos no percurso da construção desta dissertação foram, além de aprendidos, presenciados e vivenciados. Procurou-se analisar as atividades de “Turismo Pedagógico”, desenvolvidas por membros da Comunidade Quilombola de Monte Alegre, localizada no município de Cachoeiro de Itapemirim – ES. Para essa análise, investigou-se dois tipos distintos de atividades turísticas produzidas e desenvolvidas pelos monte-alegrenses: o primeiro desenvolvido a partir do oferecimento às escolas de atividades de aula-passeio;o segundo, em decorrência da comemoração anual do 13 de Maio, data da assinatura da Lei Áurea, principal instrumento jurídico a conferir a liberdade e abolição aos negros escravos.

Ambas as atividades são procuradas por visitantes, em especial, pelas Instituições de Ensino (estaduais, municipais e particulares) que têm oportunidade de vivenciá-las na perspectiva do turismo pedagógico, que tem como objetivo provocar vivências, experimentações capazes de ampliar o sentido das discussões e conteúdos desenvolvidos em sala de aula.

Para dar conta do processo de investigação, foi realizada uma pesquisa qualitativa a partir da observação-participante com cinco escolas em suas respectivasaulas-passeio. Ao descrever e analisar os conteúdos e ações observadas durante tais visitas, realizadas por escolas municipais (três) e estaduais (duas), chegou-se a resultados a seguir descritos:

- ao acompanhar o trabalho realizado pelos professores que visitam e levam suas turmas para Monte Alegre, foi verificado que a Lei 11.645/2008 ainda é pouco explorada durante as visitas, pois a maioria dos professores não constrói um planejamento articulado com as atividades desenvolvidas por Leonardo Ventura no percurso da visita;

- verificou-se, também que os professores adotam a postura do visitante e não do condutor que vai facilitar o processo de ensino aprendizagem.

Leonardo Ventura é considerado, por parte dos habitantes de Monte Alegre, uma importante liderança local e grande articulador de políticas públicas ofertadas pelos Governos Federal, Estadual e Municipal. O resultado do fazer dessas políticas contribui, para dar visibilidade àcomunidade quilombolaperante àsociedade cachoeirense que, de forma gradativa, vem tendo um novo olhar sobre Monte Alegre, até há poucos anos, vista como “uma comunidade pobre, preguiçosa, suja e sem valor, sendo lembrada apenas nas campanhas de solidariedade”, como afirmou Ventura em uma das minhas observações participantes.

Notou-se durante as visitas, um certo silenciamento quanto ao papel das religiões de matriz africana para o estabelecimento de vínculo e construção da identidade quilombola. Exemplo disso é o fato de D. Maria Laurinda Adão, também considerada uma liderança da comunidade na essência de sua religiosidade, não fazer parte das atividades turísticas desenvolvidas por Leonardo. Sua ausência, no decorrer das visitas, principalmente, durante a apresentação do caxambu, é notória, se compararmos as visitas em relação ao que é divulgado no folder de apresentação do "Turismo Étnico, Cultural e Ambiental", em que a imagem de Maria Laurinda é representada logo na capa.

Vale frisar que Maria Laurinda somente esteve presente na ocasião em que a comunidade recebeu a visita dos governantes da cidade de ChaiChai, localizada em Moçambique – África, que foram à comunidade com o objetivo de conhecer o trabalho desenvolvido por Ventura.

É importante ressaltar que,em um dia que antecedeu a visita, encontrei D. Maria Laurinda nas ruas de Cachoeiro e ela falou: “Amanhã vai ter uma visita em Monte Alegre, é uma gente da África, fiquei sabendo, mas não foi Leonardo que falou, vou estar lá, ele querendo ou não”. Segundo ele, sua esposa Luzia a convidou.

No dia seguinte, lá estava ela afirmando-se afrodescendente em suas vestes e em sua religiosidade, ao utilizar e ostentar suas guias. Maria Laurinda chegou no momento do almoço, sendo apresentada por Leonardo Ventura: “Essa daqui é Dona Maria Laurinda Adão, mestra do grupo Caxambu Santa Cruz de Monte Alegre”. Foi nesse momento que ela teve oportunidade de vender seu livro chamado"Todas as Faces de Maria".

Foi também, durante a visita, que os moçambicanos puderam conhecer a Dança do Caxambu, o trabalho da Horta Comunitária e da Agroindústria Familiar.

Podemos afirmar que, no panorama global de ações voltadas para a sustentabilidade e manutenção de comunidades tidas como tradicionais, o Quilombo de Monte Alegre vem se projetando como um tipo de referência. A análise crítica aqui empreendida visa chamar a atenção para pontos importantes que poderiam ser melhor compreendidos e trabalhados a fim de que os preconceitos e processos de dominação infligidos às comunidades negras por seus saberes e, principalmente, por sua forma de ser religiosa, não permaneçam, ainda que de maneira velada.

De acordo com a pesquisa, percebeu-se que, somente na Festa do “Raiar da Liberdade”, que acontece todo dia 13 de maio de cada ano - Dia da Abolição da Escravatura,a religiosidade pode ser explicita e abertamentecomunicada e, assim, apreciada pelos visitantes, em especial, por pesquisadores que frequentam instituiçõesde ensino superior e por aqueles que comungam de religiões de matrizes africanas.

Dona Maria Laurinda não participa das ações de turismo pedagógico desenvolvidas por Leonardo Ventura. No entanto, percebendo a importância de ações voltadas para o turismo como meio de expressar sua forma de ser e estar no mundo para os seus e para a sociedade envolvente, Dona Maria Laurinda desenvolve ações voltadas para a recepção gratuita de turistas durante a Festa do “Raiar da Liberdade", no 13 de maio de cada ano. Tais ações subvertem a própria noção de aula-passeio, pois invertem a relação educador-educando, permitindo que a mestra da cultura afro-brasileira seja assim reconhecida e tenha sua voz e vez respeitada ao longo dessa ação educativa. Por meio desse único dia de festa, a cada ano, a memória da escravidão é valorizada e comunicada aos visitantes que são convidados, para experimentar, em seu próprio corpo, o calor da fogueira que reúne, aquece os dançantes e afina os tambores. O ritmo e as melodias das músicas do caxambu expressam,hoje, os saberes ancestrais e convidam os corpos, para dançar na mesma cadência em que, um dia, os escravos dançaram suas músicas, a fim de expressar toda sua astúcia ao esconder os conhecimentos sobre fugas, amores, religiosidade, em forma velada de desafio e resistência ao mundo do branco.

Foi possível compreender, ao longo da pesquisa, que Dona Maria Laurinda se afirma quilombola a partir da gramática e dos símbolos religiosos de matriz afro-

brasileira e, apesar do conflito religioso que perpassa a comunidade, essa não é deixada de ser colocada em prática no seu cotidiano. Afirmar a religiosidade afro-brasileira diante da sociedade envolvente e, por meio dela, expressar seus valores, suas preocupações, suas regras e seu modo de ser e estar no mundo constitui a grande expressão de rebeldia e resistência de Maria Laurinda, elementos esses que caracterizam a própria noção na história de longa duração dos quilombos do Brasil.

Por seu turno, Leonardo Ventura, gradativamente, vem dando visibilidade à Comunidade Quilombola de Monte Alegre desenvolvendo, desde 2005, ações de turismo pedagógico em consonância com o oferecimento de aulas-passeio, desenvolvidas paraas escolas da região. Por meio dessas atividades de turismo pedagógico, ofertadas por ele e sua família, é operada a ressignificação do conceito de comunidade quilombola. Se alguns livros didáticos insistem trazer uma representação de quilombo como terra de negro escravo fugido, apresenta-se, a partir das visitas, um outro panorama dessas comunidades negras do Brasil, lidando com a diferença na ótica do contato e não do isolamento.

Ao analisar o folder, compreende-se que as atividades que mais se remetiam a uma memória e a uma ancestralidade africana, principalmente aquelas vinculadas às religiões afro-brasileiras, foram relegadas ao desaparecimento e desuso.

O Quilombo de Monte Alegre é estruturado para receber seus visitantes a partir de uma "Zenzala", amplo espaço (que lembra uma varanda)ldestinado às refeições. Decorada com fogão de lenhae com peças antigas, como a panela de ferro, a máquina de moer, o pilão, esse espaço tem, ao seu redor, o belo gramado, lago à sua frente e, mais ao fundo, o início da trilha para a floresta. Não há espaço para imagens queremetam à pobreza, fome ou sujeira.

De caráter diverso, o significado dado aos temas de resistência e rebeldia, enquanto elementos próprios das ações quilombolas, são apresentados por Ventura como tudo aquilo que merece ser destacado aos estudantes como base de sustentabilidade econômica e ecológica à comunidade. Coerente com a essa visão,está a luta contra a pobreza secular que impôs, durante séculos,aos negros no Brasil, um discurso voltado para a preservação da natureza o que significa agir contra a monocultura, contra todas as formas de dominação econômica existentes no mundo rural campesino. É diante desse quadro explicativo que podemos compreender as ações de Leonardo Ventura na busca pelas políticas públicas que permitiram a construção de uma série de estratégias voltadas, para garantir o

acesso a bens e recursos para a ampliação dos conhecimentos técnicos e científicos empregados nas ações dos quilombolas.

Ventura e sua família são cristãos protestantes e professam a construção de uma solidariedade pautada na promessa e salvação dos eleitos a partir da crença em Jesus Cristo. Esse constitui o ponto mais polêmico a ser analisado nessa dissertação, uma vez que, como cristão protestante, Ventura está distante e é interditado de acessar qualquer tipo de conhecimento relativo à religiosidade afro-brasileira, por essa ser taxada de, no mínimo, "feitiço". Esse é o principal entrave para uma relação mais colaborativa entre Maria Laurinda - Leonardo e seus respectivos grupos familiares.

Nota-se um certo silenciamento quanto à temática das religiões afro-brasileiras na abordagem realizada ao longo das visitas, ainda que essa temática seja pertinente a todo o trabalho executado, na relação entre divindades e determinados elementos da natureza e em práticas efetivadas por parte dos habitantes da comunidade de Monte Alegre.

Ao longo das atividades de turismo pedagógico realizadas por Leonardo, verificou-se que os temas abordados possuem consonância com as disciplinas tradicionais no currículo escolar e dão pouca visibilidade às temáticas relativas à História e à Cultura Africana e Afro-descendente, deslocando o foco das principais atividades da visita para ações em que os conhecimentos técnicos e científicos são suscitados, para se discutir a preservação ambiental da mata adjacente ao quilombo por parte dos quilombolas.

Compreendendo a visão religiosa de Ventura, pode-seconstatar que ele se afirma quilombolaa partir da gramática técnico-científica, pautada no discurso da sustentabilidade e da defesa da diversidade ambiental por meio do acesso à políticaspúblicas disponíveis. Esse é o discurso por ele proferido, seja na justificativa de sua participação nos editais públicos, seja nos conhecimentos por ele ensinados durante às aulas-passeio, como forma de dar visibilidade às ações desenvolvidas pela comunidade quilombola, tendo-o como liderança.

Assim, compreende-se que tanto Maria Laurinda Adão como Leonardo Ventura agenciam em suas falas saberes diversos, um pautado na religião afro-brasileira (por conseguinte na diversidade cultural) e outro, nas ações políticas voltadas para a agro-ecologia e agricultura familiar (diversidade ambiental). Podemos, então, considerar que os saberes agenciados por Ventura, por serem

pautados em técnicas validadas pela ciência, são amplamente aceitos pela sociedade envolvente. Já os conhecimentos agenciados por Maria Laurinda, a partir da memória da escravidão e dos valores das religiões afro-brasileiras, são combatidos há 500 anos. É nesse sentido que encontramos uma situação de assimetria de discursos e de escopo de ação que tende a reproduzir os sistemas de dominação e manutenção das desigualdades econômicas e sociais da sociedade brasileira no interior do Quilombo de Monte Alegre.

Como forma de reconhecimento e combate a essa assimetria, o Governo Federal vem criando alternativas pautadas na efetivação de políticas públicas que têm como objetivo promover a igualdade racial, o respeito à diversidade cultural e à maneira de ser, pensar e agir de cada povo.

O I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (2012 – 2015) é uma destas alternativas. Ele nasce do reconhecimento, por parte do Governo Federal, por meio da Secretaria de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial e dos órgãos federais que compõem o Grupo de Trabalho Interministerial, para garantir direitos, efetivar a cidadania, combater o racismo e a discriminação sofrida pelos povos e comunidades tradicionais de matriz africana. De acordo com o plano:

1. “A Constituição Federal de 1988 representa um marco para as políticas de promoção da igualdade racial, especialmente por apresentar diversos princípios e diretrizes sobre o tema;
2. No período de 1964 até 1984, o país se tornou signatário de tratados internacionais de criminalização do racismo e de enfrentamento às desigualdades. Durante esse período, foi ratificada a Convenção 111 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) Concernente à Discriminação em Matéria de Emprego e Profissão e a Convenção Relativa à Luta contra a Discriminação no Campo do Ensino, ambas de 1968. A Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação, de 1969, também foi ratificada pelo governo militar e o país participou nas duas conferências mundiais contra o racismo em 1978 e 1983;
3. A partir da Constituição Federal de 1988, a temática racial se faz presente, principalmente, na criminalização do racismo, na

valorização da diversidade cultural e no reconhecimento dos direitos territoriais das comunidades quilombolas. Também em 1988, foi criada a Fundação Cultural Palmares (FCP) – organismo federal voltado à promoção e à preservação da influência negra na sociedade brasileira. Ligada ao Ministério da Cultura (MinC), a FCP foi a primeira instituição responsável por promover a igualdade racial e a valorização da cultura negra no país;

4. Em 9de janeiro de 2003, o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou a Lei 10.639, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) do ano de 1996, instituindo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afrobrasileira e africana nas escolas do ensino fundamental e médio do sistema público e privado, atendendo a uma demanda antiga do Movimento Negro. A educação para as relações étnico-raciais é tema prioritário entre as ações contidas no *I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana*, pois sua implementação depende também da participação dos guardiões e das guardiãs da cultura negra no país, as lideranças tradicionais de matriz africana, como é o caso da “Dona Maria Laurinda”, (grifo meu);
5. Em 21 de março de 2003, foi criada a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, hoje Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial – SEPPIR, vinculada à Presidência da República, sendo este mais um marco histórico do reconhecimento do Estado às lutas do Movimento Negro brasileiro e da necessidade de combater o racismo. Junto ao ato de criação da SEPPIR também foi criado o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR), órgão colegiado de caráter consultivo, composto por 22 órgãos do Poder Público Federal e 19 entidades da sociedade civil, escolhidas por meio de edital público, além de três notáveis indicados pela SEPPIR. Em 20 de novembro do mesmo ano, novo Decreto Presidencial estabeleceu a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial (PNPIR), e o Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial (FIPIR), instância vinculada à Secretaria Executiva da SEPPIR;
6. Em 7 de fevereiro de 2007, foi instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades

Tradicionais pelo Decreto 6.040. O Decreto define os princípios, objetivo geral, objetivos específicos e os instrumentos de implementação da Política. No inciso I, do artigo 3º, é dada a definição de povos e comunidades tradicionais: “grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua produção cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição”. Esse Decreto é o primeiro marco legal que garante direitos e reconhece a diversidade dos povos e comunidades tradicionais para além dos povos indígenas e das comunidades quilombolas;

7. Ainda em 2007, a ratificação da Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, através do Decreto Presidencial 6.177, de 1º de agosto, reafirmou o compromisso do Estado brasileiro com o respeito à diversidade cultural e à liberdade de expressão das práticas tradicionais, estabelecendo também definições conceituais que orientam a construção de políticas públicas destinadas a esse grupos;
8. Em 10 de julho de 2010, foi promulgado, por meio da Lei 12.288, o Estatuto da Igualdade Racial, documento que compreende proposições de políticas públicas nos campos do direito à saúde, educação para diversidade e a valorização da cultura e da tradição africana no Brasil. Também prevê a garantia de liberdade e das condições necessárias para o exercício das práticas tradicionais de matriz africana, e valorização pelos meios de comunicação dessa herança cultural” (I PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICA 2012 – 2015, p.16 - 18).

Diante desse histórico, concebe-se que o Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africanadialoga diretamente com a trajetória histórica e com os marcos legais que balizam a Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial. É importante ressaltar que esse plano

foi elaborado com o apoio dos princípios e dispositivos doEstatuto da Igualdade Racial, Lei 12.288 de 20 de julho de 2010, e da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, Decreto 6.040, de 07 de fevereiro de 2007 (I PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DOS POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS DE MATRIZ AFRICA 2012 – 2015, p. 18, 26).

Cabe ressaltar que Leonardo Ventura e Maria Laurinda Adão, apesar de desenvolverem ações voltadas para o público estudantil, não são pedagogos e agem, criando mensagens absolutamente honestas a partir de seus respectivos e específicos pontos de vistas, como negros e quilombolas. Se há algo faltando na ação de turismo pedagógico desenvolvido no Quilombo de Monte Alegre é, certamente, a ação dos professores, coordenadores e diretores das escolas de Cachoeiro e região que, na grande maioria das visitas analisadas, delegaram a responsabilidade de seu planejamento e execução de ações educativas às lideranças do Quilombo, sem compreender a variedade de significados econflitos constituintes desses discursos.

Pensando nisso é que propomos retornar à comunidade, elaborando um folheto explicativo a ser distribuído aos professores e alunos que permita, ao leitor, compreender a história e os diferentes significados que o termo quilombo adquiriu ao longo dos anos, focando, também, a explicação das culturas africanas e afro-brasileiras.

A formação continuada de professores no tocante à Lei 11.645/2008 pode ser uma alternativa às ações voltadas para o ensino de conteúdos da História e Cultura Afro-brasileira, Africana e Indígena nas escolas. No entanto, cabe ainda questionar o óbvio: o que seria mais consonante ao ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena que uma visita a uma comunidade negra quilombola? No entanto, o processo dessa pesquisa revelou nuances e especificidades de difícil abordagem que nos permitem compreender o intrincado processo de construção de símbolos e, por conseguinte, da construção de conhecimentos sobre as identidades negras no Brasil. É também disso que trata essa dissertação.

Finalmente, esta pesquisa aponta para a necessidade de dar visibilidade ao trabalho realizado por Leonardo suas conquistas em fazer dos remanescentes de quilombo, sujeitos autônomos, capazes de contribuir para a política educacional e cultural de Cachoeiro de Itapemirim e região. Aponta, também, para necessidade de

valorizar as ações de Dona Maria Laurinda como ícone religioso e cultural da sociedade cachoeirense de modo a permitir que o respeito pela sua religiosidade seja colocado em prática no âmbito do contexto educativo (especificamente no contexto do Turismo Pedagógico), econômico e político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONFIM, Mailene Vinhas de Souza. Por uma Pedagogia diferenciada: Uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Revista Turismo Visão e Ação** – Eletrônica, v.12, nº1, p.114 – 129, jan/abr. 2010.

Brandão, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

_____. **O que é folclore**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. Institui as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC, 1998.

_____. Presidência da República. *Lei nº 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos tema transversais, ética. Secretaria da Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: história e geografia. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. ed. – Brasília: MEC/SEF, 2001.

_____. *Lei nº 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. Brasília, DF: 10 de março de 2008. Disponível emhttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em 18 de dezembro. 2013.

CEZAR, Lilian Sagio. O estatuto da fotografia e a pesquisa etnográfica: direito de uso imagem e representação autorizada. 2010.

COHN, Clarice. Culturas em Transformação: os índios e a civilização. **São Paulo Perspec**. Vol.15, nº. 2, São Paulo. Apr/June 2001.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Legislação educacional brasileira**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FELINTO, Renata. **Culturas africanas e afro-brasileiras em sala de aula**: saberes para os professores, fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade a artes visuais. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2012.

FREINET. Célestin. **Para uma escola do povo:** guia prático para a organização material, técnica e pedagógica da escola popular. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Pedagogia do bom senso**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Política e Educação.** São Paulo: Cortez. 2001.

GARCIA, Leandro Pinho. e COUTO, L. A. **A História no ensino fundamental**: entendendo os fios que constroem a formação/ identidade do professor da rede pública e privada do município de Itaperuna – RJ. ANPUH-ES. ANAIS ELETRÔNICOS DO IV ENCONTRO DA ANPUH-ES. História, representações e narrativas.Vitória, 2003. ISBN 85-903587-4-7.

GUIA DE AVES DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE MONTE ALEGRE. Corredor Ecológico – Burarama. Pacotuba. Cafundó. 2012, p. 15.

FILHO, Genildo Coelho Hautequestt; ALMEIDA, Isabel Cristina de. **Cultura Popular**: narrativas de devoção por seus mestres. Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal, 2011.

_____.**Todas as faces de Maria**. Maria Elvira Tavares Costa (org.) Cachoeiro de Itapemirim, ES: Gracal, 2012.

GEERTZ, C. O saber local: Novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papirus, 1996.

KRAMER, S. (Coord.). **Com a pré-escola nas mãos: uma alternativa curricular para a educação infantil**. São Paulo, Ática, 1994.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LEITE, Ilka Boaventura. O Projeto Político Quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 16(3): 424, setembro-dezembro/2008.

MARSHALL, T.H. Política social. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

MATTOS, Hebe. “Remanescentes das comunidades dos quilombos”: memória do cativeiro e políticas de reparação no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, nº.68, p.104 – 111, dezembro/fevereiro 2005-2006.

MELLO, M. MOURA. **Reminiscências dos quilombos:** territórios da memória em uma comunidade negra rural. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

Ministério da Educação/Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: SECADI, 2012. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/. Acesso em 04/05/2014.

MOURA, Clóvis. História – Quilombos e Quilombolas**. QUILOMBOS E QUILOMBOLAS NO BRASIL, MAS NO PARANÁ, QUEM DIRIA**. Disponível em: http://www.quilombos.pr.gov.br/. Acesso em: 08 de novembro. 2013.

MOURA, Clóvis. **Quilombos, resistência ao escravismo**. São Paulo: Ática, 1989.
MOURA, Glória. **Quilombos contemporâneos:** resistir e vencer. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2012.

OLIVEIRA, A; SALVADOR, C; ARRUDA, MARIA DA CONCEIÇÃO. O ensino de história e cultura afro-brasileira: coisa de demônio ou caminho para a construção de uma educação antirracista? **Revista Ibero-americana de Educação** – nº 61/1 – 15/01/13.

Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana. 2013-2015. **Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial**.

QUINTANA, Eduardo (2011). Socialização no candomblé: o vir a ser filho-de santo – XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais – Diversidades (Des) Igualdades. Salvador – BA.

REIS, Maria Clareth Gonçalves. **Escola e Contexto Social**: um estudo de processos de construção de identidade racial numa comunidade remanescente de quilombo. Dissertação (Mestrado em Educação), UFJF, 2003.

RELATÓRIO TÉCNICO DE IDENTIFICAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOS DE MONTE ALEGRE – Projeto Territórios Quilombolas no Espírito Santo – UFES – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA. Território “Quilombola” de Monte Alegre – História, Cultura, Meio Ambiente e Direito Étnico. Vitória – ES. 2006.

SCHMITT, A; TURATTI, M; CARVALHO, M. A atualização do conceito de quilombo: identidade e territórios nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** – Ano V – nº 10 – 1º Semestre de 2002.

SHORES, Elizabeth e GRACE, Cathy. **Manual de Portfólio; um guia passo a passo para o professor**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

SILVA, Gama Rita. De jongos e caxambus: ancestralidade, poder da palavra e novas demandas. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, v.3, n.1, p. 137-53, 2006.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2005.

TEIXEIRA, Elenaldo Celso. O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade. Salvador. **AATR**. p. 02, 2002.